



UFRR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DE LINGUAGEM E CULTURA
REGIONAL

SILVIA HELENA FREITAS ALENCAR

PRÁTICAS DE LINGUAGEM E A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA EM UM ESPAÇO
HOSPITALAR MULTILÍNGUE E INTERCULTURAL

Boa Vista/RR

2012

SILVIA HELENA FREITAS ALENCAR

**PRÁTICAS DE LINGUAGEM E A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA EM UM ESPAÇO
HOSPITALAR MULTILÍNGUE E INTERCULTURAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Estudos de Linguagem e Cultura Regional.

Orientadora: Professora Doutora Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas.

Co-orientadora: Professora Doutora Carla Monteiro de Souza.

Boa Vista/RR

2012

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central Profª Maria Auxiliadora de Sousa Melo

A368p Alencar, Silvia Helena Freitas
Práticas de linguagem e a constituição identitária em um
espaço hospitalar multilíngue e intercultural / Silvia Helena
Freitas Alencar. -- Boa Vista, 2012.
116 p. : il.

Orientador: Prof.^a. Dr.^a. Déborah de Brito Albuquerque
Pontes Freitas.

Co-orientador: Prof.^a. Dr.^a. Carla Monteiro de Souza.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de
Roraima, Programa de Pós-Graduação em Letras.

1 – Linguagem. 2 – Identidade. 3 – Narrativas. 4 –
Contexto multilíngue e intercultural. I - Título. II – Freitas,
Déborah de Brito Albuquerque Pontes (orientador).

CDU801:372(811.4)

SILVIA HELENA FREITAS ALENCAR

PRÁTICAS DE LINGUAGEM E A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA EM UM ESPAÇO
HOSPITALAR MULTILÍNGUE E INTERCULTURAL

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima. Área de Concentração: Estudos de Linguagem e Cultura Regional. Defendida em 03 de março de 2012 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Professora Doutora Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas
Orientadora/Presidente da Banca/Professora do Mestrado – UFRR

Professor Doutor Manoel Gomes dos Santos
Membro da Banca/Professor do Mestrado – UFRR

Professora Doutora Terezinha de Jesus Machado Maher –
Professora convidada – IEL/UNICAMP

Professora Doutora Carla Monteiro de Souza
Co-Orientadora/Suplente/Professora do Mestrado - UFRR

DEDICO ESTE TRABALHO COM MUITA EMOÇÃO...

Aos meus pais Francisco Milton de Freitas, 80 anos e Marieta de Souza Freitas, 76... Raízes do que sou, fortaleza dos meus sonhos... Quero aqui, em especial, dizer a minha mãezinha, essa mulher frágil na aparência, mas que tem a garra de orientar os filhos no caminho da honestidade, da fé e da realização dos sonhos: "Mãe, a senhora, mesmo não tendo a leitura da palavra, me ensinou e me ensina com arte a vida letrada".

Ao meu esposo Sérgio... Há vinte e três anos acompanha cada passo da minha trajetória vibrando com minhas conquistas, fortalecendo-me e acreditando junto comigo... Meu companheiro, amigo e primeiro leitor desta dissertação. Sua tranquilidade, paciência, alegria e bom humor me ajudaram a superar os momentos de ansiedade. Tenha certeza de que nosso amor foi renovado várias vezes durante esse período de leitura e escrita.

A minha filha Ana Laura... Meu bem mais precioso. Seus abraços, beijos e aconchegos sempre me renovam e me fazem agradecer a Deus todos os dias pela oportunidade de ser mãe. Filha, eu te amo!

Às mulheres – Helena, Isabel e Sara e a todas que continuam a estabelecer suas práticas de linguagem no quarto de acolhimento...

É O MOMENTO DE DIZER MUITO OBRIGADA...

Esta não é apenas mais uma página da minha dissertação... Com carinho, agradeço...

Ao Deus da minha vida... Minha Força e Vitória... Os momentos de espiritualidade e fé sustentaram meus ideais.

À família de perto... Laura (sogra), Martônia, Fátima, Luzia, Helena, Gorete, Cristina, (cunhadas), Péricles, Zé, Serjão (cunhados), Rafael, Daniel, Felipe, Albano, Pedro, Lucas, Vinícius, José Vítor, Vítor (sobrinhos), Érica, Laíze e Liza (sobrinhas)... Pela presença em momentos importantes da minha vida como este.

À família de longe... Fatinha, Aninha, Regina, Miltinho, Liduina (irmãos), Julianny, Maria Júlia, Isabele, Bruna (sobrinhas), Carlos Vítor, Israel e Mateus (sobrinhos)... Por me darem força em prosseguir com meus objetivos.

À Professora Doutora Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas, minha orientadora... Seu carinho, atenção, conselhos foram fundamentais para que eu prosseguisse com equilíbrio e confiança. Déborah, muito obrigada por estar comigo na realização deste sonho!

À Professora Doutora Carla Monteiro de Souza, co-orientadora... Pessoa extraordinária... As conversas com Carla renovavam minha paixão em percorrer os caminhos das narrativas de Helena, Isabel e Sara e, o mais importante, me fortaleciam sempre... Obrigada por tudo!

À Professora Doutora Francilene Rodrigues, carinhosamente France... Por ter orientado a escrita do pré-projeto para ingresso no mestrado, ainda em 2008. Obrigada por me receber em sua sala, em pleno horário de almoço, ouvir minhas ideias e torcer por minha conquista.

À Professora Doutora Terezinha de Jesus Machado Maher... Por aceitar o convite em participar da Banca Examinadora, contribuindo valiosamente para minha pesquisa.

Aos professores do PPGL:

Professora Doutora Cátia Monteiro Wankler... Por sua dedicação como primeira Coordenadora do Programa e por ser essa pessoa iluminada.

Professor Doutor Devair Antônio Fiorotti, professor da Universidade Estadual de Roraima/UERR... Pela parceria e contribuição no Programa.

Professor Doutor Élder José Lanes... Por estar sempre presente, disposto a ajudar e pela alegria contagiante.

Professor Doutor Lourival Novais Néto... Pelas aulas apaixonantes da Disciplina Discurso e Identidade Cultural, pela grandeza de mestre em partilhar o conhecimento, por expandir sorrisos e simplicidade e por suas contribuições no exame de qualificação.

Professor Doutor Manoel Gomes... Pela serenidade, paciência, disponibilidade, pelas sugestões valiosas na fase de qualificação e defesa desta dissertação.

Professora Doutora Odileiz Sousa Cruz... Pelo empenho e desempenho na atual Coordenação do Programa e por me dizer sempre que sou capaz.

Professor Doutor Roberto Mibielli... Ainda na graduação orientou minha escrita e hoje amplia minhas leituras acadêmicas.

Às parceiras...

Adriana Moreno, Dri... Pela troca constante de leituras, pela companhia nos congressos e, principalmente, pelas conversas sobre música, arte e nordeste.

Carmem Spotti... Pela confiança, palavras de coragem e força que só uma gaúcha sabe dizer.

Idelvânia Rodrigues, Idel... Por transmitir a sabedoria da experiência de vida em todos os momentos que precisei. Por ter me acompanhado em visita à Comunidade da Malacacheta e estreitado os laços com a família de Isabel.

Hérica Castro... Pela companhia no trabalho e nos estudos.

Em especial, a Maria Lúcia... Uma amiga que me deu a permissão de chamá-la de irmã. Moramos no mesmo bairro há dezenove anos e foi com o mestrado que nossos caminhos se encontraram. Obrigada, Lúcia, pelas escutas diárias de meus medos e inseguranças, por ajudar a amadurecer minha espiritualidade e fé, pelas orações que fizemos juntas, pela agradável companhia nas manhãs e tardes de estudo em minha casa, pelas conversas sobre tanta coisa...

E ainda,

À Equipe do Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth: Dr^a Ana Carolina, Dr^a Bianca, Dr^a Letice, Gleiciane (Secretária), Miriam (enfermeira), Rita (enfermeira) e todos os funcionários das Alas: Pedras Preciosas e Rosas por terem me recebido com carinho e atenção, favorecendo à conclusão da pesquisa.

Ao Eneo, secretário do PPGL, pela constante disposição em ajudar e tornar mais tranquilos os momentos burocráticos.

À amiga Patrícia Grisa, Coordenadora do Curso de Pedagogia da FARES, por me escutar nos momentos de ansiedade, por compreender minha ausência em alguns eventos da faculdade e por me liberar para participação em congressos.

A Maggie, que entende muito bem a palavra carinho... Seus afagos no colo me trouxeram amparo nos momentos solitários de leitura e escrita.

À CAPES, pela bolsa DS durante o período de realização do curso.

RESUMO

A pesquisa é uma análise da relação linguagem e identidade a partir das narrativas de três mulheres de perfil linguístico e cultural diferente: duas brasileiras (uma indígena e uma não-indígena) e uma guianense (não indígena) que viveram, no período de abril a junho de 2009, uma experiência de contato em um espaço hospitalar público multilíngue. O objetivo foi investigar as práticas de linguagem e a constituição identitária de sujeitos que conviveram em um quarto do Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth, em Boa Vista, capital do Estado de Roraima. Trata-se de uma abordagem pautada na Linguística Aplicada por ser uma área do conhecimento que dialoga com outros saberes como a Antropologia, as Ciências Sociais, os Estudos Culturais, entre outros, delineando assim um caráter transdisciplinar. Nesta perspectiva, as narrativas dessas mulheres, registradas em diário de campo e em entrevistas semiestruturadas gravadas em áudio, foram roteirizadas e trianguladas com outros registros, tais como: entrevistas com direção e funcionários do hospital, documentos oficiais disponibilizados pela instituição, fotos e croqui. Para a análise, trago uma discussão inicial dos construtos linguagem e identidade, perpassando por outros, tais como: representação, cultura, memória, oralidade, narrativa, alteridade, sendo o eixo central a linguagem. A pergunta de pesquisa que orientou o estudo foi: Como se davam as práticas de linguagem e o processo identitário em um espaço hospitalar multilíngue e intercultural? As discussões desenvolvidas a partir desse questionamento evidenciam que o contato com práticas de linguagem e de cultura diferentes proporcionou às mulheres a ressignificação de si e dos outros e aponta como expectativa, que este trabalho visibilize a existência de um contexto hospitalar sociolinguisticamente complexo. Percebi, ainda, que as práticas estabelecidas nesse lugar revelaram a possibilidade de ampliar as ações institucionais que abarquem a heterogeneidade e a abertura de um diálogo intercultural.

Palavras-chave: Linguagem. Identidade. Narrativas. Contexto multilíngue e intercultural.

ABSTRACT

The research is an analysis of the language and identity from the narratives of three women from different cultural and linguistic profile: two Brazilian (one indigenous and one non-indigenous) and a Guyanese (non-indigenous) who lived in the period from April to June 2009, an experience of contact in a multilingual public hospital space. The aim was to investigate the language practices and identity formation of individuals who lived in a room of Maternal and Child Hospital, in Boa Vista, Roraima state capital. It is an approach based in Applied Linguistics as an area of knowledge in dialogue with other knowledge such as Anthropology, Social Sciences, Cultural Studies, among others, thus outlining an interdisciplinary character. In this perspective, the narratives of these women, recorded in a field diary and semi-structured audio taped interviews were scripted and triangulated with other records, such as interviews with management and employees of the hospital, official documents provided by the institution, photos and sketches. For the analysis, I bring an initial discussion of language and identity constructs, passing by others, such as representation, culture, memory, orality, narrative, otherness, and the central axis of the language. The research question that guided the study was: How did language practices and identity process happen in a multilingual and intercultural hospital space? The discussions developed from this question show that contact with different language and culture practices provided women the redefinition of themselves and others and shows as expectation that this work visible the existence of a complex sociolinguistic hospital context. I noticed also that the established practices in place revealed the possibility of expanding the institutional actions that encompass the heterogeneity and the opening of an intercultural dialogue.

Keywords: Language. Identity. Narratives. Multilingual and intercultural context.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
TRAJETÓRIA DE UMA PESQUISA: (RE) CONSTITUINDO OS PASSOS... (RE) DESCOBRINDO OS SENTIDOS	10
OS PRIMEIROS PASSOS: (RE) ENCONTRANDO OS SUJEITOS	13
O CAMINHO METODOLÓGICO PARA A ANÁLISE DOS DADOS	17
DELINEANDO A DISSERTAÇÃO	21
CAPÍTULO 1 – A CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES EM CONTEXTOS MULTILÍNGUES: UMA DISCUSSÃO INICIAL	23
1.1. LINGUAGEM E IDENTIDADE: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS	23
1.2. DESVELANDO REALIDADES SOCIOLINGUISTICAMENTE COMPLEXAS	32
1.3. QUARTO DE ACOLHIMENTO: ESPAÇO HOSPITALAR PÚBLICO MULTILÍNGUE	35
CAPÍTULO 2 – PRÁTICAS DE LINGUAGEM: CONSTRUINDO OS SENTIDOS NO COTIDIANO HOSPITALAR	44
2.1. PRÁTICAS DE LINGUAGEM NO QUARTO DE ACOLHIMENTO: O OLHAR DAS EX-PARTURIENTES	44
2.2. PRÁTICAS DE LINGUAGEM E O OLHAR INSTITUCIONAL: UMA BREVE REFLEXÃO	51
CAPÍTULO 3 – REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DE LINGUAGEM: NARRATIVAS SOBRE SI E SOBRE O OUTRO	57
3.1. O SILÊNCIO DE ISABEL: UMA REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM	59
3.2. O OUTRO FALADO POR MIM: REPRESENTAÇÕES DE SARA	66
3.3. SUA LÍNGUA ERA A MAIORIA: REPRESENTAÇÕES DE HELENA	70
CAPÍTULO 4 – IDENTIDADES E PRÁTICAS DE LINGUAGEM: UM ENLACE DE SI COM O OUTRO	75
4.1. IDENTIDADE E DIFERENÇA NO QUARTO DE ACOLHIMENTO: UM DIÁLOGO INTERCULTURAL	77
4.2. DA CONVIVÊNCIA COM OUTROS À FRAGMENTAÇÃO DE SI	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
O PONTO DE PARTIDA PARA OUTRAS TRAJETÓRIAS: NOVOS PASSOS... NOVOS CAMINHOS A TRILHAR	91
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICES	104
ANEXOS	110

INTRODUÇÃO

TRAJETÓRIA DE UMA PESQUISA: (RE) CONSTITUINDO OS PASSOS... (RE) DESCOBRINDO OS SENTIDOS

Toda trajetória é estruturada em torno de uma sucessão temporal de acontecimentos, situações, projetos e ações que dela resultam... (BERTAUX, 2010, p. 48)

À luz dessa epígrafe começo minha dissertação, considerando como elemento desencadeador do enredo da pesquisa aqui descrita, a relação entre vivência e ciência. Sinto-me, ainda, uma pesquisadora iniciante, entretanto sempre pensei que das inquietações pessoais poderia chegar às inquietações epistemológicas, isto é, julgo que a produção do conhecimento científico está intrinsecamente relacionada às nossas experiências. Tal pensamento foi consolidado durante as aulas do Mestrado, uma vez que o debate sobre o fazer científico foi permanente em todas as disciplinas.

Acreditando, dessa forma, que as pesquisas emergem de vivências particulares, do momento histórico-social em que vivemos elaborei o projeto para o presente trabalho baseando-me exatamente em uma experiência vivenciada em um espaço multilíngue do Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth, também intitulado pela sigla HMINSN, localizado em Boa Vista, capital do estado de Roraima.

Denomino-o como multilíngue por se tratar de um ambiente partilhado por mulheres oriundas das cidades de Santa Elena de Uairén¹, na República Bolivariana da Venezuela; Lethem², na República Cooperativa da Guiana; das comunidades indígenas da região; de Boa Vista e de outros municípios do estado.

O conhecimento desse cenário ocorreu no período de abril a junho de 2009, quando acompanhei uma mulher que, ao dar à luz, viu seu bebê sofrer uma parada cardiorrespiratória e ter de ser internado na UTI neonatal do hospital. A mãe foi alojada em um quarto com outras mulheres para acompanhar a evolução de saúde

¹ Cidade da Venezuela que faz fronteira com o Brasil. Está localizada aproximadamente a 15 km do município de Pacaraima, no estado de Roraima e a 230 km de Boa Vista, capital do estado.

² Cidade da Guiana que faz fronteira com o Brasil. Fica a 7 km do município de Bonfim, no estado de Roraima e a 125 km de Boa Vista, capital do estado.

do filho. Nessa circunstância, as mães que estavam nesse espaço eram consideradas hóspedes pela maternidade, uma vez que já haviam recebido alta médica, embora seus filhos continuassem hospitalizados.

Dessa maneira, senti-me motivada a analisar as relações linguísticas e culturais que se estabeleceram no local e a possibilidade de investigar, a partir das narrativas de ex-parturientes³, como se efetivavam as práticas de linguagem e a constituição de identidades naquele contexto multilíngue.

Assim sendo, percebi-me envolvida e posicionada científica e politicamente em relação às participantes da pesquisa, pois vi que suas vozes evocavam as memórias de suas práticas, sinalizando as experiências e constituindo suas identidades no cotidiano compartilhado nesse lugar. Senti-me responsável por juntar recortes de suas vidas entrelaçadas em um quarto de hospital, e em poder recontá-los; notei, ainda, que a linguagem, como uma articulação no contato com o outro, possibilitou aos sujeitos refletir sobre o significado desta para si.

Nesse sentido, o foco do trabalho em investigar as relações de linguagem e cultura de sujeitos que viveram e conviveram por meses em um espaço hospitalar multilíngue levou-me a compreender, tal qual Portelli (2005, p. 52), que “são eles que dão voz à minha pesquisa, porque se não tivessem voz não poderíamos recolher as canções e as palavras”.

Foram esses aspectos que me impulsionaram a refletir sobre as múltiplas vozes. Precisei ouvi-las por acreditar que em todas as circunstâncias estavam as ações estabelecidas pelos agentes pensantes⁴ mediadas pela linguagem, revelando seu aspecto dinâmico e tornando o sujeito um ser que rememora, conta e narra versões que a vida pode e deve ter.

Acredito, ainda, que esta pesquisa tem dupla autoria: pesquisadora e participantes construíram, ao longo do processo, uma parceria. Eu, uma estranha disposta a escutar, pedindo às ex-parturientes para contar sobre suas práticas e, a partir de seus relatos, alcançar uma percepção sobre a relação linguagem e

³ Parturiente representa uma condição momentânea da mulher; significa “está prestes a ou acabou de parir” (HOUAISS, 2008, p. 560). Dessa forma, uso o termo “ex-parturiente” para revelar o entrecruzamento dos fatos quando as mulheres estavam nessa condição (passado) e após três anos (presente), quando narram sobre suas práticas de linguagem desenvolvidas no espaço hospitalar no período que lá viveram.

⁴ Expressão usada por Cavalcanti (2006) ao afirmar que há procedimentos e conceitos que não combinam com o fazer pesquisa em Linguística Aplicada. Um deles é focalizar minorias como “objetos” de pesquisa e não como agentes pensantes.

identidade e elas, sujeitos que se deixaram dizer na vida, nas memórias e nas emoções. Foi essa a relação que tivemos. Não posso escamoteá-la. Uma relação de escuta, de silêncios e de reciprocidade.

Dessa forma, foram os momentos de coletas de registro (as conversas não-gravadas, mas apontadas no diário de campo, as visitas à Direção Geral e à Direção de Ensino e Pesquisa/DEP⁵ do HMINSN, as entrevistas narradas, a sessão de fotos do espaço multilíngue em sua versão atual) que consolidaram a escrita desta dissertação. Eu precisei, a princípio, entender o contexto em que essas mulheres viveram parte de suas vidas e percorrer tanto o trajeto geográfico como o de linguagem delineado por elas.

Recordo, assim, que o primeiro passo desse percurso foi no dia 23 de março de 2010 registrado no meu diário de pesquisa⁶, após uma longa conversa com minha orientadora. Naquela manhã de terça-feira, no final da aula, ela pediu-me para contar sobre o meu projeto. Na verdade não falei dele em si, mas do que presenciei em relação ao contato linguístico e cultural no quarto do hospital nos dias em que eu ia visitar uma pessoa próxima. Suas palavras de incentivo, ao final de minha narrativa, fizeram-me acreditar nessa trajetória, nesse caminho que eu havia trilhado lá em 2009, quando eu ainda estava “engatinhando” os primeiros passos na pesquisa.

Com essa perspectiva, apresento o objetivo desse trabalho: investigar as práticas de linguagem e a constituição identitária de ex-parturientes que conviveram em um quarto do Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth, em Boa Vista, capital do estado de Roraima. Considerando tal objetivo, tracei a seguinte pergunta de pesquisa: ***Como se davam as práticas de linguagem e o processo identitário em um espaço hospitalar multilíngue e intercultural?***

A questão inicial se complementa nas subperguntas abaixo:

- Como é delineado o contexto multilíngue em questão?

⁵ Direção de Ensino e Pesquisa: setor que gerencia todas os trabalhos realizados no hospital. Mesmo não sendo uma pesquisa com observação participante, mas tratando-se de questões diretamente relacionadas à instituição, fui solicitada a entregar uma cópia do projeto na DEP.

⁶ Instrumento utilizado para registrar o desenvolvimento do projeto e da pesquisa. Nele concentrei os acontecimentos do dia, discussões com a orientadora, questões a serem aprofundadas, observações, planos, etc. com a intenção de complementar os dados obtidos pela metodologia da investigação. De acordo com Hughes (2000), os principais motivos para manter um diário de pesquisa são os seguintes: - Gerar a história do projeto, o pensamento do pesquisador e o processo de pesquisa; - Fornecer material para reflexão; - Proporcionar dados para a pesquisa; - Registrar o desenvolvimento dos conhecimentos de pesquisa adquiridos pelo investigador.

- Que sentidos são construídos nas práticas de linguagem dos sujeitos no contexto hospitalar multilíngue?
- Que representações são construídas nas narrativas das ex-parturientes a respeito de si e dos outros ao relatarem as práticas de linguagem e de cultura no espaço hospitalar?
- Que práticas de linguagem e de cultura, realizadas no espaço hospitalar e narradas pelas ex-parturientes, sinalizam as experiências vividas e constituem suas identidades?

OS PRIMEIROS PASSOS: (RE) ENCONTRANDO OS SUJEITOS

Não há vidas sem sentido, e não há histórias sem significado. Foi isso que vivi ao ouvir as narrativas construídas por três mulheres dentro da situação de conversas informais geradas nas constantes visitas que fiz a suas casas e na situação de entrevistas gravadas.

A seleção dos sujeitos se deu pela própria composição do espaço hospitalar no período vivenciado: abril a junho de 2009. Eram, na época, onze mulheres entre indígenas e não-indígenas. Foram selecionadas para esta pesquisa duas brasileiras (uma indígena, da etnia Wapixana⁷; uma não-indígena) e uma guianense não-indígena.

Tendo feito essa escolha, foi possível apresentar um perfil cultural, étnico e linguístico diferente que possibilitou a análise das práticas de linguagem dessas mulheres e as relações identitárias estabelecidas com a experiência de contato.

É necessário, assim, que os leitores desta dissertação conheçam um pouco quem são os agentes pensantes, já que, posteriormente, suas falas serão utilizadas como dados para análise.

Ao retomar os primeiros passos da pesquisa, volto-me para o ano de 2009, para as situações de contato que presenciei no quarto do hospital. E uma das minhas selecionadas foi, exatamente, Helena⁸, a mulher que acompanhei na

⁷ População indígena que ocupa a região da Serra da Lua, leste de Roraima. Atualmente, os Wapixana são uma população total de cerca de 13 mil pessoas, habitando o interflúvio dos rios Branco e Rupununi, na fronteira entre o Brasil e a Guiana, e constituem a maior população de falantes de Aruak no norte-amazônico. Disponível em <http://www.cir.org.br> - acesso em 15/07/2011.

⁸ Os nomes próprios que trago na pesquisa foram modificados por razões de natureza ética.

maternidade. Foi ela que instigou minhas percepções pessoais e levou-me às inquietações epistemológicas quando nas tardes de visita me falava: *“Eu me sinto tão estranha aqui. Tem mulheres tão diferentes de mim. Elas falam espanhol, inglês, língua indígena. Tem uma que nem fala... Passa o dia acuada na cama”*.

Helena foi crucial para o desenvolvimento do trabalho, uma pessoa próxima a mim, conhecida há anos. Em nossas conversas, informais ou gravadas, ela estava sempre eloquente para me contar as práticas de linguagem vivenciadas naquela época no espaço hospitalar.

Para situar Helena, tomo as suas próprias palavras quando, em entrevista, peço que fale um pouco sobre si:

“Meu nome é Helena, tenho trinta e um anos, nasci dia doze de outubro de mil novecentos e setenta e nove no município de Santa Luzia no Estado do Maranhão. Saí de lá aos três anos para morar em Rurópolis um município do Pará onde morei até os meus dezoito anos. É... moro aqui em Boa Vista desde janeiro de noventa e sete, tenho o ensino médio completo, minha profissão é empregada doméstica”.

O contato com as outras entrevistadas não foi fácil, uma vez que o Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth não autorizou a divulgação de informações sobre as mulheres que estavam na unidade nos meses de abril a junho de 2009. Foi através de um número de telefone guardado por Helena, ainda na época, que pude ampliar minhas escolhas e chegar até as outras participantes.

Assim, (re) encontrei Sara, uma mulher disposta a falar. Destaco essa característica por ter sido a entrevistada com mais tempo de gravação. As entrevistas com ela foram longas conversas. Às vezes, fazia muitas perguntas, principalmente sobre sua segurança e anonimato no trabalho de pesquisa. Ressalto isso, porque Sara é guianense de nascimento, veio para o Brasil aos doze anos e só aos treze conseguiu o registro brasileiro.

Em nossa primeira conversa ela demonstrou essa preocupação, quando disse: *“Sou guianense, mas só fui registrada aqui quando eu tinha treze anos, não vai dar problema pra mim?”*

Após essa indagação, expliquei todas as etapas do trabalho e apresentei-lhe o TCLE⁹, pelo qual confirmei o anonimato e a mudança de nomes dos participantes. Fizemos a leitura juntas e, em cada dúvida de Sara, respondia seus questionamentos. Deste modo, ela se sentiu mais tranquila e se apresentou:

“Nasci na Guiana, né? Na cidade de Santo Inácio, perto do Lethem, no dia vinte e nove de janeiro de mil novecentos e oitenta e um. Com doze anos eu vim aqui pro Brasil morar por causa dificuldades lá no meu país e da separação dos meus pais. Vim sozinha pra cá. Eu já tinha uma tia morando aqui. Fiquei trabalhando assim em casa de família, engravidei com catorze anos, tive minha primeira filha. Aí com dezoito anos tive meu segundo filho, quando ele tinha um ano eu conheci meu marido, que vivo hoje com ele. Aí moremos por aí, quarto alugado, até que eu ganhei essa casa que você tá vendo, no Conjunto Cidadão¹⁰. Agora tô sem trabalhar, fiz até quinta série”.

O contato com a terceira participante da pesquisa, Isabel, uma wapixana, foi em janeiro de 2011, na Comunidade da Malacacheta¹¹. Fui ao seu encontro para convidá-la a fazer parte do trabalho. Mesmo não sendo uma pesquisa na e sobre a comunidade, fui solicitada a apresentar a proposta publicamente, dentro da igreja católica da comunidade com a presença de alguns moradores e lideranças para, em seguida, receber a autorização da tuxaua¹².

⁹ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: “O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.” (Resolução. nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde).

¹⁰ Bairro localizado na Zona Oeste de Boa Vista. Foi fundado em 2003 com a entrega de mil casas pelo Governador Flamarion Portela para a população de baixa renda.

¹¹ De acordo com Carneiro (2008) é uma comunidade pertencente à Região Indígena da Serra da Lua (região localizada a centro-leste do estado de Roraima; faz fronteira com a República Cooperativa da Guiana). A comunidade é a mais antiga da região. Sua homologação é recente, janeiro de 1996. Foi demarcada com uma área de 28.631ha. Sua população é composta por cerca de 790 habitantes, em sua grande maioria Wapixana e alguns Makuxi. Fica a 25 km de Boa Vista, capital de Roraima.

¹² Maior liderança da comunidade. Todos os assuntos referentes à comunidade ou a qualquer membro devem ser apresentados em assembleia para serem analisados e, em seguida, aceitos ou não. Atualmente, na Malacacheta, quem assume essa função é uma mulher.

Nossa primeira conversa gravada aconteceu em junho de 2011. Nela Isabel se apresenta:

“Eu nasci na Comunidade Jabuti¹³, no Bonfim. Só que a minha vó, né, tava doente, aí minha mãe acabou vindo morar na Malacacheta. Aí eu veio bem criança ainda pra Malacacheta. Eu tinha seis anos. Aí eu veio pra cá, pra Malacacheta, aí nós criamos aqui com a nossa vó. Nossa vó faleceu. Eu cresci aqui na Malacacheta. Conheci meu marido. Não tenho filho porque ele faleceu. Meu primeiro filho. Eu trabalho na roça”.

A permanência na maternidade foi uma etapa diferente para cada uma: Helena entrou no hospital no dia 24 de abril, teve seu primeiro filho na manhã do dia 25, ficou na enfermaria por dois dias, recebeu alta no dia 27 de abril e foi alojada como hóspede em um quarto com outras mulheres para acompanhar o filho internado. Saiu da maternidade no dia 02 de junho de 2009 com o filho recuperado; Sara deu entrada na maternidade, assim como Helena, no dia 24 de abril, pela manhã, e teve sua quarta filha à tarde, ficando na enfermaria por dois dias. Na manhã do dia 26 de abril, ao receber alta, foi remanejada para um quarto com outras mães, ficando nesse espaço por trinta e quatro dias à espera da recuperação do bebê. O marido foi buscá-la no dia 30 de maio de 2009; saíram do hospital com o atestado de óbito da filha nas mãos. Isabel chegou ao hospital no dia 07 de maio, teve seu primeiro filho no dia seguinte, pela manhã. O filho passou por uma intervenção cirúrgica para a implantação de uma bolsa coletora no abdome (colostomia). Enquanto o filho se recuperava, Isabel ficou no mesmo quarto com Helena e Sara. Deixou a maternidade no final de junho. Voltou para sua comunidade, festejou no dia 08 de maio de 2010 o aniversário de um ano do filho, mas a criança veio a falecer uma semana depois.

Essas são, portanto, as ex-parturientes que conviveram com outras mulheres em um quarto de hospital entre os meses de abril a junho de 2009. Elas me fizeram problematizar e refletir sobre as questões propostas nesta pesquisa.

¹³ Ainda conforme Carneiro (2008) a comunidade Jabuti possui uma área de 14.210ha, fica na Região Indígena da Serra da Lua, sua população é de 275 pessoas, a maioria da etnia é Wapixana.

Além de Helena, Isabel e Sara, trago alguns trechos das entrevistas realizadas com a Direção Geral e funcionários da maternidade para discutir, principalmente, a forma como é delineado o contexto hospitalar multilíngue pela instituição.

O CAMINHO METODOLÓGICO PARA A ANÁLISE DOS DADOS

O desenvolvimento de uma pesquisa que tem como fio norteador a relação linguagem e identidade exige do pesquisador o delineamento de um caminho que o leve a problematizar, interpretar e compreender os sentidos construídos em contextos entrelaçados por práticas sociais.

Esses contextos que caracterizam a pós-modernidade exigem uma atividade científica que aponte para novas maneiras de olhar e interpretar o mundo e deve ser gerenciada por uma nova epistemologia; para a compreensão de que, conforme Maher (2007, p.91),

A modernidade nos fornecia conceitos teóricos acabados, inertes, encapsulados e, por isso, confortáveis, seguros: deles derivávamos “certezas” que nos ofereciam sabores de Verdade. A pós-modernidade, no entanto, nos força a ter que sair desses casulos teóricos de modo a enfrentar a turbulência provocada por comportamentos sociolinguísticos fluídos e a acomodar o inesperado e o movimento que a compreensão do mundo atual exige.

As ideias da autora nos orientam a perceber que na era pós-moderna as relações sociais são estabelecidas em contextos complexos, nos quais a realidade contemporânea é atravessada pela fragmentação, pela dispersão, pela fluidez das atitudes dos sujeitos sendo, por conseguinte, necessário sair dos discursos pré-determinados, “sólidos” e entrar em discussões que levem a problematizar as heterogeneidades constitutivas nas práticas sociais.

Esta pesquisa, portanto, converge para esse novo paradigma. É pautada na Linguística Aplicada, doravante LA, por ser uma área do conhecimento que articula um diálogo permanente com outros saberes, como a Antropologia, as Ciências Sociais, os Estudos Culturais, entre outros, caracterizando assim uma visão transdisciplinar nos estudos sobre a linguagem.

Mais ainda, a LA embrenha-se em uma diversidade de contextos nos quais a linguagem está em uso, no caso específico deste trabalho, o contexto hospitalar, para desempenhar a sua função de construir sentidos. Fundamento minha escolha teórico-metodológica em Freitas (2007, p. 92, grifo do autor) quando diz que “a lingüística aplicada traz no termo *aplicada* não a idéia de aplicabilidade, mas sim a noção de que a linguagem que é analisada é aquela que está em aplicação, em uso, colocada na prática social, dentro ou fora do contexto”.

Dessa forma, o estudo aqui descrito aponta para uma pesquisa qualitativa, pois como afirma Bortoni-Rircado (2008, p. 32) “não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes”. Tal observação do mundo pelo pesquisador torna-o, simultaneamente, um sujeito epistemológico e empírico; um ser que interage com o meio, impossibilitando-o de assumir uma postura neutra e objetiva.

Partindo desse pressuposto, este trabalho entende que a produção do conhecimento só acontece por meio da análise e interpretação dos significados que delineiam o fato investigado.

Neste sentido, acredito que a abordagem qualitativa permite um novo olhar sobre a relação linguagem e identidade a partir dos relatos de Helena, Isabel e Sara. Foram as narrativas dessas mulheres que me estimularam a percorrer os caminhos da oralidade, problematizar as suas falas e compreender seus múltiplos sentidos.

Esta pesquisa se atentou para a reflexão das práticas de linguagem realizadas em um espaço hospitalar e reveladas pelas ex-parturientes em seus relatos com o intuito de visibilizar suas vozes e fazer uma leitura da experiência de contato vivenciada por essas mulheres.

No momento em que decidi abordar as narrativas de três mulheres que viveram em um contexto multilíngue percebi a importância de problematizar suas falas e compreender, assim como Moita Lopes (2006, p.27), que tais vozes

podem não só apresentar alternativas para entender o mundo contemporâneo como também colaborar na construção de uma agenda anti-hegemônica em um mundo globalizado, ao mesmo tempo em que redescreve a vida social e as formas de conhecê-la.

Os registros de dados que utilizei foram possibilitados pela entrevista, entendendo que esta foi um documento de validade e requereu cuidados e padrões de elaboração e análises, perpassando por peculiaridades que foram desde a

relação pesquisadora e entrevistados até questões de natureza política e posicionamentos éticos.

Com efeito, a pesquisa foi iniciada mediante o consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, por meio do TCLE, no qual foi utilizada uma linguagem acessível com todas as informações necessárias para a total compreensão: a justificativa, os objetivos e os procedimentos utilizados no trabalho; a garantia de esclarecimento antes e durante o processo de coleta de registros; a liberdade do sujeito se recusar a participar e retirar sua autorização, em qualquer etapa da pesquisa; a garantia do sigilo de informações com o uso de nomes fictícios para sustentar a confidencialidade da investigação.

Ainda sobre as entrevistas, destaco que não estabeleci um roteiro rígido, único, seguido em várias entrevistas, pois acreditei que em cada uma delas novas informações e conhecimentos seriam acrescidos. Dessa maneira, foram semiestruturadas com perguntas fechadas e abertas nas quais os sujeitos tiveram a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador.

Gil (1999) aponta que a entrevista semiestruturada é guiada por uma relação de questões de interesse, tal como um roteiro, que o pesquisador vai explorando ao longo de seu desenvolvimento. Após as gravações, as entrevistas foram roteirizadas, porque, de acordo com Freitas (2003, p. 06), essa técnica aponta “tópicos que sinalizam os trechos a serem posteriormente transcritos, compondo o *corpus* de análise propriamente dito”. Trago, assim, um fragmento dessa roteirização:

Tabela 1 – Roteirização das entrevistas

EPH – 08/06/2011		
MINUTOS	DESCRIÇÃO	TRIANGULAÇÃO
00	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisadora explica o trabalho. • Entrevistada se apresenta. • Narrativa sobre o motivo de sua ida para o quarto de acolhimento. • Narrativa sobre o dia de sua chegada ao quarto de acolhimento e descrição do quarto e como foi recebida. 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Croqui</i> • <i>EPS</i> • <i>EPI</i> • <i>DGH</i> • <i>FH</i>
05	<ul style="list-style-type: none"> • De onde eram as mulheres que estavam no quarto de acolhimento • Narra que havia mulheres que falavam línguas diferentes da sua. 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>DC p. 07</i> • <i>EPI/EPS</i> • <i>DGH/FH</i>

A linha que marca toda a tabela indica, de forma abreviada, quem foi a entrevistada e a data da entrevista. Este fragmento foi da entrevista com a ex-parturiente Helena (EPH).

A primeira coluna traz a marcação do tempo da entrevista para facilitar a localização do registro; a segunda apresenta os temas percorridos durante aqueles minutos marcados e na terceira estão as anotações de outros registros que viabilizam a triangulação, como croqui, Diário de Campo (DC), outras entrevistas (com a ex-parturiente Sara/EPS; com a ex-parturiente Isabel/EPI; com a Direção Geral do Hospital/DGH e com funcionários do hospital/FH). Sobre esse processo tomo as ideias de Cox e Hassard (2005, p. 111) quando afirmam que “a triangulação não cinge unicamente à seriedade e à validade, mas também permite um retrato mais completo e holístico do fenômeno em estudo”.

Os dados gerados pelas narrativas de Helena, Isabel e Sara impulsionaram-me a ampliar a coleta de registros e realizar de forma mais completa o processo de triangulação, acrescentando também as entrevistas com a Direção Geral e funcionários do hospital. Durante essas conversas, foram-me repassados documentos oficiais, como o Histórico da Instituição¹⁴ e o Manual do Programa

¹⁴ Documento no Anexo A.

Nacional de Humanização de Assistência Hospitalar, também intitulado Manual PNHAH¹⁵.

Com base nesses registros, pude entrecruzar os sentidos construídos pelas ex-parturientes em suas narrativas com os construídos pela instituição em relação as práticas de linguagem no espaço hospitalar.

Os instrumentos utilizados para a coleta de registros foram gravador, máquina fotográfica e diário de campo. Este último foi de suma importância, uma vez que, conforme Minayo (2004, p. 100) nele “constam todas as informações que não sejam registro das entrevistas formais. Ou seja, falas, gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa”. Na verdade, no diário de campo registrei aspectos relevantes que não foram possíveis de capturar por meio do gravador e que se tornaram essenciais para a análise dos dados.

Durante a pesquisa, ações como escutar de novo, roteirizar, transcrever, ler, reler e analisar as entrevistas, reler as notas de campo e os documentos oficiais constituíram um bom método para fazer progredir o trabalho investigativo.

Logo, a escuta foi melhor, fixando a atenção sobre o que a experiência narrada revelou das relações vividas no espaço multilíngue, conservando as mais pertinentes para solidificar o entrecruzamento dos dados.

DELINEANDO A DISSERTAÇÃO

Procurando responder às perguntas de pesquisas apresentadas anteriormente, esta dissertação está dividida em quatro capítulos. O primeiro traz uma discussão sobre os construtos linguagem e identidade e sua relação com outros conceitos; apresento, ainda, os contextos multilíngues como uma realidade sociolinguisticamente complexa e trago, mais especificamente, uma reflexão sobre o contexto hospitalar a partir do histórico do Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth, das entrevistas com a Direção Geral e funcionários, bem como das narrativas com Helena, Isabel e Sara.

Proponho, no segundo capítulo, uma discussão a respeito dos sentidos construídos nas narrativas das ex-parturientes em relação às práticas de linguagem

¹⁵ Documento elaborado pelo Ministério da Saúde em 2000. Será explorado no Capítulo 2.

em contato, e acrescento, com base nas entrevistas com a direção, funcionários e a leitura de documentos como o Manual do PNHAH, breves considerações sobre o olhar institucional para tais práticas no quarto de acolhimento.

Em se tratando do terceiro capítulo, o intuito é apresentar, por meio dos relatos de Helena, Isabel e Sara como se processou a construção das representações a respeito de si e dos outros ao realizarem suas práticas de linguagem.

Por último, no quarto capítulo, trago mais narrativas das ex-parturientes para discutir como as práticas de linguagem realizadas no espaço hospitalar revelam suas experiências e constituem suas identidades.

Espero que as discussões tratadas nesta dissertação possam contribuir para compreender como ocorre a relação linguagem e identidade em um contexto ainda tão desconhecido como o hospitalar em que convivem mulheres de perfil linguístico e cultural tão diversificado e talvez contribuir também para a reflexão e visibilidade de um espaço hospitalar intercultural.

CAPÍTULO 1 – A CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES EM CONTEXTOS MULTILÍNGUES: UMA DISCUSSÃO INICIAL

A vida em sociedade precisa ser pensada como uma espécie de harmonia conflitual, resultante da interação e negociação entre os atores sociais nas práticas cotidianas, e não como um consenso resultante da adequação às estruturas normativas preexistentes. A vida social é tecida todos os dias. (COX e ASSIS-PETERSON, 2007, p. 40)

Trago as ideias das autoras Cox e Assis-Peterson para abertura deste capítulo por acreditar que as nossas práticas interacionais trazem conteúdos sociais que precisam ser problematizados e visibilizados, uma vez que vivemos em muitos cenários sociolinguisticamente complexos. Sendo assim, pretendo, neste capítulo, apresentar as leituras por mim desenvolvidas em busca de uma possibilidade de análise para problematizar a construção de identidades em um contexto multilíngue específico.

Para tanto, é fundamental uma discussão inicial dos construtos linguagem e identidade. Porém, para a compreensão destes, outros são discutidos e apoiam a proposta apresentada, tais como: representação, cultura, memória, oralidade, narrativa, alteridade. Todos eles convergem para o eixo central, que é a linguagem.

Apresento, em seguida, uma reflexão mais geral sobre os contextos multilíngues para, então, explorar especificamente o contexto hospitalar a partir dos dados advindos da análise de registros coletados nas entrevistas narradas com Helena, Isabel e Sara em cotejo com outros, coletados através das entrevistas com a Direção Geral e funcionários, de pesquisa documental, de fotografias e croquis.

Com essa exposição, procuro abordar as práticas de linguagem nos processos interativos destacando que os sujeitos são constituídos em suas relações com o outro.

1.1. LINGUAGEM E IDENTIDADE: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS

A linguagem, como prática social e discursiva, é um espaço para a problematização e reflexão do processo de construção identitária. É ela que, de

forma poderosa, influencia as nossas investigações sobre os fenômenos linguísticos e processos sociais, principalmente em se tratando de contextos multilíngues.

No trânsito veiculado na e pela linguagem do “eu” com o “outro” surgem as representações, as estratégias para a produção de sentidos; incidem as percepções que os sujeitos têm de si mesmos e de suas relações com os outros.

Ao mencionar o termo sujeito, exploro a ideia de Morin (1996) que o define como indivíduo fundado em dois princípios intrínsecos: o da exclusão e o da inclusão. A inclusão se apoia na construção de um “eu” como elemento único, ímpar: é a concretização da individualidade e da subjetividade. Por outro lado, a exclusão implica a inclusão, pois o “eu” só existe quando se relaciona a outro, ou seja, o ser humano - dotado de linguagem e cultura - institui-se a si mesmo e ao outro. O “eu” isolado, individual, não existe, porque o eu e o outro, ao interagirem, se complementam, se adicionam substancialmente e é nessa ação de troca, de busca a uma totalidade com o outro que o ser humano pode exercitar a sua liberdade, a sua capacidade de escolha. Dessa maneira, entendo o sujeito não apenas como o “eu”, mas como resultado da sua relação com o “outro”.

Ressalto que essa interação faz emergir os sentidos do cotidiano e para compreendê-los não basta a pura observação; é necessário ver a linguagem como dinâmica na qual os sujeitos se constituem, pois a forma como falamos de nós mesmos, dos outros e com os outros representa e fortalece os nossos processos identitários; constitui, como destaca Hall (2006, p.13), a principal característica do sujeito sócio-histórico culturalmente constituído: “um ser possuidor de uma identidade com celebração móvel”.

Nesse processo de mobilidade identitária, a linguagem se insere nos contextos sociais e realiza os encontros e os desencontros dos sujeitos. Compreendo, assim, que não há práticas de linguagem que não considere o outro. É na e pela linguagem que pensamos e (re) pensamos a vida social, que é possível representar a si, aos outros e construir nossas identidades. É a partir da linguagem e de suas manifestações nos diálogos do cotidiano que elaboramos os significados, as representações que norteiam a nossa existência.

Acrescento, ainda, que da e na linguagem construímos as culturas humanas; construímos os discursos que orientam as nossas ações. Debruço sobre a ideia de que a linguagem compõe o contexto para os estudos que pretendem investigar as

narrativas que dela se manifestam, pois as práticas de interação linguística são repletas de intencionalidades, de sentidos e, até, de invisibilidades.

Com efeito, analiso que

se é verdade que somos, de certa forma, governados pela estrutura da linguagem, não podemos dizer; por outro lado, que se trate exatamente de uma estrutura muito segura. Somos dependentes, neste caso, de uma estrutura que balança. O adiamento indefinido do significado e sua dependência de uma operação de diferença significa que o processo de significação é fundamentalmente indeterminado, sempre incerto e vacilante. A linguagem é caracterizada pela indeterminação e pela instabilidade. (SILVA, 2009, p. 80)

Caracterizar, desse modo, a linguagem pela indeterminação e instabilidade é refletir sobre a natureza dialógica de nossas ações e assinalar que as práticas sociais levam-nos à questão da alteridade, ou seja, é na percepção do outro que o eu se percebe, se limita e se estende.

Nas palavras de Santamaría (1998, p.64), fortaleço a questão da alteridade quando afirma que

o (re)conhecimento do outro é indissociável de um conhecimento crítico, de uma crítica do conhecimento, no qual o sujeito conhecente não pode deixar-se de ver-se como um outro. (...) que o sujeito conhecente seja outro, torne-se a ver-se como outro (...) para (re)conhecer-se real e radicalmente o outro, é imprescindível *desensimesmar-se*; isto quer dizer, é mister pensar e agir a partir de, com e contra si mesmo (Grifo do autor).

O ato de “desensimesmar-se” situa o sujeito na alteridade e mostra que as atividades e papéis vivenciados por ele são recheados pela linguagem do outro. As relações estabelecidas pelos sujeitos, mediadas pela linguagem, intensificam que o outro é o contexto no qual me insiro ou me excluo. É nesse embate entre um “eu” e um “outro” que a linguagem ressignifica os sujeitos e constrói suas identidades.

Assim, reflito que o eu e o outro, nesse trânsito contínuo, têm suas identidades questionadas, analisadas e guiadas pela linguagem. Na realidade é o outro que delinea o que somos.

Partindo desse pressuposto, enfatizo a identidade como uma questão incansável de discussão e como uma questão discursiva, isto é, diferentemente do que se acredita como uma marca registrada, como algo peculiar, natural, uma essência gerada para um indivíduo ou grupo, a identidade

é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções. (...) A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2006, p. 13)

É com essa concepção de identidade que norteio minha dissertação, entendendo-a, dessa forma, como um processo que implica em reconhecimento da alteridade, ou seja, é na relação com o outro que me identifico como não-outro (HALL, 1997; SILVA, 1999; GIDDENS, 2002). Acrescento, ainda, que a construção identitária processa-se nas práticas sociais, uma vez que o sujeito torna-se consciente de si mesmo no processo de tornar-se consciente dos outros.

Isso significa assumir como pressuposto epistemológico o fato de que o sujeito é um ser de linguagem compreendendo que a constituição das identidades realiza-se nas e pelas práticas de interação.

A linguagem, nesse aspecto, é dinâmica e torna o sujeito um ser que pode falar, atuar e ser falado. Dessa forma, quando destaco o relato de três mulheres que viveram em um espaço hospitalar multilíngue, aponto que suas práticas de linguagem tornam-se um cenário discursivo onde os sujeitos protagonizam suas batalhas ideológicas, suas visões de mundo, seus conhecimentos e refletem sobre suas próprias ações.

Especificamente em um contexto hospitalar formado por um perfil linguístico e cultural diversificado, reflito sobre a necessidade de se (re) pensar o conceito de língua. Para tanto trago a ideia de língua como caleidoscópio proposta por César e Cavalcanti (2007, p.61) quando afirmam que

sendo feito por diversos pedaços, cores, formas e combinações, é um jogo de (im)possibilidades fortuitas e, ao mesmo tempo, acondicionadas pelo contexto e pelos elementos, um jogo que se explica sempre fugazmente no exato momento em que o objeto é colocado na mira do olho e a mão o movimenta; depois, um instante depois, já é outra.

Isso ocorre em contextos multilíngues porque a língua está sempre em trânsito, fluída e em contato, revelando um aspecto de dinamismo. Ainda refletindo sobre esse conceito, aponto as palavras de Hall (2006, p.40) quando afirma que “falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais

interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais”.

Assim como o autor, percebo a língua como um elemento constitutivo de identidades, pois arraiga as relações entre os sujeitos. Nas práticas de linguagem o sujeito tende a ser conceituado como o conjunto de enunciados, atitudes, estados, condutas ou intenções formado por traços linguísticos elementares, tais como: sensações, sentimentos, emoções, pensamentos e expectativas.

Desse modo, uma prática de linguagem determina quem “eu” sou em relação com o que o “outro” não é.

Nesse sentido, ao dar voz a mulheres de línguas e culturas diferentes, busco compreender as complexas relações que se estabelecem em um espaço multilíngue e a possibilidade de investigar, a partir de suas narrativas, como se efetivam as práticas de linguagem e a constituição de identidades nesse ambiente.

Ouvir, portanto, as narrativas dessas mulheres é possibilitá-las a um reposicionamento no espaço discursivo vivenciado para, segundo Bosi (2003, p.45), “poder recuperar na própria voz o fluxo circular que a memória abre do presente para o passado e deste para o presente”.

Assim, a narrativa torna-se um meio de externalizar uma história, um enredo com atores e muitas ações. Torna-se, para as ex-parturientes, uma forma de reinterpretar as práticas de linguagem e de cultura por meio da oralidade.

Como afirma Souza (2010, p.02) “a narrativa é uma representação da vida e do mundo em que o narrador está inserido, pois existe um ‘enraizamento’ espacial e territorial, que impregna o ser dos indivíduos e suas relações”.

Corroborando com essa ideia, Alberti (2004, p. 78) afirma que “a linguagem não traduz conhecimentos e idéias preexistentes. Ao contrário: conhecimentos e idéias tornam-se realidade à medida que, e porque, se fala. O sentido se constrói na própria narrativa.”

A partir das narrativas, os sujeitos projetam significados, se posicionam e se representam; permitem externalizar as personagens que habitam seus enunciados, proporcionando assim, a percepção de que nós somos os discursos que produzimos.

Nessa perspectiva, compreendo, tal qual Fairclough (2001), que a linguagem é ação. É ela que remete, por sua vez, aos momentos de ressignificações, de rupturas, de produção de sentidos. A linguagem nos representa, nos faz e nos

constrói. Ela gerencia as práticas diárias e produz os sentidos sob os quais transitamos.

É pela linguagem que posso rememorar, redescobrir e constatar que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55).

A memória, nesse sentido, traz à tona o encontro de vivências entre as mulheres que um dia conviveram em um quarto de hospital. Essa situação é possível, uma vez que “o passado, mesmo memorizado, só pode trabalhar mediando as reformulações que permitem reenquadrá-lo no discurso concreto face ao qual nos encontramos” (ACHARD, 2010, p. 14). Em outros termos, os significados aflorados e representados em forma de narrativas permitem delinear um processo construído de dentro para fora.

Ainda sobre narrativas, revisito também, Fabrício e Bastos (2009, p.42) ao afirmarem que é

uma forma de prática social estruturadora não só do discurso, mas também das relações sociais, constituindo-se em um mecanismo rotineiro de inteligência – socialmente aceitável e respondendo a intenções, audiências e contextos específicos – sobre quem somos, sobre quem são os outros e sobre o que nós e eles fazemos.

Nessa mesma perspectiva, Moita Lopes (2002, p. 64) destaca que “ao historiarmos a vida social para o outro, estamos construindo nossas identidades sociais ao nos posicionarmos diante de nossos interlocutores e diante dos personagens que povoam as nossas narrativas”.

Nesse sentido, a identidade estaria sempre, conforme Hall (2009), submetida à historicização radical, em permanente processo de mudança e transformação.

Compreendo a historicização como a ação do sujeito se constituir fazendo o mundo, se fazendo na e pela linguagem; processo que só é possível a partir da existência do outro e da narrativização do eu¹⁶. Em outras palavras, os sujeitos, em suas relações sociais, elaboram significados, ajustam seu modo de ser, percebem o outro e constroem representações.

¹⁶ Expressão empregada por Hall (2009, p. 109) para relacionar a identidade “à questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos”.

Sendo assim, trago o conceito de representação¹⁷ nesta pesquisa, orientado pelos Estudos Culturais, área do saber que discute a representação como um processo elaborado na e pela linguagem. Isso significa que a linguagem constrói representações; ela é um sistema de representação.

De acordo com Hall (1997) é a forma como dizemos, pensamos, sentimos e como representamos que damos significado as nossas ações. Portanto, a representação através da linguagem fundamenta os processos pelos quais o significado é produzido.

Permitir, dessa maneira, que as mulheres narrem o contato linguístico e cultural experienciado em um espaço hospitalar é ter a possibilidade de, enquanto pesquisadora da área dos estudos de linguagem, ver em tal contato algo complexo e imbricado nas práticas sociais de Roraima, possibilitando também visibilizar as experiências daquelas que viveram em um ambiente linguístico-cultural diverso, destacando os significados e as representações que, uma vez reunidos, entrecruzados e analisados, permitam delinear as relações identitárias constituídas nesse cenário.

Destaco que a situação de contato narrada por Helena, Isabel e Sara aponta, ainda, para a noção de interculturalidade, uma vez que

O multiculturalismo que caracteriza a nova ordem mundial, a crescente heterogeneidade das sociedades devido à intensificação das migrações e das interações interétnicas e interculturais não nos permitem mais fechar os olhos para o fato de que as culturas não são monolíticas e estáticas e que, por isso, não há como trabalharmos com noção de identidades culturais mumificadas. (MAHER, 2007, p. 88).

Aplico essa ideia ao contexto hospitalar multilíngue narrado por essas mulheres por vê-lo como coletivo e polifônico; como um espaço de afirmação e constatação de um modo de ser das culturas em que a pluralidade se revela, especialmente, como mediação e interação; um espaço de encontros, de trocas simbólicas tendo como contexto de tessitura, a linguagem.

Ressalto, também, que a concepção de cultura que norteia esta dissertação está fundada em três áreas do conhecimento: nas Ciências Sociais com as ideias de Cuche (2002); nos estudos Culturais com Bhabha (1998) e Hall (2006) e na Linguística Aplicada com Maher (2007). Tais autores contemplam a cultura como

¹⁷ Esse conceito será aprofundado no Capítulo 3.

algo dinâmico, sujeita a constantes alterações, isto é, “as culturas propõem esquemas de significação, elas não são camisas de força” (op.cit., p.89).

Destaco, a partir dessa perspectiva de cultura, que a participação dos sujeitos nas diferentes práticas sociais leva à construção de identidades. Tal participação, gerenciada na e pela linguagem, determina não apenas o que fazemos, mas quem somos e a maneira como damos sentido ao que fazemos.

Dessa forma, o campo da linguagem possibilita analisar como as pessoas agem umas com as outras e como podem ser guiadas para representar o que sentem e o que pensam de si e dos outros.

A linguagem sendo ação é o próprio meio pelo qual nos revelamos uns aos outros e tem uma forte ligação com a forma de se construir uma identidade para si mesmo. Tornamo-nos constituídos pela linguagem, pela interação de nossas práticas culturais e, assim, construímos nossas considerações, pensamentos e o que compreendemos de nós e dos outros.

Situamo-nos na história como sujeitos sócio-culturalmente constituídos por ter a linguagem como o contexto de nossa existência e de uma identidade em processo como afirma Hall (2006, p. 38-39):

a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (...) A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.

Essas formas de imaginar como o outro me imagina são reveladas ativamente a partir de práticas sociais, através da linguagem, produzindo jogos relacionais que se traduzem interativamente, disponibilizando diversas maneiras de ver e viver a experiência humana, ao mesmo tempo em que contribuem para propiciar um repensar e uma redefinição das relações e das identidades, pois é apenas pela interação com o outro, por meio da linguagem, que eu me estabeleço, me desenvolvo, realizo aprendizagens, problematizo, me constituo como sujeito.

A linguagem, nesse sentido, possui uma relação intrínseca com a identidade, uma vez que são construídas socialmente. Como fenômenos sociais estabelecem domínios e conflitos, articulando o sentimento de pertencimento dos

sujeitos. Linguagem e identidade se ajustam num percurso contínuo, itinerante, postas e sobrepostas rumo à construção da historicidade do sujeito.

Sendo assim, a análise das práticas de linguagem de ex-parturientes que conviveram em um espaço hospitalar multilíngue, mostra que a cada contato com o outro o sujeito amplia, reduz, redescreve sua rede de crenças e desejos, uma vez que se constitui entidade de natureza dialógica. É um verdadeiro processo de reinvenção de si e do outro.

Entendo, por conseguinte, que as práticas cotidianas de linguagem compõem um processo complexo e, frequentemente, marcado por conflitos. Demonstram a constante incompletude do sujeito, cuja linguagem tem caráter identitário.

A linguagem, conseqüentemente, situa o sujeito na sua história, no seu conhecimento de mundo e nas suas relações com outros sujeitos. É como destaca Foucault (2008, p. 42) "... pela partilha de um só e mesmo conjunto de discursos que indivíduos, tão numerosos quanto se imaginar, definem sua pertença recíproca".

Essa partilha que trata Foucault propõe o encontro ou distanciamento das práticas sociais dos sujeitos. Nessas situações, as combinações e as tramas estabelecidas pela linguagem favorecem as negociações e a situacionalidade de cada um. Intensificam o trânsito de informações, incidindo sobre as percepções que os indivíduos têm de si mesmos e de suas relações com os outros.

Fundamento, mais uma vez, em Silva (2009, p.92) a especificidade da linguagem no cotidiano, como algo que

não se limita a proposições que simplesmente descrevem uma ação, uma situação ou estado de coisas. (...) Mas a linguagem tem pelos menos uma categoria de proposições que não se ajustam a essa definição: são aquelas proposições que não se limitam a descrever um estado de coisas, mas que fazem com que alguma coisa aconteça. Ao serem pronunciadas, essas proposições fazem com que algo se efetive, se realize.

Com a afirmação do autor, reflito que a linguagem tem o poder performativo, ou seja, as nossas práticas sociais representam os sentidos que anunciam e como contribuem para definir ou reforçar a identidade que desejamos pronunciar. É justamente no passo a passo da interação que o processo identitário vai sendo construído, ressignificado e confirmado.

Esse trânsito do eu com o outro traça o sentido de incompletude, de fluidez, de influências múltiplas e de fluxos constantes, pois cada contato está permeado de sentidos, de intencionalidades que passam a tomar forma e se expandir.

Nas práticas sociais experimentamos alegrias e frustrações, prazeres e repulsas, perdas e ganhos. Somos continuamente o resultado dessas dicotomias. Quanto mais estabelecemos relações uns com os outros através da linguagem mais ressignificamos nossa história. Nossa linguagem é a nossa história, é a representação da história que acreditamos viver.

A linguagem não é um lugar vazio e homogêneo, mas, ao contrário, é um lugar de revelações surpreendentes, lugar de transformações das reminiscências externalizadas por meio de narrativas. Escutá-las significa tomar consciência do modo particular como cada sujeito narra sua experiência de contato.

Além disso, é a possibilidade de criar um novo começo a partir do encontro desses relatos, pois a linguagem tem o poder de rachar, criar e transformar. Ela é o contexto no qual acontece o encontro de si consigo mesmo; do encontro do eu com o outro; da construção do sujeito.

1.2. DESVELANDO REALIDADES SOCIOLINGUISTICAMENTE COMPLEXAS

O Brasil é constituído por um universo cultural e linguístico diversificado. É o único país da América Latina em que o idioma predominante é o português e possui, conforme dados do relatório de atividades do Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística do Brasil (GTDL/2006-2007), por volta de 200 idiomas.

Ainda, nesse relatório, é informado que as comunidades indígenas falam cerca de 180 línguas e as comunidades de descendentes de imigrantes falam aproximadamente 30 línguas. Além disso, no contexto atual, tem-se também a presença da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), línguas crioulas e práticas linguísticas diferenciadas nos quilombos. Com tais dados revela-se a existência de uma nação “plurilíngue” e das várias situações de contato entre línguas.

Apesar desse panorama linguisticamente diverso apresentado pelo relatório, há, ainda, conforme Cavalcanti (1999, p. 387), um “mito de monolingüismo no país”, contribuindo para não percepção de práticas linguísticas em cenários específicos e sua relação com o processo de estruturação social.

É importante esclarecer que as pesquisas referentes aos contextos multilíngues são recentes no Brasil. Quero destacar, entre outros, os trabalhos de Maher (1996) que discute o conflito diglótico de professores indígenas em um projeto de educação indígena no Acre; Cavalcanti (1999) que focaliza contextos sociolinguisticamente complexos em comunidades indígenas, de fronteiras e de imigrantes; Freitas (2003) problematiza a construção de identidades na sua relação com a língua Makuxi; Santos (2004) focaliza, em sua pesquisa, o cenário escolar multilíngue e multicultural de fronteira e o processo identitário “brasiguai”; Braz (2010) desenvolve um estudo na fronteira Brasil/Venezuela, analisando as representações sobre línguas e nacionalidades .

As ideias tratadas nessas pesquisas somam-se as de Cavalcanti (1999, p.388) quando afirma que

No Brasil, não se pode ignorar os contextos bilíngües de minorias, uma vez que no mapa do país pode-se localizar em uma pincelada não exaustiva: i. comunidades indígenas em quase todo o território, principalmente, na região norte e centro-oeste; ii. Comunidades imigrantes (alemãs, italianas, polonesas, ucranianas, etc) na região Sudeste e Sul que mantêm ou não sua língua de origem; iii. Comunidades de brasileiros descendentes de imigrantes e de brasileiros não-descendentes de imigrantes em regiões de fronteira, em sua grande maioria, com países hispano-falantes. (...) não se pode esquecer das comunidades de surdos que, geralmente, são criadas em escolas/instituições e que estão espalhadas pelo país.

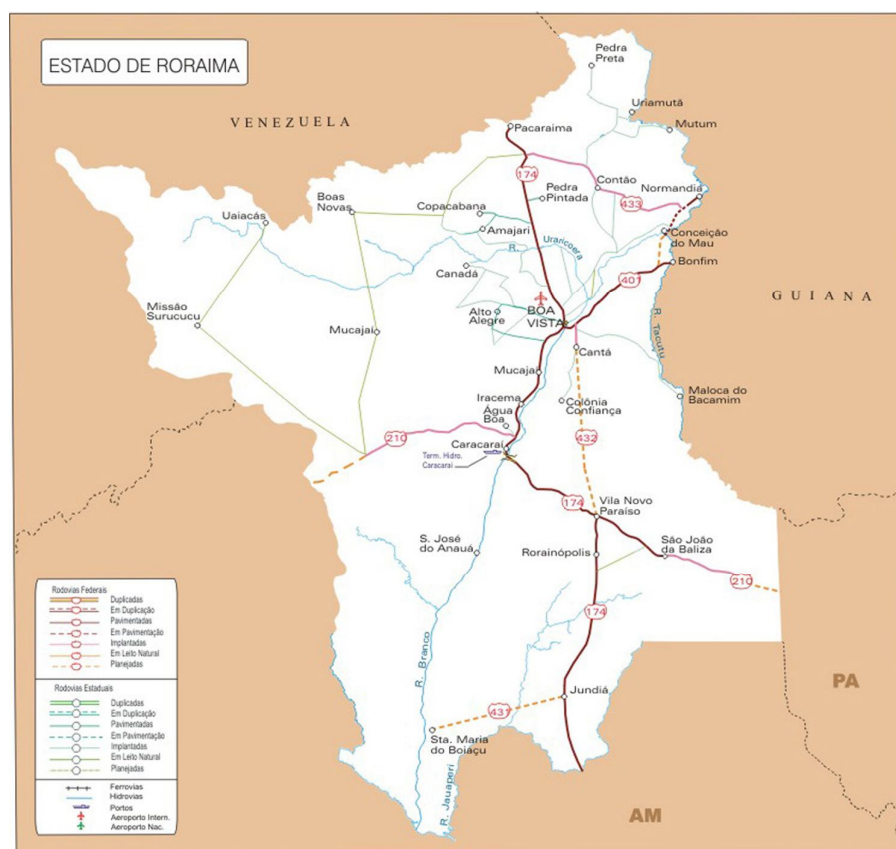
O ponto descritivo dessa citação nos revela que no cenário contemporâneo brasileiro coexistem diversos contextos em que o contato com outras línguas acontece, tornando-se uma realidade sociolinguisticamente complexa, o que traz para a reflexão um debate interessante sobre as práticas de linguagem desenvolvidas nesses ambientes.

Esse debate deve destacar, além do contato linguístico, as crenças e atitudes relacionadas às línguas e aos sujeitos que interagem nesses espaços multilíngues.

Em Roraima esse cenário linguístico intensifica-se em detrimento de vários aspectos como a existência e coexistência de línguas indígenas; as línguas espanhola e inglesa faladas nos países fronteiriços República Bolivariana da Venezuela e República Cooperativa da Guiana, caracterizando a tríplice fronteira; a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) usada pela comunidade surda local.

Vale lembrar que no contexto Amazônico, o Estado de Roraima apresenta um aspecto geográfico peculiar como apresenta a figura a seguir: a maior parte dos seus 225.116 km² estão localizados no hemisfério norte¹⁸ e é considerado uma das últimas fronteiras abertas do país, configurando-se como um foco de atração populacional.

Figura 1 – Mapa de Roraima



Fonte: <http://www.seapa.rr.gov.br/images/Downloads/rr.jpg>

Nesse sentido, “uma enredada trama de redes sociais liga destinos específicos em Roraima a uma miríade de origens igualmente específicas, sobretudo nos Estados do Maranhão, Pará e Amazonas”. (DINIZ e SANTOS, 2006, p. 02).

Nas palavras dos autores ficam evidenciados os intensos fluxos migratórios da população de outros estados para Roraima, possibilitando também, o encontro

¹⁸ Ver Fundação AMBTEC, Roraima (1994).

das variedades da Língua Portuguesa. De acordo com dados do Censo 2010, o número de imigrantes no estado é em torno de 51%¹⁹, caracterizando encontros de culturas interregional e internacional.

A localização de Roraima, como representada pela imagem, justifica o trânsito de pessoas dos países vizinhos e das comunidades indígenas com o propósito de partilhar diversos serviços em Boa Vista, capital do estado. Um dos serviços partilhados é o de saúde, em especial, o atendimento público, entre outras unidades, no Hospital Geral de Roraima Francisco Elesbão, Hospital da Criança Santo Antônio e Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth.

Conforme informações da mídia on line²⁰, em 2010 houve um aumento de 50% no atendimento às parturientes venezuelanas e guianenses²¹. Na reportagem, a Direção da Unidade explica que as estrangeiras procuram constantemente a maternidade quando têm complicações no momento do parto.

Sendo assim, delinea-se no estado um contexto multilíngue ainda pouco conhecido: o hospitalar, abordado neste trabalho a partir das narrativas de Helena, Isabel e Sara, mulheres que conviveram em um quarto do HMINSN, de entrevistas com a Direção Geral e funcionários da instituição.

Vejo, dessa maneira, que entender as práticas de linguagem de mulheres oriundas de lugares diferentes e que viveram uma situação de contato, torna visível os sentidos construídos em tais práticas, bem como produz conhecimento no campo de pesquisa para quem investiga questões sobre linguagem, cultura e identidade.

1.3. QUARTO DE ACOLHIMENTO: ESPAÇO HOSPITALAR PÚBLICO MULTILÍNGUE

Ao iniciar a pesquisa de campo busquei ampliar as informações sobre o HMINSN para poder compreender o espaço vivido pelas participantes deste trabalho. Essa instituição é um hospital público, conveniado ao SUS (Sistema Único de Saúde) e, conforme os registros coletados, trata-se de uma unidade

¹⁹Disponível em <http://diariodocongresso/novo/2011/05/numeros-do-ibge-revelam-novo-perfil-dos-roraimenses> – acesso em 15/07/2011.

²⁰Disponível em <http://www.folhabv.com.br/noticia.php?id=88692> – acesso em 04/07/2010.

²¹No Anexo B, constam informações disponibilizadas pelo HMINSN sobre o número de atendimentos a pacientes venezuelanas e guianenses no período de março a junho de 2009.

especializada e de referência no estado, atendendo além da população local, os países vizinhos, República Bolivariana da Venezuela e República Cooperativa da Guiana. A distribuição dos atuais 210 leitos²² é feita em seis alas: Ala das Pedras Preciosas, Ala do Girassois, Ala das Rosas, Ala das Orquídeas, Ala das Margaridas e Ala das Violetas²³.

O espaço no qual as mulheres desta pesquisa conviveram chama-se quarto de acolhimento. Essa denominação ocorreu informalmente pela própria finalidade do lugar. Nele são alojadas as mães cujos bebês apresentam alguma complicação durante ou após o parto e precisam ficar internados na UTI neonatal. Em 2009, esse quarto ficava na Ala das Margaridas.

Refletindo, dessa forma, sobre a nomenclatura dada ao espaço, tomo a acepção de Houaiss (2008, p.11) quando diz que acolher significa “dar ou obter refúgio, proteção ou conforto físico; hospedar, abrigar”.

Essa definição explica a estada das mães na maternidade. Ao receberem alta médica, elas são convidadas a permanecerem como hóspedes no hospital e ficarem próxima ao filho no seu período de internação. E foi, exatamente, na etapa de coleta de registros (abril a julho de 2011), que reuni informações sobre a instituição desse espaço. De acordo com a Direção Geral do Hospital, em entrevista no mês de maio, o quarto de acolhimento, também intitulado “Mães com RN’s no berçário”²⁴, foi instalado devido à necessidade de manter a mãe como hóspede para acompanhar e ajudar na recuperação de seus filhos, aumentando assim o vínculo afetivo. Em entrevista, destaca:

“Nós resolvemos destinar alguns leitos hospitalares pras hóspedes. Não seriam mais nossas pacientes e nós criamos então uma enfermaria, um quarto, para que essas mães que vêm da Guiana, da Venezuela e daqui mesmo do estado possam ficar como hóspedes em contato com seus bebês até a

²² Dados informados no histórico institucional de 12 de maio de 2010.

²³ As nomenclaturas, conforme registros coletados informalmente, foram dadas no período em que o hospital implementava o processo de humanização (ano de 2003). Os nomes pretendem sugerir um ambiente materno mais agradável e personalizado. Antes do processo de humanização, as alas eram denominadas por letras.

²⁴ Mães com Recém-Nascidos internados no berçário. Nomenclatura institucionalizada para o quarto de acolhimento.

alta hospitalar do bebê. Ele foi instituído mais ou menos há oito anos. Não há um registro escrito sobre ele”.

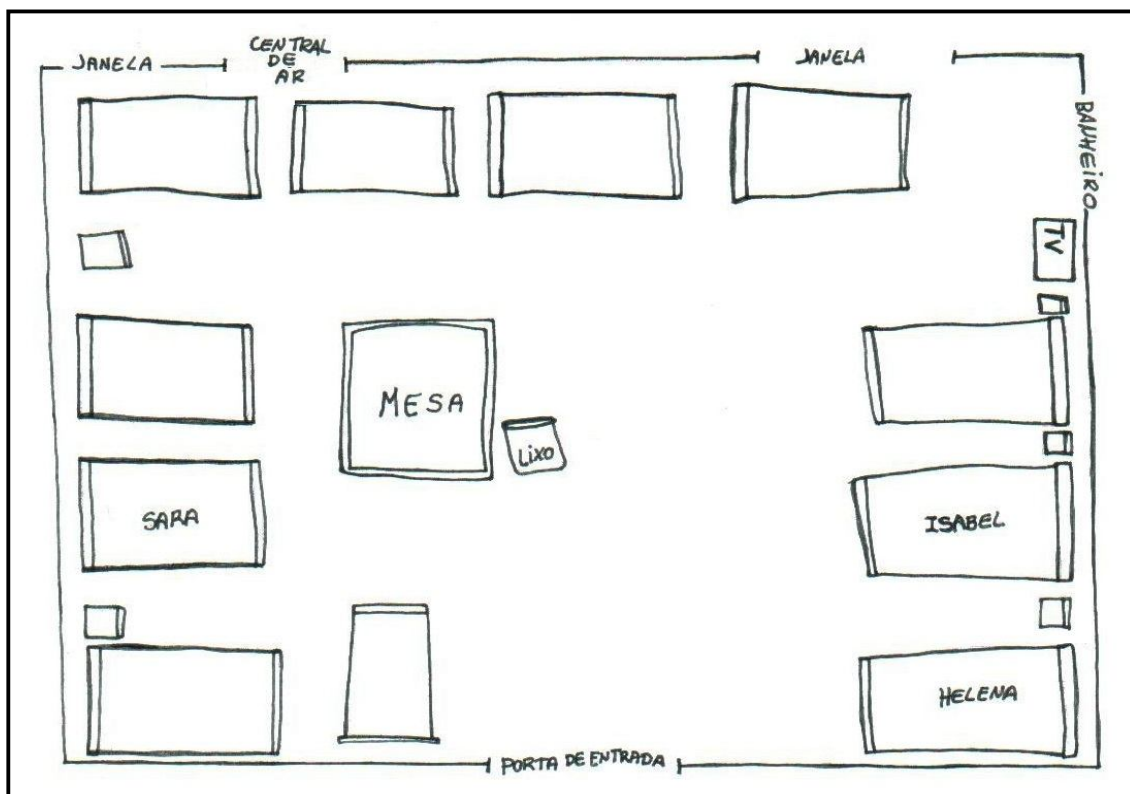
Considero, assim, o quarto de acolhimento como um espaço partilhado por mulheres de diversos lugares e realidades, podendo ser compreendido como um cenário sociolinguisticamente complexo, precisando ser visibilizado.

Ao conhecê-lo em 2009 e saber que é um espaço em permanente fluxo de mulheres com perfil linguístico e cultural diferenciado, vejo que ali os sujeitos vivem constantemente em uma fronteira de culturas e visões de mundo; em uma fronteira do humano (MARTINS, 2009). Uso a ideia de fronteira do humano por perceber que, além da possibilidade de encontrar o atendimento médico, os sujeitos encontram-se também com práticas de linguagem diversas e podem revelar, a partir de suas narrativas, “que a fronteira de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica. Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (...), fronteira espacial, fronteiras de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem”. (op.cit., p.11).

Compreendo também que essa noção de fronteira como conceito amplo e polifônico, adequado para narrar os numerosos processos contemporâneos, torna o quarto de acolhimento um espaço particular. Sua formação caracteriza-o como um lugar de múltiplos encontros, gerando narrativas que revelam fenômenos sociais, tais como culturas e identidades.

Por um lado esse espaço se constitui apenas como um ambiente físico de um hospital; por outro, determina as práticas sociais, pois é passível de ser sentido, vivido, pensado e narrado. Para melhor compreendê-lo, trago um croqui do quarto de acolhimento, representando o lugar no qual foram alojadas as mulheres participantes dessa pesquisa.

Figura 2: Croqui do quarto de acolhimento em 2009



Fonte: Helena, junho de 2011

Destaco que a elaboração foi de autoria de uma das entrevistadas – Helena – em conversa informal, falou-me sobre a vontade que teve de desenhá-lo quando, em entrevista, descreveu o espaço. Disse a ela que gostaria muito de vê-lo materializado em forma de imagem. Em nossa segunda conversa, Helena me entregou o desenho.

Penso, dessa maneira, que a materialidade do quarto de acolhimento no croqui revela, além do aspecto físico no qual as mulheres nele conviveram e realizaram suas práticas de linguagem, a rememoração significativa do espaço, tornando-o um lugar regado de pertencimento ou simplesmente de conteúdo social.

Desenhá-lo é uma forma de dar sentido ao que se tem sob os olhos; é ter a imagem como um operador da memória social. Helena, na ação de ilustrar o quarto de acolhimento, faz da imagem “antes de tudo um dispositivo que pertence a uma estratégia de comunicação: dispositivo que por natureza é durável no tempo”. (DAVALLON, 2010, p.30). A identificação nos leitos com o seu nome e os de Sara e Isabel só aconteceu porque sabia da participação de cada uma na pesquisa. Na

verdade, em nossas primeiras conversas, informei a todas quem estava contribuindo com o trabalho.

Percebo, dessa maneira, que a existência do quarto de acolhimento permite refletir que esse espaço “guarda em si o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento de vida, possível de ser apreendido pela memória” (CARLOS 2007, p. 14), ou seja, condiciona o vivido, as sensações imediatas, as práticas individuais e coletivas nele realizadas.

É nesse sentido que Helena, em um momento de seu relato, diz:

“Naquele quarto havia onze camas. Lembro de cada detalhe. Não tem como esquecer. Havia uma TV, tinha uma mesinha no centro onde era servido as refeições e um banheiro; tinha uma central de ar. Bem espaçoso o quarto. Apesar das onze camas era bem espaçoso”.

Tanto no desenho quanto no relato de Helena, o quarto de acolhimento é redimensionado em um espaço dotado de sensações, afeição e referência da experiência vivida. Aponto que esse redimensionamento só é possível porque as memórias não representam um conteúdo que “já está lá”, pronto para ser resgatado; mas sim, representam os registros vividos que partem, como disse Helena, da lembrança: *“Lembro de cada detalhe”* e eternizam lugares como referência e cenários para uma constante visita ao passado, trazendo em si, os mais diversos sentimentos documentados e aflorados em vontades, percepções e narrativas.

A memória, nesse aspecto, torna-se uma guardiã das informações relevantes para os sujeitos. Com a memória, afirma Pollak (1989, p. 08), “há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido”.

Ainda, conforme Souza (2010, p.02):

rememorar e narrar, escrita ou oralmente, requer um contínuo relacionamento solidário e interativo com outras lembranças, a configuração de contextos, de paisagens, de lugares que, como “cenários”, abrigam e dão sentido ao que está sendo lembrado e contado.

Rememorar, portanto, o quarto de acolhimento em imagens e em relatos contribui para entender as relações ali estabelecidas, faz com que os sujeitos entrecruzem as trajetórias de suas práticas, possibilitando o processo de seleção,

revisão, reapropriação e invenção social, uma vez que permite pensar o viver, o habitar enquanto situações sociais, revelando no cotidiano, os conflitos do mundo moderno.

Hoje, a estrutura do espaço está modificada. Em entrevista, a Direção informou que pelo aumento do número de internações, a unidade hospitalar precisou transformar em enfermaria o quarto de acolhimento que eu havia conhecido em 2009, remanejando-o para ambientes menores.

Ele foi desmembrado em dois espaços, de acordo com informações prestadas pela Direção Geral. O primeiro, na Ala das Pedras Preciosas; tem quatro leitos, é o mais próximo à UTI neonatal. Durante a pesquisa, uma funcionária que trabalha nessa ala informou-me que o quarto estava com todos os leitos ocupados por três brasileiras não-indígenas e uma estrangeira, também não-indígena, da cidade de Lethem.

O segundo espaço possui capacidade para seis mães, está localizado na Ala das Rosas, não muito próximo à UTI. Verifiquei se os leitos estavam completos e vi que cinco camas tinham hóspedes. Estava composto, em maio de 2011, por quatro brasileiras – uma indígena e três não-indígenas – e uma estrangeira não-indígena da cidade de Santa Helena de Uarén.

Obtive autorização para fotografá-los sem a presença das mulheres neles hospedadas.

Foto 1: Quarto de acolhimento/2011 – Ala das Pedras Preciosas



Fonte: Sílvia Alencar, maio de 2011

Foto 2: Quarto de acolhimento/2011 – Ala das Rosas



Fonte: Sílvia Alencar, maio de 2011

Houve, dessa forma, modificações na estrutura física do espaço em relação a 2009, diminuindo sua capacidade, mas ainda apresenta o caráter multilíngue. Aspectos, estes, destacados em um momento da entrevista gravada com uma funcionária da Ala das Pedras Preciosas:

“A composição do quarto varia muito. Tem época que tem três, quatro mulheres da Venezuela, tem guianense. Sempre tem. Como você viu, hoje nós temos brasileiras e estrangeiras nos dois quartos”.

Em entrevistas com as ex-parturientes, as narrativas sobre o quarto de 2009 evidenciam o caráter multilíngue desse espaço hospitalar público:

“Era um quarto grande, com onze camas. Quando eu cheguei lá, em abril de 2009, tinha nove pessoas, nove mães e duas era de país diferente: da Venezuela e da Guiana e tinha mulher indígena também. Tinha uma”. (Sara).

“Eu recebi alta no dia 27 de abril de 2009 e no mesmo dia fui pro quarto de acolhimento. Lá só ficava as mães que tinha bebê na UTI. Tinha dez mulheres lá. O quarto era um quarto grande. Eu vi que tinha seis brasileiras, duas guianenses, uma venezuelana e uma indígena”. (Helena).

“Bebê nasceu no dia 08 de maio de 2009, ficou roxo e foi pra UTI. E aí eu fui pro quarto de acolhimento. Quando eu cheguei lá tinha nove mulheres. Tinha uma que falava espanhol, tinha da Guiana. Tinha outra indígena que falava Wapixana”. (Isabel).

Quero destacar que o quarto de acolhimento apresenta, também, um caráter transitório. É um espaço de entradas e saídas constantes; é um lugar de passagem, pois tudo vai depender da saúde do bebê que está internado na UTI neonatal. Não há um período fixo para as mulheres que lá convivem e, por conseguinte, as

narrativas aqui apresentadas para descrever o local trazem informações diferenciadas.

Sara, Helena e Isabel enfatizam em seus relatos o perfil linguístico e cultural das mulheres que compõem o quarto de acolhimento e levam-me a perceber, assim como Cox e Assis-Perterson (2007, p. 41), que “ao falarmos de multilinguismo, acentuamos que as línguas são muitas, linguisticamente diferentes, mas igualmente estruturadas, porém desiguais nos limites de uma sociedade”.

Partindo dessa afirmação aponto que um contexto hospitalar multilíngue é um campo com muitas possibilidades de investigação científica. Uma delas corresponde à necessidade de desvelar e refletir como práticas de linguagem tão diferentes são pensadas, negociadas e desafiadas pelos sujeitos, isto é, torna-se privilegiado para entender as diferentes conjunturas, compreender os sentidos, os encadeamentos do contato linguístico e o processo identitário desses sujeitos.

Ora, as três entrevistadas destacam que o convívio com outras línguas e culturas era inevitável e, em seus relatos, traduzem a própria constituição e expressão de suas interações, nas quais se veem conduzidas a novos deslocamentos a partir da perspectiva relacional; configuram, desse modo, diversas redes de relações sociais, onde vivenciam e compartilham símbolos e significados.

Compreendo, assim, que as narrativas dessas mulheres sobre o espaço apontam para situações interculturais. É um local no qual se percebe a formação de um caleidoscópio cultural decorrente do entrelaçamento de tradições de mulheres brasileiras e estrangeiras, indígenas e não-indígenas, promovendo a noção de um sujeito contemporâneo, dinâmico, formado e transformado constantemente nos espaços sócio-históricos culturalmente envolvidos.

O quarto de acolhimento apresenta esse aspecto; torna-se um lugar existencial e não apenas espacial, onde há uma pluralidade de práticas; onde se projeta a relação linguagem e identidade, muitas vezes, sob uma perspectiva de diversidade cujo olhar tende a ser homogêneo.

Dessa maneira, **que sentidos são construídos nas práticas de linguagem dos sujeitos no contexto hospitalar multilíngue?** Esta subpergunta será a problemática desenvolvida no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2 – PRÁTICAS DE LINGUAGEM: CONSTRUINDO OS SENTIDOS NO COTIDIANO HOSPITALAR

(...) embora seja preciso que já haja sentido para produzir sentidos (falamos com palavras que já têm sentidos), estes não estão nunca completamente já lá. Eles podem chegar de qualquer lugar e eles se movem e se desdobram em outros sentidos. (Orlandi, 2007, p.24)

Desejo, neste capítulo, apresentar e discutir os sentidos construídos por Helena, Isabel e Sara a respeito do contato com outras línguas no quarto de acolhimento, bem como fazer uma breve reflexão do olhar institucional sobre as práticas de linguagem nesse espaço.

Ao discutir a produção de sentidos fundamento-me em Bakhtin (1997) quando afirma que o significado está em algum lugar no entremeio; ele se constrói no compartilhar, pois “a voz de cada um pode significar, mas somente com outros – às vezes em coro, mas na maioria das vezes em diálogo” (op.cit., p. 92) é que o sentido emerge.

Para realizar essa análise, utilizei trechos dos relatos gravados das ex-parturientes a partir de uma das perguntas elaboradas para o roteiro de entrevista: Como você se sentiu em relação à língua do outro no quarto de acolhimento? E, ainda, trago alguns fragmentos das entrevistas realizadas nos meses de maio e junho de 2011 com a direção geral e funcionários do hospital. Os relatos foram triangulados com o Manual do Programa Nacional de Humanização de Assistência Hospitalar (Manual PNHAH), documento disponibilizado pela direção.

Busquei, assim, traçar e compreender o processo de construção de sentidos a respeito das práticas de linguagem no espaço hospitalar.

2.1. PRÁTICAS DE LINGUAGEM NO QUARTO DE ACOLHIMENTO: O OLHAR DAS EX-PARTURIENTES

Os significados com os quais operamos a vida social e que permeiam nossos pensamentos, sentimentos e atitudes são frutos da nossa vontade de fazer o sentido compreensível para o outro no dia a dia de nossas práticas sociais.

Esse processo cotidiano de construção de sentidos é especialmente relevante pelo fato de se compreender que é intrínseco à linguagem e que implica negociação, embate e poder. Sendo assim, a análise aqui desenvolvida, entende o sujeito como um ser ativo que transforma e é transformado nas conjunturas sociais. Dessa forma, “só nos debruçando sobre situações reais de uso da linguagem, onde os atores envolvidos são contextualizados sócio-historicamente, poderemos compreender como se dá esse processo”. (FREITAS, 2007, p.109).

Acredito que debruçar-se nas situações reais de uso da linguagem é percebê-la nas falas produzidas no cotidiano e ver o sujeito como um ser que se constrói nos enunciados, nas narrativas, nas atitudes, nas intenções linguísticas.

Numa abordagem reflexiva, desejo demonstrar que toda manifestação pela linguagem pode ter diferentes sentidos e, assim sendo, influencia o olhar do outro. A linguagem, que medeia as relações sociais, é constitutiva da identidade do sujeito. Sujeito e linguagem se misturam. Aquele reflete as representações de si e do outro; esta reproduz as condições em que foi produzida. Uma dinâmica que mostra o sujeito em um constante diálogo com seu meio e em relação com outros discursos.

Na verdade, essa maneira de se relacionar, pressupõe sujeitos articuladores de mundos subjetivo e social, nos quais se produzem, se trocam e se fazem circular sentidos, plenos de valores.

Além disso, fortalece a forma de compreender a relação constitutiva entre linguagem e realidade e o entendimento de que o homem é um ser de linguagem, sustentado na afirmação de Bakhtin (1997, p. 282) de que “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.”

Compreendo, dessa maneira, que a “entrada da vida na língua e da língua na vida” processa-se através das relações sociais, dos contextos mediatos e imediatos, nos quais se travam as práticas de linguagem.

Desta forma, o contexto que aqui me refiro é retomado nas narrativas de Helena, Isabel e Sara e revelam como são construídos os sentidos que emergem sobre as línguas faladas no quarto de acolhimento.

Tomo, assim, a narrativa de Helena sobre o que sentiu quando chegou ao quarto e viu que lá havia mulheres de línguas diferentes:

“Assim, eu tive dificuldade sim, porque como brasileira eu nunca tinha convivido com pessoas que falavam outra língua. Eu nunca tinha tido contato com guianenses, venezuelanas e indígenas e nem sabia quanto tempo eu ia ficar lá. Eu acho que não entender o que o outro tá falando e conviver com ele, pra mim é uma dificuldade, é não se completar como pessoa. Eu queria, lá no quarto de acolhimento, participar de tudo. Eu me senti muitas vezes insegura e me senti um peixe fora d’água”.

A narrativa de Helena sugere que as práticas de linguagem no quarto de acolhimento não podem ser compreendidas fora da situação social que as produz, ou seja, devem ser vistas como uma prática social que nos remete aos momentos de ressignificação, rupturas e produção de sentidos.

Ao dizer que se *“sentiu insegura”* como *“um peixe fora d’água”*, Helena aponta para uma necessidade de integrar-se, socializar-se nesse contexto multilíngue.

Na verdade, ela atribui significados a essa experiência de contato como uma necessidade para definir-se enquanto ser humano, afinal ela se *“sentiu incompleta como pessoa”*. Sobre esse aspecto, destaco as ideias de Coracini (2003, p. 150) ao afirmar que

se considerarmos o sujeito enquanto constitutivamente cindido, heterogêneo, polifônico, atravessado pelo inconsciente e, portanto, pouco afeito ao controle de si e do outro, já que é habitado por outros em que o outro é visto como inerente à própria identidade do sujeito (ou à própria subjetividade) – e se considerarmos que a manifestação do inconsciente se dá via simbólico, através da linguagem, materializado pela língua, então, compreenderemos que a língua é habitada pelas vozes que precedem todo e qualquer dizer, enfim, pela memória discursiva.

Com tais considerações e, a partir do que Helena contou, vejo a linguagem como um processo vivo, dinâmico e em constante metamorfose. Nesse sentido, leva o sujeito a constituir-se pelo contato com outra língua; como algo que se efetiva na interação permanente em diversos contextos.

Helena jamais pensou em conviver com pessoas de línguas e culturas diferentes da sua. Rememorar essa experiência é permitir que os sentidos se manifestem e evidenciem que em contextos sociolinguisticamente complexos, como o quarto de acolhimento, o sujeito tem a sensação de incompletude e de ausência.

Com base no que Helena narra, vejo em seu relato uma possível compreensão do processo de construção de sentidos por ela vivenciado no espaço multilíngue, ou seja, “o significado é construído pela ação em conjunto dos participantes discursivos em práticas situadas na história, na cultura e na instituição”. (MOITA LOPES, 2001, p. 56).

Relaciono as práticas referidas pelo autor às práticas de linguagem desenvolvidas no quarto de acolhimento e acrescento que não podem ser discutidas sem levar em consideração os aspectos contextuais e locais, nem separadas das relações sociais. Isso quer dizer que é necessário negociar e interpretar mutuamente os significados propostos nesse espaço múltiplo.

É o que pretendo discutir em um trecho da entrevista narrada de Sara:

“Eu percebi que quando uma pessoa encontrava alguém que falava sua língua no quarto de acolhimento ela se sentia bem. Por exemplo, tinha uma venezuelana que quando falava a língua dela, o espanhol, né? A gente não entendia muito. Entendia algumas coisas assim, né? Porque lá ninguém sabia falar o... o espanhol. Tinha só uma funcionária que também falava, mas não ficava lá todo tempo. O marido dessa venezuelana ia de vez em quando visitar ela. Então quando ele ia, ele falava espanhol com ela. Eu percebi que ela no dia a dia tinha muita dificuldade quando dizia alguma coisa e ninguém entendia, mas mesmo assim ela conversava, ela mostrava, apontava pras coisa; ela fazia de tudo pra não ficar de fora não. Tinha outra mulher, uma guianense, quando soube que eu também falava inglês ela ficou alegre, disse que agora tava segura. Eu também senti isso quando eu cheguei aqui no Brasil e só sabia inglês e não sabia português. Tipo assim, quando você está num país que você não conhece a língua você se sente só”.

Sara, em sua narrativa, define como uma prática de linguagem liga cada um à sociedade de origem. Mostra, ainda, que a linguagem no quarto de acolhimento, transcende a sua conceituada finalidade de comunicar; de transmitir ideias. É, em

sua funcionalidade social, um meio de internalizar o exterior e externalizar o interior²⁵, isto é, a linguagem é um processo criador em que trocamos nossas experiências.

Ao relatar, dessa maneira, que “*não entender a língua é sentir-se só*”, Sara realça que a linguagem não é apenas uma questão de comunicação; é uma questão de inserção discursiva, porque “em práticas reais de uso da língua, o mal-entendido e a incompreensão são constitutivos do processo de comunicação, e não a negação ou o impedimento desse processo.” (SIGNORINI, 1998 p. 96), ou seja, ao ser inserido em outra discursividade, o sujeito vivencia uma situação de contato, possibilitando que conflitos aflorem e representem uma oportunidade para serem negociados.

Na verdade, essa chance de marcar uma negociação nos permite fazer escolhas e moldar as nossas práticas de linguagem. Significa que a maneira como as realizamos depende de como articulamos o que somos no contexto de interação. E esse contexto, além de propor a necessidade de partilhar significados, gera um ininterrupto processo de multiplicidade de sentidos, esboçando os caminhos da diversidade que nos levam a situações diárias de encontros e desencontros.

Tomando outro ponto do relato de Sara, quando fala sobre a venezuelana, percebo que ela se mostra consciente do conflito gerado pelas práticas de linguagem no quarto de acolhimento, apontando as estratégias e resultados que a falante de espanhol consolidou: “*mas mesmo assim ela conversava, ela mostrava, apontava pras coisa; ela fazia de tudo pra não ficar de fora não*”.

Sara constrói o sentido de linguagem como uma atividade que não está só no falar; mas como algo que possa permitir a inserção; possa concretizar o “estar dentro” mesmo não falando a língua do outro.

Por outro lado, Sara ressalta que encontrar alguém falante da mesma língua gera segurança. Analiso esse ponto de confronto em sua narrativa por entender que

A língua é o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional. Se não se escamoteia essa dimensão, é claro que não se pode conceber a língua como um simples “instrumento de comunicação”. É justamente porque a língua não é em princípio, e nunca, só um “instrumento”, que o encontro com uma outra língua é tão problemático, e

²⁵ Processo de internalização e externalização no sujeito constitui a descrição sociológica das relações e está compreendido na Teoria da Socialização. (HALL, 2006).

que ela suscita reações tão vivas, diversificadas e enigmáticas. (REVUZ, 1998, p.217).

Quando a autora afirma que a língua é o material fundador de nossa vida relacional reporto-me ao momento em que Sara narra sobre sua chegada ao Brasil e como se sentiu insegura, pois só sabia falar inglês. A complexidade do contato linguístico amplia a produção de sentidos dos sujeitos e mostra que a língua não se restringe ao ato de comunicação. Há, também, a necessidade de pertencimento à comunidade de acolhida e ainda se experimenta um sentimento de deslocamento em relação à comunidade de origem. A autora, em outro momento acrescenta: “o encontro com a língua estrangeira faz vir à consciência alguma coisa do laço muito específico que mantemos com nossa língua”. (op. cit., p. 219).

Trago, agora, o relato de Isabel para aprofundar a discussão sobre os sentidos das práticas de linguagem no quarto de acolhimento. Esse trecho da conversa de Isabel destaca o momento em que pedi que falasse como se sentia em relação às línguas faladas no espaço hospitalar:

“Cada uma do seu jeito ficava lá; se expressava. A gente ficava junto. Eu não sou muito de conversar não. Outras lá falava, conversava outra língua. Eu falo português e Wapixana. Pra mim é normal. Lá, quando eu conversava, eu falava português porque não precisei falar Wapixana”.

Diante do relato, percebo que os sentidos construídos por Isabel aventam a ideia de que o sujeito se realiza em seu contato com o outro pela linguagem; não importa se a língua é diferente da sua. Isabel e as outras mulheres levaram suas práticas para o espaço hospitalar promovendo a alteridade e o dinamismo da linguagem, gerando assim, de percurso em percurso, as suas subjetividades.

Vejo, dessa maneira, que é “necessário repensar a língua em função de categorias outras: os diversos tempos ao mesmo tempo, os corpos em suas múltiplas interações, emblemas cambiantes, fragmentados, contraditórios”. (CÉSAR E CAVALCANTI, 2007, p. 60).

As situações propostas pelas autoras para repensar a noção de língua são sugeridas na narrativa de Isabel. Entendo, por exemplo, no trecho “*Outras lá falava, conversava outra língua*” que no quarto de acolhimento as interações encontram

vários caminhos, deslocando e articulando os sentidos das práticas de linguagem de cada mulher. Neste sentido, é preciso pensar que nesse espaço multilíngue o sujeito marca a sua significação na e pela linguagem em ação; como um contexto social privilegiado de produção de sentidos.

Tomo, por exemplo, o final da narrativa de Isabel: *“Lá, quando eu conversava, eu falava português porque não precisei falar Wapixana”* e proponho a ideia de que é a linguagem que determina as ações do sujeito e leva à compreensão de cada situação produzida.

Nesses termos, intuo que para Isabel falar português ou Wapixana é uma questão de contexto e de necessidade, permitindo que uma prática figure num dado momento, aquilo que a torna adequada às condições de uma situação real de uso.

Situo essa questão no trecho em que Isabel diz: *“Pra mim é normal”*. Foi uma fala que me chamou a atenção e quis compreendê-la perguntando em seguida porque achava que era algo normal. Ela me respondeu: *“Lá na comunidade a gente usa as duas língua”*. Esse ponto da entrevista leva-me a uma situação que presenciei na Malacacheta, em janeiro de 2011, quando fui convidar Isabel para participar da pesquisa. Na ocasião tive a oportunidade de assistir à celebração religiosa de domingo em uma igreja católica da comunidade e durante o evento, que durou em torno de duas horas, as falas e os cânticos aconteceram em Língua Portuguesa e em Wapixana.

A relação que faço entre as práticas de Isabel no quarto de acolhimento e o que vi na comunidade da Malacacheta explica a sua resposta e aponta a escolha linguística como algo sempre móvel, flexível, levando em consideração tanto o seu ponto de vista quanto a conjuntura social.

Em outro ponto do relato, quando diz: *“Outras lá falava, conversava outra língua”* entendo que no quarto de acolhimento todas as práticas não são frutos do acaso. Cada mulher, na e pela linguagem, concretiza a sua existência naquele espaço, abre a língua para a vida porque

apenas o contato entre a significação linguística e a realidade concreta, apenas o contato entre a língua e a realidade – que se dá no enunciado – provoca o lampejo da expressividade. Esta não está no sistema da língua e tampouco na realidade objetiva que existiria fora de nós. (BAKTHIN, 1997, p.311)

Língua e expressividade estão em contato no quarto de acolhimento, uma vez que Isabel escuta com atenção cada mulher e percebe que o ato de expressar-se também está no ato de ouvir. Reflito, dessa maneira, que Isabel manifesta sua subjetividade na relação com o vivido, na experiência com o outro, no social e contribui para a compreensão de que é possível o diálogo que abrange, simultaneamente, as diferenças.

Portanto, os sentidos das práticas de linguagem, a partir dos olhares de Helena, Sara e Isabel, revelam a dinâmica dos elementos nelas envolvidos; revelam, ainda, o movimento da linguagem em busca do contato com o outro; em busca de uma completude. E esses sentidos exigem que outros olhares se manifestem.

Desta maneira, trago na seção seguinte, uma análise dos dados advindos dos registros coletados no hospital em entrevistas devidamente autorizadas e gravadas com a Direção Geral e funcionários, acrescentando a leitura que fiz do Manual do Programa Nacional de Humanização de Assistência Hospitalar, elaborado pelo Ministério da Saúde em 2000 e que direciona as ações nas instituições de saúde do país.

2.2. PRÁTICAS DE LINGUAGEM E O OLHAR INSTITUCIONAL: UMA BREVE REFLEXÃO

Na fase de coleta de registros, contemplei a visita ao hospital com o intuito de saber informações sobre o quarto de acolhimento no que se referia ao histórico, à finalidade e à estrutura física do espaço atual. Não havia planejado realizar entrevistas com a direção e funcionários, visto que era, a princípio, uma pesquisa documental. Todavia, os planos foram alterados logo na primeira visita à unidade de saúde, em março de 2011, quando fui deixar uma cópia do projeto já qualificado na Direção de Ensino e Pesquisa (DEP). Naquele mesmo dia, marquei as entrevistas com a representante do setor, recebi o histórico da maternidade e o Manual PNHAH e, ainda, conversei informalmente com funcionários das alas onde, hoje, os quartos de acolhimento estão instalados.

Com isso, vi a possibilidade de refletir também sobre o olhar da instituição para esse espaço que caracterizei como multilíngue. Comecei, assim, a leitura dos dois documentos entregues pela DEP. No primeiro, o histórico da instituição,

constam registros sobre a data da criação do hospital, a caracterização e distribuição dos leitos e a oferta de serviços da unidade. Em se tratando do segundo, o Manual PNHAH, é um documento elaborado pelo Ministério da Saúde no ano de 2000 e

foi feito para os gestores e todos os profissionais de saúde preocupados com a humanização das relações entre administradores, profissionais e usuários no atendimento hospitalar. Ele alinhava os princípios e as diretrizes básicas para um processo de humanização dos serviços de saúde, com base na experiência produzida com a implantação do Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar – PNHAH. (BRASIL, 2000, p.02)

Quero ressaltar que a leitura desses documentos teve o objetivo de ampliar algumas questões referentes ao meu foco de pesquisa e tecer reflexões sobre as práticas de linguagem no espaço hospitalar multilíngue em questão.

Trago, dessa forma, um trecho do manual que destaca a constituição do sujeito como um ser de linguagem:

Como somos dotados de linguagem, podemos construir redes de significados, que compartilhamos em maior ou menor medida com nossos semelhantes e que nos dão uma identidade cultural. Dessa forma, somos capazes de transformar imagens em escultura e pintura, sons em música e palavras, palavras em poesia e literatura, ignorância em religião, arte, saber e ciência. Somos capazes de produzir cultura e, a partir dela, intervir e modificar a natureza. (op.cit., 2000, p. 03).

O documento delinea a linguagem como o elemento que compõe o sujeito em suas relações. Associo essa noção às práticas de linguagem efetivadas por Helena, Isabel e Sara no quarto de acolhimento, uma vez que o processo de interação vivido por essas mulheres dispõe redes de significados, de experiências e leva a constituição do sujeito.

Entrelaço, assim, os relatos das ex-parturientes apresentados na seção anterior com o trecho do manual quando afirma que “somos capazes de transformar imagens em escultura e pintura, sons em música e palavras, palavras em poesia e literatura, ignorância em religião, arte, saber e ciência” para visibilizar os sentidos construídos em relação à linguagem na análise do discurso oficial e do discurso dessas mulheres.

No primeiro discurso, as práticas de linguagem possivelmente referem-se à universalidade humana; a uma característica da identidade cultural do sujeito. No segundo, os significados construídos sugerem, respectivamente: para Helena – algo

necessário para definir-se como pessoa; para Sara – liga cada pessoa à sociedade em que vive; para Isabel – caminho de ação e realização.

Intuo, também, que as práticas de linguagem em um espaço hospitalar multilíngue estabelecem uma referência para os sujeitos e podem ter um lugar relevante no cotidiano institucional. Aponto esse aspecto porque em entrevista com a Direção Geral quando fala a respeito do caráter multilíngue do quarto de acolhimento, destaca:

“A princípio não temos nenhum projeto que destaque esse contexto, essa particularidade. A gente tem que crescer em muitas frentes ainda. Mas fazemos o possível; nosso foco hoje é a assistência. É uma diversidade só isso aqui... De língua, de cultura, de hábitos”.

Percebo no relato da direção o reconhecimento do contexto como diverso, múltiplo e, ainda, que as possibilidades organizacionais para contemplar esse aspecto podem ser ampliadas. Isso me leva a citar um trecho do Manual PNHAH que destaca a linguagem no jogo das interações sociais em um espaço hospitalar. O documento afirma:

(...) é preciso que as palavras que o sujeito expressa sejam reconhecidas pelo outro. É preciso, ainda, que esse sujeito ouça do outro palavras de seu reconhecimento. É pela linguagem que fazemos as descobertas de meios pessoais de comunicação com o outro. Sem isso nos desumanizamos reciprocamente. A humanização depende de nossa capacidade de falar e de ouvir, depende do diálogo com nossos semelhantes. (op. cit., 2000, p.04).

Esse fragmento pode estar considerando como princípio de humanização no espaço hospitalar a linguagem e a alteridade, levando-me a compreender o quarto de acolhimento como um espaço sociolinguisticamente complexo.

Sendo assim, o processo de humanização local pode levar em conta também o caráter peculiar de uma maternidade que recebe mulheres de perfil linguístico e cultural diferente.

E isso já é visto na instituição. Em relação à paciente indígena, há uma coordenação específica²⁶, instituída em 2004, cujo objetivo é acompanhar a estada de mulheres indígenas ao hospital, percebendo a necessidade de se refletir sobre as práticas de linguagem e repensar o dinamismo dos fluxos, cada vez mais acentuado nas relações estabelecidas nesse espaço.

Essa dinamicidade e o caráter múltiplo presentes no cotidiano hospitalar são mencionados nas falas tanto da direção quanto de funcionários. É o que mostra o trecho da entrevista realizada com a coordenação de enfermagem da Ala das Pedras Preciosas:

“Nós somos a maternidade única no estado. Não só atende às mães daqui do estado senão também das duas... dos dois países vizinhos, né? E tem muitas mães que vêm porque lá, aqueles dois países não têm assistência qualificada, né? O primeiro lugar onde elas correm é aqui... Porque a distância é pequena e os recursos que oferecemos são melhores. O quarto de acolhimento, por exemplo, é diversificado. Tem muitas mãezinhas do interior daqui do estado e também muitas da Venezuela, algumas da Guiana, das comunidades indígenas. Não tem uma composição fixa. Pra nós, às vezes, é uma limitação porque os funcionários, às vezes, não entendem, mas têm se esforçado pra prestar assistência. Tem a coordenação indígena que ajuda com as pacientes indígenas”.

Com base nesse relato, aponto que a situação de contato linguístico e cultural é uma realidade local e reconhecida pela instituição. A possibilidade de considerar a diversidade do espaço pelo hospital permite-me ainda acreditar na ideia expressa pela epígrafe que abre este capítulo de que os sentidos chegam de qualquer lugar; eles se movem; se expandem em vários outros, pois há “um vínculo indissociável entre linguagem, produção de sentidos, contexto, comportamento social e atividades humanas” (FABRÍCIO, 2006, p.57).

²⁶ Durante a etapa de coleta de registros na maternidade, essa coordenação me disponibilizou uma planilha na qual constam informações sobre o número de atendimentos a pacientes indígenas no período de março a junho de 2009 (Anexo C).

E as entrevistas narradas tanto das ex-parturientes como da Direção e funcionários da maternidade expandem sentidos que enredam, rodeiam outros sentidos, refletem as práticas de linguagem desenvolvidas no quarto de acolhimento e sugerem que nesse espaço o que “torna a língua possível é também o contexto que permite ao indivíduo ser ele mesmo, e usar sua língua de acordo com seus desejos”. (MEY, 1998, p.77).

É o que intento compreender em um momento do relato da coordenação: *“Pra nós, às vezes, é uma limitação porque os funcionários, às vezes, não entendem, mas têm se esforçado pra prestar assistência”*. Acredito que a dificuldade de interação entre funcionários e pacientes em um espaço hospitalar multilíngue é uma situação vivenciada diariamente, mas as experiências de contato reveladas na narrativa propõem, além do ato de prestar assistência médica, um destaque as práticas de linguagem no quarto de acolhimento.

A narrativa da funcionária pode sugerir que no quarto de acolhimento

A possibilidade de experimentar a vida de outros para além da vida local é talvez a grande contribuição da vida contemporânea, ao nos tirar de nosso mundo e de nossas certezas que apagam quem é diferente de nós e não nos possibilitam viver outras formas de sociabilidade. (MOITA LOPES, 2006, p. 92).

As ideias do autor sinalizam que o olhar das ex-parturientes, da Direção e dos funcionários da instituição delinea uma nova forma de “experimentar a vida de outros”; destaca que o espaço estabelece relações sociais contemporâneas. Intuo que esse olhar pode permitir uma visibilidade das práticas de linguagem estabelecidas no contexto descrito neste trabalho e aponta uma provável simetria com os documentos oficiais anteriormente apresentados, indicando as possibilidades de se efetivar localmente uma política linguística de heterogeneidade; um diálogo intercultural.

Enfatizo a questão por perceber que presenciamos um momento em que se tem um intenso debate sobre a contemporaneidade. Um debate que nas palavras de Bohn (2005, p. 14) ressalta que “a contemporaneidade se expressa em todas as ações humanas nesta complexidade de valores, nas atitudes, nas palavras, nas relações sociais, no exercício do poder e do direito.”

Posso considerar, ainda, que estamos vivendo em muitos contextos sociolinguisticamente complexos e as discussões a esse respeito sinalizam a

importância do debate sobre temas como diferença e diversidade. Assim, tomo as palavras de Rampton (2006, p. 120) ao indagar sobre a modernidade recente:

O que acontece, porém, quando as humanidades e as ciências sociais passam a focalizar novos tópicos e há um crescimento de interesse em fluxos culturais, em fronteiras e margens em vez de centros, e em incertezas e ambivalência? O que acontece se os tempos mudam, modelos de competência perdem apelo intuitivo, e, em vez disso, a discussão passa a contemplar a economia política da linguagem, a produção, circulação e distribuição desigual dos recursos simbólicos e culturais, a ideologia, a exclusão, a legitimação e a resistência?

Creio que os questionamentos do autor servem de fundamento para indicar que nas narrativas das ex-parturientes, da Direção e dos funcionários, há um desvelamento a respeito das práticas de linguagem estabelecidas no quarto de acolhimento. Essas narrativas provocam uma inquietação; suas vozes proliferam sentidos que direcionam as práticas de linguagem para um contexto que, segundo Bhabha (1998, p. 20), produz “experiências intersubjetivas e coletivas”.

Saliento, dessa forma, que a visibilidade dessas práticas por meio da análise das narrativas das ex-parturientes, dos relatos de funcionários e dos documentos oficiais permite aflorar as situações de contato em um contexto multilíngue, ainda desconhecido, como o hospitalar e, ainda, ver a linguagem nesse contexto como uma produtora e articuladora de sentidos; sempre em movimento, heterogênea, marcada pelo fluxo contínuo do sujeito contemporâneo e, portanto, afetada pelas representações, pelos traços culturais do entorno social em que se realiza.

A partir dessa observação, desejo discutir no capítulo seguinte as representações a respeito de si e do outro no momento de efetivar as práticas de linguagem no quarto de acolhimento. Essa discussão está norteada pela subpergunta: **Que representações são construídas nas narrativas das ex-parturientes a respeito de si e dos outros ao relatarem as práticas de linguagem e de cultura no espaço hospitalar?**

CAPÍTULO 3 – REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DE LINGUAGEM: NARRATIVAS SOBRE SI E SOBRE O OUTRO

Seu estilo, suas competências lingüísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. (AMOSSY, 2008, p. 09).

As palavras da autora permitem-me voltar para mim mesma; para as minhas construções pessoais, profissionais e acadêmicas. São processos representativos tão complexos, repletos de perdas e ganhos, de momentos de serenidade e ansiedade, de movimento e inércia.

Parece estranho, em meio a uma dissertação, as divagações da pesquisadora. Mas percebi que aqui, neste capítulo, elas são pertinentes, porque as pesquisas produzem sentidos também sobre a visão de mundo de quem as elabora. O que pretendo dizer é que as representações são assim; elas são delineadas em qualquer prática; apontam para um contínuo ressignificar de nossas ações.

Retomo, dessa forma, o conceito de representação que apresentei no Capítulo 1 para iniciar a análise proposta. Quero, porém, destacar que tal conceito não é simples que se possa apontar para uma única definição. Além de complexo, ele tem sido utilizado com muitas acepções e sua amplitude tem contribuído para muitos progressos nas áreas dos Estudos Culturais, bem como para a discussão nos estudos linguísticos.

E por ser tão ampla, considero a noção de representação orientada pelos Estudos Culturais por indicarem que é na linguagem que se constroem os sujeitos, isto é, a representação é um processo discursivo; uma ação da linguagem; sendo, portanto, sócio-histórica e culturalmente constituída. Em consonância com essa ideia estão as discussões feitas por Hall (1997) e Woodward (2009).

Para Hall (op.cit.), a representação é o uso da linguagem com o intuito de dizer algo para o mundo, construindo um sentido nesse processo do dizer:

La representación es la producción de sentido a través del lenguaje. (...) No hay relación simple de reflejo, imitación o correspondencia uno a uno entre el lenguaje y el mundo real. El mundo no está reflejado de manera adecuada ni inadecuada en el espejo del lenguaje. El lenguaje no funciona como un espejo. El sentido es producido dentro del lenguaje, en y a través de varios sistemas representacionales que, por conveniencia, llamamos 'lenguajes'. El sentido es producido por la práctica, por el 'trabajo' de la representación.

Es construído mediante la significación – es decir, por las prácticas que producen sentido. (op.cit., p. 13)²⁷

Dessa forma, ao usar a linguagem, o “eu” representa o mundo de maneira significativa para o “outro”. A linguagem aparece nas ideias do autor como um sistema de representação, envolvido no processo de construção de sentido, isto é, o sentido não está pronto; acabado. Quando é atravessado na e pela linguagem é negociado e ressignificado para assumir novas concepções.

Woodward (2009) salienta que a representação é um mecanismo simbólico de classificação do mundo e de nossas relações dentro desse mundo. Em suas palavras, a representação

incluir as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. (op.cit., p. 17).

A constituição do sujeito está intrinsecamente relacionada às práticas sociais, através das quais a representação se efetiva, ou seja, os sujeitos vão utilizar um sistema cultural e linguístico para construir os significados. Nesse universo simbólico os indivíduos inscrevem suas experiências de vida, constroem e reproduzem os significados destas.

É, exatamente, o que proponho neste capítulo, refletir sobre as representações construídas a respeito de si mesmas e dos outros quando Helena, Isabel e Sara estabeleciam suas práticas de linguagem no quarto de acolhimento.

Os dados para essa análise advêm dos registros coletados nas entrevistas realizadas com as três mulheres e nas conversas informais não-gravadas, mas registradas no diário de campo.

²⁷ A representação é uma produção do sentido através da linguagem. (...) Não existe uma relação simples de reflexo, imitação ou correspondência um a um entre a linguagem e o mundo real. O mundo não está refletido de maneira adequada ou inadequada no espelho da linguagem. A linguagem não funciona como um espelho. O sentido é produzido dentro da linguagem, em e através de vários sistemas representacionais que, por conveniência, chamamos “linguagens”. O sentido é produzido pela prática, pelo “trabalho” da representação. É construído mediante a significação – quero dizer, pelas práticas que produzem sentidos. (Tradução minha)

3.1. O SILÊNCIO DE ISABEL: UMA REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM

Quando comecei a escuta, a roteirização das entrevistas e a revisão de minhas anotações no diário de campo algo me inquietou por semanas. Ouvi muitas e repetidas vezes as vozes de Helena, Isabel e Sara para que elas me apontassem as “práticas de significação” dessa minha inquietude. Iniciei, assim, um processo de silêncio, uma busca pela serenidade e pelo equilíbrio entre as teorias que eu estava lendo e os dados que estavam ali, querendo me dizer algo.

E vi, assim como Cavalcanti (2006, p. 236), que no meu fazer de pesquisadora “tudo está em fluxo, também o meu olhar sobre a pesquisa está em movimento”. Esse olhar em movimento revelou um fato presente em várias narrativas: o silêncio de Isabel. Pensei: “Se a palavra é um instrumento usado para (se) conhecer e (se) fazer conhecer, como vou discutir o silêncio de Isabel nesse processo discursivo?”

Minha primeira atitude foi esquecê-lo, seguir em frente com a análise e buscar outras discussões. Naquele momento fui imatura e precipitada. Não tenho receio de tornar público essa minha ingenuidade, porque foi aquele dado persistente, motivo de minha inquietação, que me levou, posteriormente, a silenciar os pensamentos e a ansiedade; levou-me a perceber que Isabel tem o silêncio como uma representação de suas práticas de linguagem.

Comecei a vê-lo como “a respiração (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo (...) permite o movimento do sujeito.” (ORLANDI, 2007, p. 13)

É assim que desejo tratá-lo. Sob a forma de significação. Minha perspectiva é analisar o silêncio de Isabel como uma representação da linguagem. Ao representá-lo assim, estou atribuindo-lhe um sentido; falar com esse silêncio e sobre ele também é construí-lo. Nesse sentido tomo a narrativa de Helena sobre a forma como via as outras mulheres no quarto de acolhimento

“A Isabel era quietinha lá dentro, lá no quarto de acolhimento. A Isabel, ela não, ela não conversava muito. Ela só conversava desse jeito assim: ela só conversava se alguém conversasse

com ela. E não falava muito. Ela era muito quietinha, ela falava pouco. Ela ia muito era no banco de leite”.

Helena demonstra que tudo que está cercado a nós é preenchido de subjetividades, porquanto a representação que faz de Isabel está intrinsecamente relacionada à forma de ver o outro. Isabel torna-se representável para Helena porque é um sujeito de linguagem traduzido, em muitas situações no quarto de acolhimento, pelo silêncio.

Na verdade, o que se percebe na representação que Helena constrói sobre o silêncio de Isabel coloca as práticas de linguagem apenas como constituídas pela essência do dizível, ou seja, a palavra é, para Helena, o elemento principal de interação com o outro. Discuto esse aspecto tomando o trecho de seu relato: *“E não falava muito. Ela era muito quietinha, ela falava pouco”.*

Intuo que essa representação é construída pelo fato de Helena presumir, em suas práticas não-indígenas, que o ato de falar, de explicar, enfim, as ações verbais representam mais do que as práticas de silêncio, por tal motivo diz: *“Ela só conversava se alguém conversasse com ela”.* Aqui se configuram as relações interculturais. Isabel possui práticas de linguagem diferentes de Helena. E essas ações se atravessam no quarto de acolhimento. Nesse espaço multilíngue, as a linguagem configura-se em um processo dinâmico de ressignificação. Nela os sujeitos se constituem tanto de palavras quanto de silêncios.

Volto-me, portanto, ao silêncio. Ele é, assim, a essência da significação e a linguagem é o contexto no qual o trânsito contínuo acontece das palavras ao silêncio e do silêncio às palavras. É uma forma de linguagem singular que se refere ao modo de organização subjetiva. Silêncio

que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é mais importante nunca se diz (...) quando dizemos que há silêncio nas palavras, estamos dizendo que elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio “fala” por elas; elas silenciam. (ORLANDI, 2007, p. 14)

Ao dizer que o silêncio atravessa as palavras, a autora reflete sobre a concepção de silêncio como algo que toca e redimensiona o sujeito. Silêncio que representa uma unidade elementar e coerente na e da linguagem. O silêncio, desse modo, é uma atividade que constitui o sujeito social produtor de sentido.

Contemplo essa análise em um trecho da entrevista narrada de Isabel, quando perguntei sobre sua rotina no quarto de acolhimento. Ela respondeu:

“Eu não falava muito. Passava dia assistindo televisão, sem fazer nada. Ficava na minha cama, olhando as coisa, as pessoa entrar e sair, conversar. Ficava só prestando atenção. Aí, eu ia lá no banco de leite, tirar o leite pro bebê. Voltava, almoçava. Era assim”.

Para Isabel, o silêncio se revela em um elemento essencial de interação no quarto de acolhimento. É algo que significa na e pela linguagem. Nesse momento de quietude Isabel mostra, diferente de Helena, que o silêncio é bem mais decisivo do que a fala. Ela faz do não-dito o lugar da palavra que não foi verbalizada, mas que está ali para ser desvelada pelo olhar do outro, pois para Isabel o seu silêncio também dialoga.

Esse dialogar por meio do silêncio está em seu relato: *“olhando as coisa, as pessoa entrar e sair, conversar”*. São ações do silêncio que situa Isabel como um sujeito da enunciação que, muitas vezes, sugere sem dizer e faz com que as práticas de linguagem no quarto de acolhimento assumam uma leveza; um dialogar sem o uso das palavras.

Em sua narrativa Isabel delinea suas práticas de linguagem no quarto de acolhimento e traz um dado importante sobre sua atitude em relação a essas práticas. Quando diz que *“ficava só prestando atenção”* aponta para a ideia de olhar o outro, saber quem ele é e aonde quer chegar ao usar a linguagem.

Acredito que esse ato de observar constitui, para Isabel, uma estratégia de interação, ou seja, “é, nesta sua relação, no tempo e no espaço social, com diferentes ‘outros’ que o índio constrói cosmovisões específicas”. (MAHER, 1998, p. 117). Para Isabel é preciso examinar e perceber que há um caminho de ação e realização em cada prática no quarto de acolhimento. Afinal, a convivência não tem uma data marcada para terminar e a linguagem instituída nesse espaço delinea a trajetória de quem a produz. Permanecer ali leva Isabel a prestar atenção no outro, analisar, entender cada mulher que convivia com ela e como cada uma interagiu. Nesses momentos de escuta do outro, Isabel acredita que “as relações de

linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos”. (ORLANDI, 2000, p.21).

É nessa multiplicidade de sentidos apresentada implicitamente no relato de Isabel e fundamentada em Orlandi que compreendo as práticas de linguagem no quarto de acolhimento como heterogêneas e em constante fluxo, uma vez que refletem a produção simbólica e linguística dos sujeitos envolvidos interacionalmente, mostrando que estamos em constante intercâmbio com o outro e nesse processo contínuo, a linguagem age na construção dos sentidos.

Afirmo isso por ter sido “transeunte” em alguns momentos nas práticas de Isabel. Nosso primeiro encontro foi na comunidade indígena da Malacacheta, em janeiro de 2011, como disse na introdução deste trabalho. E naquele momento, com olhos atentos e ouvidos também, escrevi o seguinte em meu diário de campo em 09 de janeiro de 2011 (DC, p. 04): “Isabel nada falou. A tuxaua me disse que o projeto seria apresentado primeiro à comunidade e depois é que eu teria a resposta.”

O sentido que se revela no silêncio de Isabel delinea o contexto no qual é produzido e situa o sujeito em sua história. Na verdade, o silêncio, para os povos indígenas, não é distanciamento, mas presença; é um modo peculiar de interação. Isabel, em nosso primeiro encontro, se constitui um sujeito interativo; ela participa da conversa tendo o silêncio o seu estatuto enunciativo, uma vez que nas comunidades indígenas, as vozes das lideranças representam as vozes de todos. Tomo esse aspecto com base nas palavras de Santos (2006, p. 08) ao afirmar que:

Em se tratando de organização política, no âmbito da maloca, os Wapixana preservam a autoridade do ‘tuxaua’, líder que tem como responsabilidade organizar e liderar atividades de interesse coletivo, tais como: reuniões e adjuntas (ou ajuri); zelar os bens e negócios de interesse coletivo, tais como: a criação de gado, a cantina e a comercialização de seus produtos; e representá-los perante outras pessoas e autoridades exteriores ao seu meio.

O autor explica que tuxaua é a liderança maior na hierarquia dos Wapixana, enumerando como uma de suas atribuições a de representar a comunidade em assuntos exteriores ao seu cotidiano. Sendo assim, sugiro ver o silêncio de Isabel como o proposto por Orlandi (2007, p 68): “não é o vazio, ou sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de uma instância significativa”. Instância que me leva a analisar a linguagem do silêncio de Isabel como a representação não da ausência da fala, mas das condições sociais e históricas de produção.

Essa observação me faz lembrar um texto que li há alguns anos sobre a relação do indígena com o silêncio. Mesmo não sendo de cunho científico, trago-o para minha dissertação por percebê-lo singular e significativo. O texto diz o seguinte:

*Nós, os índios, conhecemos o silêncio*²⁸

Nós os índios, conhecemos o silêncio. Não temos medo dele. Na verdade, para nós ele é mais poderoso do que as palavras. Nossos ancestrais foram educados nas maneiras do silêncio e eles nos transmitiram esse conhecimento. "Observa, escuta, e logo atua", nos diziam. Esta é a maneira correta de viver. Observa os animais para ver como cuidam de seus filhotes. Observa os anciões para ver como se comportam. Observa o homem branco para ver o que querem. Sempre observa primeiro, com o coração e a mente quietos, e então aprenderás. Quando tiveres observado o suficiente, então poderás atuar. Com vocês, brancos e pretos, é o contrário. Vocês aprendem falando. Dão prêmios às crianças que falam mais na escola. Em suas festas, todos tratam de falar. No trabalho estão sempre tendo reuniões nas quais todos interrompem a todos, e todos falam cinco, dez, cem vezes. E chamam isso de "resolver um problema". Quando estão numa habitação e há silêncio, ficam nervosos. Precisam preencher o espaço com sons. Então, falam compulsivamente, mesmo antes de saber o que vão dizer. Vocês gostam de discutir. Nem sequer permitem que o outro termine uma frase. Sempre interrompem. Para nós isso é muito desrespeitoso e muito estúpido, inclusive. Se começa a falar, eu não vou te interromper. Te escutarei. Talvez deixe de escutá-lo se não gostar do que estás dizendo. Mas não vou interromper-te. Quando terminares, tomarei minha decisão sobre o que disseste, mas não te direi se não estou de acordo, a menos que seja importante. Do contrário, simplesmente ficarei calado e me afastarei. Terás dito o que preciso saber. Não há mais nada a dizer. Mas isso não é suficiente para a maioria de vocês. Deveríamos pensar nas suas palavras como se fossem sementes. Deveriam plantá-las, e permiti-las crescer em silêncio. Nossos ancestrais nos ensinaram que a terra está sempre nos falando, e que devemos ficar em silêncio para escutá-la. Existem muitas vozes além das nossas. Muitas vozes. Só vamos escutá-las em silêncio.

Vejo no texto e nas práticas de linguagem de Isabel no nosso primeiro encontro, em janeiro de 2011, que para os indígenas há um modo de estar em silêncio que se relaciona a uma maneira de estar no sentido. Sob o mesmo ponto de vista, tomo as palavras de Maher (2007, p. 86) quando descreve sobre sua pesquisa com os professores indígenas do Acre:

Em pesquisa que conduzi anteriormente, encontrei evidências de que o ato de agradecer pode, para os professores indígenas do Acre com quem mantenho contato, não remeter a um ato de fala *per se*. Eles tendem a expressar seus agradecimentos de modo muito diferente da grande parte dos não-índios falantes nativos de português. Enquanto muitos dos falantes da língua majoritária no país tendem a agradecer verbalmente e imediatamente após a ação ou as palavras do outro, o procedimento

²⁸Disponível em: <http://www.xamaurbano.com.br/index.php?> Acesso em 02/11/2011.

considerado adequado nas línguas indígenas, o agradecimento para os povos indígenas acreanos é, tradicionalmente, não verbal e é feito através de agrados e presentes dados em retribuição, algum tempo depois da ação pela qual se deseja agradecer.

Pensar, portanto, o silêncio como a representação da linguagem tanto em Isabel quanto nos professores indígenas não é torná-lo uma “marca” apenas do indígena. Assim eu estaria atribuindo a eles uma identidade cultural imutável. Pelo contrário, meu intuito em analisar o silêncio como representação de uma prática de linguagem é justamente intensificar que o sujeito é um ser de muitas formas de interação, um ser que não é homogêneo.

Ressalto essa questão porque em nosso segundo encontro, em maio de 2011, já para a gravação das entrevistas, Isabel traça suas práticas de linguagem em momentos do dizível com o indizível. A conversa que tivemos durou quase uma hora, sendo enfática em muitas situações. Uma delas quando relatou sobre sua chegada ao quarto de acolhimento e sobre o atendimento que recebeu. Ela foi muito detalhista

“Aconteceu que meu filho... Ele tomou líquido e não conseguiu respirar. Mas ele passou duas hora comigo na enfermaria chorando muito e não conseguia mamar. Os enfermeiro veio buscar ele para tomar vacina. Ele ainda não tinha tomado vacina. Levaram ele e eu não podia me levantar. Não podia fazer nada porque tive nenê cesária. Quando ele voltou, ele já tinha tomado a vacina e voltou calado nem choro ele num tinha mais. Aí quando uma mulher, tinha uma mulher acompanhando outra pessoa, ela me ajudou, pegou o bebê pra banhar, aí ela me disse: Olha nenê tá roxo, o que aconteceu com ele? Aí ela pegou nenê e correu pra achar uma enfermeira. A enfermeira pegou ele, veio falar comigo dizendo que tinha que levar ele pra berçário. Aí eu fiquei mais um dia na enfermaria, depois me deram alta e me colocaram no quarto de acolhimento. Lá eu fiquei até final de junho”.

Reflito que Isabel interage muito bem entre o dizível e o indizível. Tudo é uma questão de escolha. No quarto de acolhimento e em nosso primeiro encontro

na comunidade, o silêncio para Isabel é o contexto da interação que vai sendo moldado devagar, sem as exigências da lógica racional; é um silêncio que observa, que espera. Em contrapartida, durante esse momento na entrevista, o dizível é a forma de marcar a sua história no quarto de acolhimento; o que havia acontecido com ela e com o bebê. Ela me disse antes de ligar o gravador: *“Vou falar como passei no hospital esse tempo”*.

Todos nós vivemos situações que nos levam a escolher uma determinada prática. E as escolhas que fazemos ocorrem, muitas vezes, a partir do contexto e das pessoas envolvidas nessas práticas. Vejo, neste ponto da análise, que Isabel transita muito bem entre o silêncio e as palavras.

Isabel sustenta que “estar no sentido com palavras e estar no sentido em silêncio são modos absolutamente diferentes entre si” (ORLANDI, 2007, p.27), porque compõe a sua forma de significar, de interagir com o contexto, com as pessoas a sua volta. Em situação de entrevista, Isabel percebe que ali é o momento de falar; por outro lado, o silêncio não deixou de ser representativo. Foi uma situação de escolha. A mobilidade linguística de Isabel leva-me a enfatizar o silêncio por ser um dado recorrente em suas narrativas e nas de Helena em relação à linguagem no quarto de acolhimento.

Volto, assim, a ver o silêncio de Isabel como um processo de produção de sentidos; um processo significante. No quarto de acolhimento ele passa a ser essencial, uma prática constante; por intermédio dele Isabel abre um leque de significações sobre o lugar, as pessoas, as coisas.

Tomando uma última fala de Isabel sobre como as mulheres agiam no quarto de acolhimento continuo a análise:

“Fiquei lá quase dois mês e sempre era sair entrar de mulher. Quando eu cheguei lá, tinha uma mulher de uma comunidade indígena bem longe. Ela passou um dia com nós lá. Não conversava com ninguém. Quando eu resolvi ir lá com ela, ela já tinha ido embora porque o bebê morreu”.

A atenção de Isabel para a outra mulher intensifica o silêncio como uma atividade marcante; como um dado que não incide apenas a ausência de palavras, mas também como algo que funda o significado. Suponho, dessa forma, que Isabel

não foi de imediato falar com a mulher de outra comunidade porque sabia que ela também precisava desse momento de quietude, de observar, de silenciar para compreender as outras práticas de linguagem.

O silêncio, assim, permite o movimento dos sentidos que encaminha o sujeito para a multiplicidade de sentidos, isto é, “o silêncio não fala. O silêncio é. O silêncio *significa*. Ou melhor: no silêncio, o sentido *é*”. (ORLANDI, 2007, p.31, grifo do autor).

Dessa forma, a representação do silêncio de Isabel oferece aos leitores desta dissertação os sentidos possíveis, as infinitas possibilidades do imaginário para compreendê-lo. É no silêncio que o diálogo continua a dizer, algo que subjaz o dizível.

3.2. O OUTRO FALADO POR MIM: REPRESENTAÇÕES DE SARA

As análises das práticas de linguagem no quarto de acolhimento mostram que os caminhos traçados são múltiplos e suas representações são singulares. Falo isso por ter, na seção anterior, discutido o dialogar com silêncio e com palavras e agora trazer reflexões a respeito do dialogar apenas com palavras.

Essa relação é necessária uma vez que as narrativas das ex-parturientes demonstram que o cotidiano vivenciado no espaço hospitalar multilíngue é complexo, desafiador, está imerso em possibilidades interacionais, fazendo ressoar, refratar e entrecruzar uma multiplicidade de práticas.

Início, portanto, a análise trazendo uma narrativa de Sara quando foi indagada sobre como via as suas práticas de linguagem no quarto de acolhimento:

“Eu nunca pensei que eu fosse usar as duas língua assim todo tempo porque eu vim pro Brasil com doze anos e só sabia falar inglês e comecei a aprender o português porque fui trabalhar em casa de família e não conseguia entender o que me falava pra fazer. E quando eu aprendi era mais o português que eu falava. No quarto de acolhimento eu falava as duas língua e eu me sentia bem porque eu... Eu podia ajudar outras pessoa. Eu podia fazer com que as pessoa participasse. Eu me sentia

muito bem porque lá tinha também mulheres que só falava inglês não sabia português e às vezes até em outro lugar do hospital eu ia ajudar. Os médico, os enfermeiro queria explicar alguma coisa pra alguém que só falava inglês, que vinha da Guiana eles explicava pra mim e eu passava pra pessoa. Pra mim eu tava ajudando. Eu falava, ajudava eles porque eu também já vivi essa situação”.

Em Sara, vejo a linguagem com o sentido de mediação entre o “eu” e o “outro”. Como a capacidade de articular significados e compartilhá-los em ocasiões de interação, sempre produzindo representações.

Ao rememorar suas práticas no quarto de acolhimento, Sara destaca que nunca tinha pensado em usar o inglês e o português de forma tão constante até porque o português passou a ser, desde o momento em que aprendera, a língua que mais falava.

Após essa narrativa perguntei a Sara se ela falava inglês em outros momentos: como em casa com os familiares. Ela respondeu: *“Em casa ninguém fala. Eu falo quando vou visitar meus parente lá em Lethem ou quando eles tãõ aqui. Eu acho que falar as duas língua me faz sentir duas pessoa.”*

Entrecruzando as duas narrativas, reflito que chegar ao Brasil aos doze anos, falar apenas o inglês, aprender o português e tornar essa língua a mais utilizada, mostra a sua condição de imigrante, de estrangeira, em virtude de que

para os imigrantes, o português era a língua do estrangeiro, do diferente. A maneira pela qual se deu a entrada e a adaptação do imigrante no novo ambiente (dos falantes de português) estava articulada com a forma pela qual eles se relacionaram com o aprendizado do português. (BOLOGNINI e PAYER, 2005, p. 43).

A relação de aprendizagem com a Língua Portuguesa para Sara começou no ambiente de trabalho: *“porque fui trabalhar em casa de família e eu não conseguia entender o que me diziam pra fazer”*. Nesse caso, a língua do outro se tornou necessária para desenvolver suas atividades.

Além disso, em contextos como locais de trabalho, as línguas distintas assumem uma função importante ao apontar informações e ao criar papéis específicos na vida social. Não pretendo com isso, delimitar a análise em uma

situação apenas de comunicação, em que há a transmissão de informações de um emissor para um receptor.

Desejo discutir que a memória dos usos linguísticos de Sara manifesta o lugar de mediação em que se pode traçar as relações entre língua e sujeito, ou seja, o lugar onde o indivíduo se faz presente no processo de interação. Em situações de contato, as múltiplas práticas geram os conflitos pelas diferenças e podem representar uma oportunidade para que sejam negociados.

É nesse sentido que vínculo a forma como Sara faz uso das línguas não apenas a uma materialidade rígida, mas às condições de produção; de uso. A linguagem vista como o contexto no qual o sujeito se realiza e se constrói está sempre em movimento e em constante reformulação, projetando posicionamentos e mudanças sociais. Sara encontra-se nesse processo de trânsito linguístico e percebe que essa mobilidade entre uma língua e outra foi mais constante no espaço hospitalar. Essa experiência a fez viver um processo entrelaçado entre linguagem e representações.

Ao relatar *“no quarto de acolhimento eu falava as duas língua e eu me sentia bem porque eu eu podia ajudar outras pessoa”*, Sara sugere uma simbolização da forma como vê a sua prática e como se situa em relação aos outros. Pode estar considerando, também, que a língua é um construto que proporciona as práticas sociais, as quais, mediadas pela linguagem, vão possibilitar as representações como as construídas pelas outras mulheres no quarto de acolhimento. Por isso, destaco as narrativas de Helena e Isabel sobre o comportamento linguístico de Sara:

“Tinha uma guianense, a Sara, ela falava a língua dela própria o inglês e também falava o português. Ela falava inglês com outra guianense que não sabia português ajudando ela e ajudava a gente com essa guianense que não sabia falar português. Sara falava por ela e falava por nós também. Nos momentos que a gente conversava ela tava lá pra ajudar. E eu vi também chamar Sara pra ajudar em outro setor do hospital”.
(Helena).

“Sara ajudava muito Diana, outra guianense. Diana só falava inglês. Sara explicava o que Diana falava porque Diana não

entendia português. Diana falava, Sara explicava o que Diana tava falando. Sempre era desse jeito. Toda vez era assim". (Isabel).

As narrativas de Helena e Isabel assestam Sara como alguém que fazia a mediação; a interação no quarto de acolhimento de forma solidária: *"Ela falava inglês com outra guianense (...) ajudando ela e ajudava a gente..."; "Sara ajudava muito Diana, outra guianense"*.

Os relatos se encontram quando as duas narram o comportamento linguístico de Sara, mostrando que julgou conveniente falar o inglês, sua língua materna, para ajudar as pessoas. Nessa escolha, Sara se reconhece na relação com os outros e consigo mesma.

Contemplo, dessa maneira, a ideia de que mais do que trabalhar o ato comunicativo, Sara viu a linguagem no espaço hospitalar como algo mais amplo; de "tomada da palavra significante", que de acordo com Serrani-Infante (1998, p. 247),

é aquela que excede a ordem da instrumentalidade da língua e os sentidos excedem a ordem da proposição lógica, é a tomada de palavra que afeta e transforma o sujeito como tal, pois linguagem e constituição subjetiva estão intimamente ligadas.

Relaciono as palavras da autora com as duas narrativas para poder entender que, mais do que externalizar os códigos e suas funções nas duas línguas, Sara toma outra posição subjetiva: a de alguém que ajuda as pessoas no contexto hospitalar.

Portanto, o seu biliguismo²⁹ naquele momento tornou-se fundamental para a interação no quarto de acolhimento. Esse fato pode ser percebido nas palavras de Isabel: *"Sempre era desse jeito. Toda vez era assim"*.

Nesse trecho intuo que as representações construídas em relação a Sara conduzem para uma caracterização das práticas de linguagem no quarto de acolhimento como atravessadas, confluentes e heterogêneas.

Ao destacar no título desta seção que o papel de Sara no espaço hospitalar foi o de falar pelo outro, não exclui esse outro da interação. Vejo que a intenção de

²⁹ Situo esse termo em Maher (2007, p. 79) quando diz que "o bilinguismo, uma condição humana muito comum, refere-se à capacidade de fazer uso de mais de uma língua".

Sara foi exatamente de inserir esse outro no contexto como sujeito, como falante. Falar pelo outro significa, nas práticas de linguagem de Sara, dar a ele a oportunidade de se fazer presente. Como diz em sua narrativa: *“Eu podia fazer com que as pessoa participasse”*.

Ela localiza o outro em suas práticas, inscreve o outro no desejo de participar, de inserir-se no contexto social, naquele espaço multilíngue. Faz o outro apropriar-se de seu lugar no mundo através do ato de falar por ele; contribui para as relações sociais estabelecidas ali.

Sara em suas práticas de linguagem se coloca à disposição do outro e justifica tal atitude: *“porque eu também já vivi essa situação”*. Compreendo que o comportamento de Sara segue o caminho da alteridade. Ao relacionar-se com outras mulheres no quarto de acolhimento que não sabiam falar a Língua Portuguesa, rememora sua trajetória como imigrante.

Isso mostra que no momento de falar pelo outro, ela se considera na mesma situação; é uma prática real, concreta, social que produz um significado, pois de acordo com Ciampa (1989, p. 70) “essa expressão do outro que também sou eu consiste na ‘alterização’ da minha identidade”. É assim que Sara se sente e se vê; é assim que delinea suas práticas de linguagem no quarto de acolhimento: uma possibilidade de se ver no outro.

Em síntese, penso que a alteridade em Sara pressupõe uma pluralidade de caminhos, mas também, de assumir sua condição. Ao falar pelo outro sugere que, em um espaço multilíngue, a alteridade se faça presente como algo necessário, como um valor social.

3.3. SUA LÍNGUA ERA A MAIORIA: REPRESENTAÇÕES DE HELENA

Nesta seção trago a análise de um fato que ficou evidenciado no momento em que pedi a Helena, Isabel e Sara para descreverem as línguas faladas no quarto de acolhimento.

O dado, a princípio, traz uma obviedade: na composição do quarto de acolhimento no período em que as entrevistadas viveram juntas, das onze mulheres, oito só falavam português, uma falava português e inglês, uma dominava o português e o Wapixana e outra só o espanhol.

Quero destacar que os dados apresentam um cenário que já era esperado em relação à Língua Portuguesa, uma vez que o maior número de pacientes no Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth é de brasileiras, mas nas entrelinhas das narrativas existem representações a serem discutidas e compreendidas.

Para começar a análise, trago a narrativa de Helena sobre como se percebia no quarto de acolhimento enquanto falante de Língua Portuguesa:

“A minha língua era usada diariamente, assim, porque a minha língua como é o português, e ela predominava lá no quarto de acolhimento porque tinha mais brasileira então a gente falava. Conversar com as outras menina que eram brasileira não tinha grande problema. Eu sei que eu era a maioria, mas e as outras menina da Venezuela, da Guiana? Acho que lá ser maioria não era grande coisa não”.

Aquele dado óbvio começa a ser ressignificado nas palavras de Helena. A representação que faz da Língua Portuguesa permite perceber que, no primeiro momento, a língua faz parte de Helena; é dela: *“A minha língua era usada diariamente, assim, porque a minha língua como é o português”.*

Ao dizer que sua língua era usada diariamente, Helena sugere que suas práticas de linguagem eram desenvolvidas com mais facilidade no espaço hospitalar; aparecem como um traço positivo e valorizado.

Logo em seguida ela afirma: *“...e ela predominava lá no quarto de acolhimento”.* Nesse ponto da narrativa, acredito que houve uma representação do domínio linguístico do português em relação às outras línguas, sendo sua justificativa a quantidade de brasileiras que vivia no espaço. Porém, relendo minhas anotações no diário de campo, vi que registrei uma observação sobre esse ponto da entrevista: *“Helena não se mostrou arrogante ou com vantagem por ser a maioria no quarto de acolhimento”.*

É interessante rever essa atitude de Helena, porque geralmente quando nos vemos inseridos em um contexto multilíngue e percebemos que a língua majoritária é a que nós falamos, nossa tendência é nos sentirmos superior; únicos em meio a

uma diversidade, causando em nós uma espécie de defesa de uma língua nacional. Isso acontece porque, conforme Berenblum (2009, p. 125)

As línguas nacionais tiveram historicamente uma importante função política, assim como os discursos que, em sua defesa, se pronunciaram e se pronunciam na atualidade. De fato, em seu nome desenvolveram-se e sucederam-se intermináveis conflitos que parecem não ter solução. E isto é assim porque, simbolicamente, ela, entre outros fatores, representa a comunhão dos cidadãos; identificamo-nos como "irmãos" naturais de uma nação através dela e, exaltamos suas virtudes e valores, em relação às outras línguas.

A língua nacional por questões políticas, tomando as palavras da autora, simboliza um laço de igualdade, de naturalidade. Em contrapartida, essa ação convergente de uma mesma língua reveste o comportamento dos sujeitos em situações sociais, gerando muitos conflitos em relação a outras línguas faladas em um espaço de diversidade.

Em outros termos, a característica multilíngue do quarto de acolhimento significa, a princípio, um contexto linguisticamente tenso causado por um imaginário de unidade linguística. Por outro lado, na narrativa de Helena essa ideia de homogeneidade das práticas de linguagem tem uma ruptura quando indaga: *“Eu sei que eu era a maioria, mas e as outras menina da Venezuela, da Guiana?”*

Proponho a ideia de que Helena, nesse trecho do relato, considera a língua não como um organismo, como um objeto. Possivelmente, ela percebe a língua como algo que faz parte do contexto em que está inserida, incluindo as práticas de linguagem das mulheres venezuelanas e guianenses. Posso considerar, assim, o caráter social da língua, visto que Helena destaca as diferentes práticas, despertando, em minha análise, a (des) construção de um espaço hospitalar monolíngue.

Simultaneamente, Helena parece estar ciente de que sua prática de linguagem é a mais desenvolvida no espaço e sabe que se esbarra em outras diferentes da sua. Ela apresenta de certa forma a ideia de que estar em um cenário com práticas diversas é ver o processo de interação como algo mais amplo do que apenas a transmissão de informações.

Nesse ponto, revisito Bakhtin (1995) quando afirma que a linguagem é interação social. O sujeito, ao usá-la, deixa marcas de suas subjetividades porque

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (op.cit., p. 123, grifo do autor)

Relaciono essas ideias com o que, intuo, aconteceu com Helena. Aponto, primeiramente, que a enunciação concebida por Bakthin é diálogo, faz parte de um processo social, no qual as práticas de linguagem se consolidam. Foi com e sobre esse diálogo que Helena se inquietou.

Em outro ponto da citação, o autor afirma que a essência da língua não é sua forma lingüística abstrata, mas a interação. Analogamente, Helena demonstra, em sua narrativa, essa mesma concepção. A noção que se pode inferir de interação verbal por meio das práticas de linguagem é constituída pelo efeito de sentidos originado de seu olhar heterogêneo sobre a situação, sobre o contexto social, sobre as condições de produção, ou seja, Helena, provavelmente, não restringiu suas relações no espaço hospitalar. Se assim fosse, conversaria apenas com as outras falantes de Língua Portuguesa. Helena, nesse sentido, aponta as condições favoráveis de produção de suas práticas de linguagem, mas leva em consideração as outras.

As múltiplas linguagens no quarto de acolhimento e a preocupação de Helena com a interação justificam a complexidade da experiência vivenciada naquele ambiente e podem revelar que as práticas de linguagem são um produto vivo, não acabado, em constante movimento, de acordo com o contexto em que são estabelecidas.

Acrescento, ainda, que a importância dada por Helena à Língua Portuguesa se dispersa quando demonstra a existência de outras línguas no quarto. Sobre esse aspecto, ela afirma: *“Acho que lá ser maioria não era grande coisa não”*. Nesse trecho da entrevista, analiso que Helena parece desejar compreender as práticas de linguagem das outras mulheres, haja vista que a representação construída de seu comportamento lingüístico inclui o comportamento lingüístico do outro. Essa tentativa de inclusão de Helena é apontada também em um dos relatos de Sara:

“Helena tava sempre querendo ficar junta de todo mundo. Ela conversava com a Carmen, a venezuelana, gostava muito dela.

Eu ficava junto com ela quando queria conversar com Diana, a outra guianense. Ela não se acanhava não e não ficava só conversando com as menina que falava português”.

O comportamento linguístico de Helena é representado por Sara como alguém que pretende fazer parte de tudo, conhecer o outro. A interação para Helena, nas palavras de Sara, significa incluir-se e incluir o outro.

É fato que a língua falada por Helena é proeminente em relação as outras, mas é provável, também, que as relações em um espaço multilíngue permitam o atravessamento de linguagem diferentes.

Dessa forma, a representação que Helena faz de suas práticas no espaço hospitalar como “*maioria*” não causa a exclusão de outras. Excluir não parece ter sido o seu desejo. Isso pode ser constatado nas palavras de Sara: “... *não ficava só conversando com as menina que falava português”.*

Suponho que seria “bem mais fácil” para Helena excluir de seu ciclo de conversas as mulheres que não falassem português. Essa, talvez, seria a atitude mais esperada. Porém, não foi a que Helena optou analisando o relato de Sara: “*Helena tava sempre querendo ficar junta de todo mundo*”.

Acredito que a vontade de estar junto, de incluir-se pode ter levado Helena, assim como a venezuelana e a guianense, a constituir-se uma estrangeira naquele espaço multilíngue, mesmo sendo a maioria. Pode ter sido, também, o motivo de sua inquietação e, talvez, por isso, incluiu, em sua trajetória, as mulheres de perfil linguístico e cultural diferente do seu.

Analiso, portanto, que a estratégia de Helena em admitir que sua língua era majoritária e ainda reconhecer que as outras também se fizeram presentes naquele espaço, sugere um olhar que o sujeito tem sobre si, ao mesmo tempo, que esse olhar localiza e valoriza o outro.

Suponho que seja um movimento em direção à heterogeneidade, ao atravessamento de línguas e culturas no quarto de acolhimento. Assim sendo, percorrer os caminhos propostos pelas representações de Helena, Isabel e Sara permite-me dizer que as práticas de linguagem seguem a trajetória de quem as desenvolve; e nessa trajetória sinuosa os sujeitos observam a si e os outros, se solidarizam, incluem outros e se (re) constroem continuamente.

CAPÍTULO 4 – IDENTIDADES E PRÁTICAS DE LINGUAGEM: UM ENLACE DE SI COM O OUTRO

*entropia identitária*³⁰

*Vivo nesse instante uma entropia identitária
Me escondo
Me revelo
Torno-me inteiro
Na incompletude do outro
Sinto-me incompleto
Na inteireza de alguém.
Sou o vazio
Sou a existência
Sou metade...
O outro é o meu desafio
É o encontro e o desencontro
É o conflito.
É minha pertença
Muitas vezes, não recíproca...
O outro...
É ele que completa o que falta em meu olhar...*

Como discutir identidades excluindo-me da questão? Não posso... Estamos todos envolvidos nesse debate contemporâneo e argumento em Giddens (2002, p.37), quando esse afirma: “nos ambientes da pós-modernidade, o eu alterado tem que ser explorado e construído como parte do processo reflexivo de conectar mudança pessoal e social”.

E em quais cenários pós-modernos estamos inseridos? De que forma nossa individualidade se conecta com a coletividade nesses ambientes? Trago mais indagações porque refletir sobre a constituição identitária é problematizá-la sempre; é reconhecer essa discussão como o resultado das várias mudanças que estão acontecendo nas práticas sociais do mundo pós-moderno: “um mundo de contradições, de muitos encontros e desencontros entre teorias e práticas, buscando respostas que por sua vez, parecem estar na origem de novas perguntas”. (PINHEIRO, 2006, p. 01).

³⁰ Poema de minha autoria. Foi elaborado em maio de 2010 logo após a leitura e discussão do livro “Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais” na aula da disciplina Linguagem e Identidade, ministrada pela Professora Doutora Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas.

Sob a perspectiva de mais indagações, desejo iniciar as reflexões acerca das identidades, compreendendo que essas, como parte de um processo social e dinâmico, constituem-se nas relações mediadas pela linguagem.

Acredito, ainda, que a identidade é um constante devir; um processo de “estar sendo” e não algo “reservado a ser”. Nesse sentido, deixa de ser rígida, fixa e sólida para ser compreendida como maleável, móvel e fluida. No sentido proposto por Bauman (2005, p. 21-22), “a ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; (...) como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero”.

Esse aspecto de mobilidade identitária, ou como denomino em meu poema entropia identitária, está intrinsecamente relacionado à existência de um “outro” que se configura nas situações sociais, sejam estas linguísticas ou culturais. A identidade, por conseguinte, não se constitui no isolamento, mas no coletivo, isto é, “a identidade é relacional” (WOODWARD, 2009, p. 09).

Sendo assim, pensar a identidade como uma marca registrada, determinada, descrita sem falhas é uma visão que aponta o sujeito como alguém fora de um contexto socialmente histórico. Hoje já não se acredita mais na existência de uma identidade homogênea, mas em uma identidade marcada pela heterogeneidade, afirmada por Hall (2009, p. 108), uma identidade “cada vez mais fragmentada e fraturada”.

Nessa perspectiva não-essencialista, com a visão de um sujeito não unificado, traço a noção de identidade que ancora este trabalho. Uma noção que se ajusta no enlace entre sujeito e linguagem sob um olhar dinâmico e plural, construído a partir dos relatos de mulheres que vivenciaram esse enlaçamento.

Dessa forma, a análise que trago neste capítulo tem como viés os dados advindos das entrevistas realizadas com Helena, Isabel e Sara e fundamentadas na subpergunta: **Que práticas de linguagem e de cultura, realizadas no espaço hospitalar e narradas pelas ex-parturientes, sinalizam as experiências vividas e constituem suas identidades?**

4.1. IDENTIDADE E DIFERENÇA NO QUARTO DE ACOLHIMENTO: UM DIÁLOGO INTERCULTURAL

Analisar as práticas de linguagem de três mulheres que viveram em um espaço multilíngue através de suas narrativas, permite-me criar uma atmosfera de múltiplas possibilidades de significação. São relatos que reúnem eventos proeminentes, representativos, impondo-lhes certa perspectiva.

Os acontecimentos aqui narrados projetam uma reconfiguração, reinvenção e reconstrução da experiência vivida. As narrativas de Helena, Isabel e Sara são, na verdade, um processo instaurador de “realidades” sociais, apresentando-o como uma ação produtiva que nos proporciona compor sentidos para a existência.

Acredito, dessa maneira, que essas mulheres ao rememorarem suas experiências no quarto de acolhimento tornam visíveis a relação identidade e diferença situando-a na construção dos significados intrínsecos à linguagem. Revelam, ainda, que o sujeito se constitui ao longo de sua própria vida, mediante suas ações linguísticas e culturais, em interação constante com outros, inseridos também em uma língua e em uma cultura.

Tomo, assim, o termo cultura apoiando-me em Bhabha (1990, p. 210) quando explica que “todas as formas de cultura são de algum modo relacionadas com outras, porque cultura é uma atividade significativa e simbólica”.

Diante desse conceito, pretendo poder conceber a ideia de cultura que, mais do que uma definição ampla, permita aos leitores do meu trabalho compreender o “fazer parte do mundo” do sujeito e todas as referências que envolvem suas relações, experiências e práticas sociais dentro de seu grupo específico ou em outras situações.

Essa reflexão é necessária, uma vez que as práticas de linguagem de Helena, Isabel e Sara indicam o espaço hospitalar como um lugar no qual são traçadas novas configurações sociais relacionadas à língua e à cultura. Tais configurações são destacadas nas palavras de Hall (2006, p. 62) quando afirma que “não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. As nações modernas são, todas, híbridos culturais”.

Portanto, para iniciar esse diálogo entre linguagem e cultura estabelecido no quarto de acolhimento trago a narrativa de Helena no momento em que conversávamos sobre o jeito de ser e de se relacionar no espaço hospitalar:

“Cada uma tinha o seu jeito. Por exemplo, a venezuelana ela tinha um costume que eu acho que é deles lá mesmo que era de ficar de... Vestir um pijama, pijamão bem colorido. Ela não tirava ele. Ia pra toda parte do hospital vestida assim”.

Ao pontuar “Cada uma tinha o seu jeito”, Helena faz-me desenvolver algumas reflexões acerca das práticas culturais no quarto de acolhimento com base no que Bhabha (1998, p. 61) nos propõe:

devemos re-historicizar “a questão do sujeito” ou a “construção discursiva da realidade social” (...) Isto só pode acontecer se recolocarmos as exigências referenciais e institucionais desse trabalho no campo da diferença cultural – e não da diversidade cultural. (Grifos do autor)

Entrelaçando a continuidade da narrativa de Helena, no momento em que revela a singularidade da venezuelana, com a perspectiva do autor, percebo que é necessário caminhar para além da diversidade cultural se quisermos compreender o modo pelo qual as práticas culturais constroem seus próprios sistemas de significação. Em outros termos, Helena, ao interagir com significados e símbolos culturais e linguísticos diferentes dos seus no espaço hospitalar, delinea suas subjetividades, elabora referências, visões de mundo, modos de ser e de expressar-se.

Ao narrar sobre sua forma de ver a venezuelana, permite que as práticas culturais desenvolvidas no quarto de acolhimento sejam vistas como uma trama de significados, tendo como elemento essencial de organização, a linguagem. Ademais, os sujeitos, em suas práticas, constroem representações das próprias vidas e de suas relações com os outros porque são capazes de revelar o comportamento social do grupo a qual pertencem.

A narrativa de Helena nos convida a modelar um conceito de cultura como algo dinâmico, produtivo, em processo. Para tanto, ressalto novamente as ideias de Bhabha (op.cit., p. 63-64) ao fazer a distinção entre diversidade cultural e diferença cultural:

A diversidade cultural é um objeto epistemológico – a cultura como objeto de conhecimento empírico – enquanto a diferença cultural é o processo da *enunciação* da cultura como “conhecível”, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural. A diversidade cultural é o reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados; mantida em um enquadramento temporal relativista; é também a representação de uma retórica radical da separação de culturas totalizadas que existem intocadas, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única (...) a enunciação da diferença cultural problematiza a divisão binária de passado e presente, tradição e modernidade, no nível da representação cultural e de sua interpelação legítima. (Grifos do autor).

Desta forma, situo as práticas culturais no quarto de acolhimento sob a perspectiva da diferença cultural. Opto por essa abordagem porque compreendo que ao se referir à diversidade cultural, o autor tem a intenção de nos advertir sobre o perigo de utilizarmos essa definição de maneira relativista e gerar, por conseguinte, noções liberais de multiculturalismo, contribuindo para o distanciamento das culturas que, intocadas, manteriam as suas próprias características.

Esse não é o olhar que desejo compor na pesquisa sobre as práticas culturais no quarto de acolhimento; não vejo uma diversidade no isolamento das próprias culturas. Apresento, dessa forma, as práticas culturais como sendo um entrelaçamento, um intercâmbio com possibilidades de encontros e desencontros e, estes, podem ser ressignificados pelos múltiplos contatos.

A narrativa de Helena contribui para que meu olhar de pesquisadora enxergue um atravessamento da linguagem e da cultura no quarto de acolhimento; perceba que, em tal espaço, línguas e culturas se encontram, se cruzam e marcam a trajetória dessas mulheres de forma ambivalente, heterogênea; jamais de forma essencialista e homogênea.

É nessa consciência que trago o relato de Sara para continuar o diálogo entre as práticas culturais:

“Gorete era uma indígena que ficou pouco tempo com a gente. Acho que uma semana. Ela tinha o jeito dela... Calada... No canto. Quando vinha almoço, ela abria assim... Olhava. Ela não queria. Às vezes comia tudo, às vezes comia a carne e a farinha, às vezes ela ficava só de saia não ficava com a parte de cima da roupa, às vezes ficava toda vestida”.

A narrativa de Sara dialoga com o que Helena relata. As práticas culturais dessas mulheres precisam ser compreendidas na perspectiva da diferença. Mais ainda, ressalto a necessidade de procurar entender como os sujeitos percebem a si e aos outros em um espaço de pluralidade, em um espaço, que por ser transitório: *“Gorete era uma indígena que ficou pouco tempo com a gente... Acho que uma semana”*, é qualitativamente diferente.

Vejo-o, a partir dos relatos aqui transcritos, como o lugar da ação e da linguagem no qual as pessoas realizam sua capacidade de falar, agir e experienciar múltiplas situações. Além disso, o contato linguístico e cultural no quarto de acolhimento revela o sujeito como um ser contemporâneo, cindido, dinâmico, que se constrói em espaços sócio-históricos e culturais.

E o diálogo continua, porque é pela linguagem que o sujeito constitui a si e o outro, estabelecendo na relação identidade e diferença as fronteiras entre o eu e o outro. Essa relação, situada no quarto de acolhimento, faz-me comungar com as ideias de Maher (2007, p. 89) quando discute sobre as identidades culturais na educação bilíngue:

(...) como a cultura não é só pensada, mas também vivida, as significações são continuamente avaliadas e transformadas pela ação humana. (...) Além de as identidades culturais não serem uniformes ou fixas, o que ocorre na sala de aula não é uma simples justaposição de culturas. Ao contrário: as identidades culturais nela presentes (...) esbarram, tropeçam umas nas outras o tempo todo, modificando-se e influenciando-se continuamente, o que torna a escola contemporânea não o lugar de “biculturalismos”, mas de interculturalidades.

Proponho fazer uma analogia do que acontece no espaço escolar descrito pela autora com as situações vivenciadas e relatadas por Helena, Isabel e Sara. Em suas narrativas, essas mulheres promovem uma discussão a respeito das identidades culturais no espaço hospitalar como processos que se esbarram, se atravessam em muitos momentos, delineando o quarto de acolhimento como um lugar contemporâneo e intercultural.

É o que quero intensificar com o relato de Isabel. Em entrevista, quando conversávamos sobre o jeito de cada mulher no quarto, Isabel fala: *“Lembro de uma guianense que gostava de pentear os cabelo da gente fazendo trança... Aquela trança fininha no cabelo todo... Sabe?”*

Mais uma vez reflito sobre o fato de que se reconhecemos e respeitamos as singularidades de cada cultura e língua inseridas em uma sociedade não podemos ocultar o fato de que as diferenças existentes em cada uma delas são atravessadas por valores sociais, ou seja, o outro com o qual me relaciono. E esse discurso alheio também é atravessado e valorado socialmente de maneira diferenciada. Deste modo,

sem, de fato, entender o diferente em sua complexidade não conseguiremos criar provimentos para acomodá-lo, acolhê-lo, de forma respeitosa (...) não conseguiremos ir além do mero reconhecimento de sua existência, da mera “tolerância” para como ele. (op.cit. 1998, p. 68)

Considerando que as narrativas de Helena, Isabel e Sara revelam a relação identidade e diferença no quarto de acolhimento, proponho, similarmente à autora, refletir sobre as práticas narradas por essas mulheres em sua complexidade e, quem sabe, proporcionar discussões no âmbito institucional para se “entender o diferente, para acomodá-lo, acolhê-lo, de forma respeitosa” (op.cit.) em um espaço hospitalar multilíngue.

Os relatos das ex-parturientes em relação ao jeito de ser de cada mulher enfatizam que a identidade é um conceito plural e marcado pela diferença, porque depende de outra para existir. Nas palavras de Woodward (2009, p.39), “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença”, aliás, identidade e diferença marcam a unicidade do sujeito numa sociedade múltipla.

Do mesmo modo, a relação do eu com o outro apresenta as práticas de linguagem, de cultura e a constituição identitária dessas mulheres pela marcação da diferença, posto que na interação social, os sujeitos se veem conduzidos a novos deslocamentos devido às circunstâncias do encontro e da experiência de contato.

Ressalto, ainda, que linguagem e cultura no espaço hospitalar marcam fronteiras e apontam singularidades, tornando-se aspectos essenciais para a compreensão do processo identitário. Esse reconhecimento remete a um conceito de identidade onde o idêntico, o igual não se encaixa. Ao contrário, a noção de identidade situa-se no campo do movimento, da alteridade e da diferença.

Nesse sentido, os relatos de Helena, Isabel e Sara também salientam que na constituição identitária do sujeito há um movimento próprio da alteridade que transforma a realidade por meio da condição das diferenças. Nas diferenças encontra-se o incentivo à descoberta de novas formas de interação entre os sujeitos.

Isso me leva a refletir, revisitando as narrativas das ex-parturientes, que “a identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros com os quais está em contato.” (CUCHE, 2002, p.182). A identidade, nessa concepção, tem relação direta com a alteridade, que significa distinção; o outro que é distinto.

Em seus relatos, Helena, Isabel e Sara demonstram que o processo identitário no espaço hospitalar não está em listar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar uma diferença cultural.

A diferença passa a ser, nessa visão, uma característica comum do sujeito. O outro é aquele que eu não sou. Essa noção enriquece o contexto hospitalar que desejo visibilizar como intercultural. Contexto que é dinâmico e transformado no desenrolar do múltiplo; que precisa reconhecer a diferença como parte de sua composição; como algo em movimento, percebendo o outro e não o excluindo de seus principais processos.

Foi o que pretendi nesta seção: analisar as narrativas de Helena, Isabel e Sara, situando a diferença cultural no quarto de acolhimento como marca da heterogeneidade e suscitar nos leitores do meu trabalho a percepção de que o sujeito, em sua trajetória de práticas sociais, percorre por uma coletividade que está fora dele e que, ao mesmo tempo, o constitui como sujeito, tornando-se parte dele. A identidade, nessa transitoriedade, tanto expressa a individualidade humana como também demonstra a relação do ser social e seu movimento na sociedade.

4.2. DA CONVIVÊNCIA COM OUTROS À FRAGMENTAÇÃO DE SI

Na maioria das vezes, por uma experiência vivida, um detalhe no inesperado, ressignificamos o que somos. Essa é a essência do sujeito que está inserido em um contexto sócio-histórico cultural. Tratá-lo como um ser de relações foi o motivo que me levou a abrir este capítulo com um poema de minha autoria. Trouxe-o para esta seção porque tenho a intenção de compreender melhor as práticas de linguagem de Helena, Isabel e Sara.

Começo, portanto, com os seguintes versos: *Torno-me inteiro/Na incompletude do outro/Sinto-me incompleto/Na inteireza de alguém.* Nas antíteses,

nos contrastes desse fragmento eu me proponho a interrogar a identidade. Onde buscar seus fundamentos? Em uma língua? Em uma cultura? Em um nome? Nós nos encontramos, muitas vezes, diante de tal escolha, se é que ela existe. Vejo, entretanto, após ouvir as narrativas dessas mulheres, que não é a língua, não é a cultura, não é o nome que vão assegurar ao sujeito o sentimento de identidade. São os caminhos, os encontros, os desencontros, as interiorizações e exteriorizações que constituem o sujeito. Para problematizar e refletir sobre a constituição do sujeito é preciso percorrer esse caminho; encontrar-se e confundir-se várias vezes em suas sinuosas curvas e bifurcações. É preciso olhar, enxergar que há um outro, que o eu não existe sozinho. Há uma relação; uma convivência: *O outro é o meu desafio/É o encontro e o desencontro/É o conflito/É minha pertença/Muitas vezes, não recíproca.*

Escrevi esses versos antes de ouvir as narrativas de Helena, Isabel e Sara e hoje percebo que era um preâmbulo das discussões que trago neste trabalho, mais precisamente, nesta seção. Os relatos dessas mulheres sinalizam que nossas identidades são fluxos contínuos porque somos sujeitos relacionais. Mostram, assim como Hall (2009, p. 108), que a

concepção de identidade *não* assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história (...) não tem como referência aquele segmento do eu que permanece, sempre e já, “o mesmo”, idêntico a si mesmo ao longo do tempo. (Grifos do autor)

O autor nos orienta a perceber que não passamos imutáveis pela história. Nossas práticas sociais estabelecem mudanças, trocas e influenciam o nosso modo de ser. As experiências compartilhadas demonstram nossa incompletude perante o outro; revelam que a apreensão da realidade e o agir no mundo não se dão de maneira isolada. É na relação entre um eu e um outro e destes com o mundo que uma nova realidade se constrói e novos sujeitos se fazem.

É o que confirma a narrativa de Helena, quando no final de nossa conversa, pergunto sobre até que ponto falar uma língua diferente, ser diferente definiu a experiência vivida no período em que passou no quarto de acolhimento e como hoje, tempos depois, se vê narrando suas práticas sociais realizadas naquele espaço.

Quero ressaltar que essa pergunta é o ponto de partida para a análise também das narrativas de Isabel e Sara. Eis, portanto, o que Helena me respondeu:

“Ah... Eu acho que... Aquele período pra mim foi, apesar de ter sido muito difícil pra mim, foi muito importante, sabe? E... Eu acho que conviver com a língua... O inglês, com o espanhol da... Da Venezuela, com língua indígena que eu nunca tinha ouvido. Eu não sei qual o significado porque eu não sei descrever assim foi isso, isso, isso... Mas pra mim aquele momento está marcado na minha vida. Então eu vou dizer que os três meses ali, vivendo com mulheres diferentes de mim, mostra que o modo de falar, o jeito de ser pode até mostrar que eu sou diferente, que ela é diferente porque eu nunca pensei que fosse viver essa experiência, porque antes de viver no quarto de acolhimento eu não via essas diferenças. Depois... Eu aprendi muito, acho que até entender mais as pessoas porque lá a gente convivia. Era onze pessoas diferente que convivia. Eu passei quase três meses, tinha outra lá que tava cinco meses... Era um período... Passou... Mas vejo que eu não sou mais a mesma. Eu costumo dizer que existiu eu antes do quarto de acolhimento e existe eu depois do quarto de acolhimento, porque lá tinha pessoas tão diferentes de mim. Depois de conviver com elas, eu sou uma pessoa transformada”.

Do início ao fim do relato, Helena revela um ponto marcante a ser explorado: o contato intenso entre mulheres de línguas e culturas diferentes. Na verdade, sua narrativa exalta a existência do outro. Ela se percebe um ser de relações, um sujeito que antes não enxergava as diferenças: *“porque antes de viver no quarto de acolhimento eu não via essas diferenças”.*

A relação com o outro e o contexto sociocultural, destacado por Helena em seu relato sobre linguagem e cultura no quarto de acolhimento, refletem o que Moita Lopes (2002, p.34) diz a respeito da construção e (re) construção identitária através da interação discursiva: *“a construção da identidade é vista como estando sempre em processo, pois é dependente da realização discursiva em circunstâncias particulares”.*

Vejo essa concepção na narrativa de Helena. Ela demonstra que a identidade é construída intersubjetivamente por meio das relações que podem ser de similaridade e diferença. Especificamente, Helena aponta uma relação de diferença: *“Era onze pessoas diferente que convivia”*.

Ao rememorar esse aspecto, aponto para o fato de que Helena não pretende deixar nada se perder, não quer que nada seja esquecido. É uma lembrança que movimenta, que “é suscetível de vir a se inscrever na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória.” (PÊCHEUX, 2010, p. 50) e transforma Helena, afetando as formas como constrói seu presente.

A experiência no quarto de acolhimento abarca dois momentos de sua vida: o antes e o depois de conviver com outras mulheres no espaço hospitalar. Como ela mesma diz: *“Eu costumo dizer que existiu eu antes do quarto de acolhimento e existe eu depois do quarto de acolhimento, porque lá tinha pessoas tão diferentes de mim. Depois de conviver com elas, eu sou uma pessoa transformada”*.

A descontinuidade e a fragmentação, causadas pelas práticas de linguagem e de cultura desenvolvidas e relatadas por Helena no quarto de acolhimento, são vistas como aspectos positivos após a experiência de quase três meses: *“Depois... Eu aprendi muito acho que até entender mais as pessoas porque lá a gente convivia”*.

Acredito, dessa maneira, fundamentando-me em Hall (2009, p.109), que

as identidades construídas dentro e não fora do discurso precisam ser compreendidas como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.

Sendo assim, analiso que Helena, ao rememorar suas práticas e as das outras mulheres no quarto de acolhimento, interpreta e reinterpreta o que viveu; fala sobre si e sobre os outros; se (re) constrói, descreve o mundo e passa a compreendê-lo da forma como narrou.

Trago, agora, a narrativa de Sara para continuar a análise:

“Foi uma experiência assim difícil... Eu depois é só tristeza porque a gente fica esperando o nosso filho ficar bem e ao mesmo tempo alegria por ter conhecido outras pessoa. Pessoas tão diferente de nós e por eu ter ajudado outra

guianense a conversar. Então, eu depois disso, é... Eu não sou mais a mesma pessoa como era antes, né? Eu lá no quarto de acolhimento eu era meia a meia: brasileira e guianense. Eu me sentia brasileira por tá aqui, ter minha família aqui e mesmo também eu me sentia da Guiana, guianense porque tinha gente de lá que eu podia ajudar também, né? Então eu vivi as duas. Antes de lá do quarto de acolhimento eu me sentia brasileira, só brasileira, mas quando eu conheci assim no quarto de acolhimento outra guianense, né? Pronto! Me senti meia a meia... Brasileira e guianense”.

Sara, assim como Helena, afirma que foi um momento difícil e acrescenta que o período vivido no quarto foi um misto de sentimentos, principalmente, a tristeza que sentia pela espera da recuperação do filho. Por outro lado, ao destacar o sentimento de alegria pelo fato de ter conhecido outras pessoas e mais uma vez, tão diferentes, aproxima seu relato ao de Helena.

O que particulariza a narrativa de Sara é o fato dela se perceber naquele lugar uma pessoa dividida por falar duas línguas: *“Eu lá no quarto de acolhimento eu era meia a meia: brasileira e guianense.”*

As práticas de linguagem de Sara no espaço hospitalar levaram-na a esse duplo sentimento. Ela revê sua identidade, questiona e chega à conclusão de que é tanto brasileira quanto guianense. Sara, de fato, declara uma identidade fragmentada: *“Eu me sentia brasileira por tá aqui, ter minha família aqui e mesmo também eu me sentia da Guiana, guianense porque tinha gente de lá que eu podia ajudar também, né?”*. O argumento que usa para explicar seu sentimento me conduz à noção de pertencimento.

Sobre esse conceito, parafraseio Bauman (2005) ao discutir a ideia de pertencimento ou identidade como aspectos indefinidos, fluidos sendo, portanto, negociáveis e revogáveis; tudo depende das decisões que o sujeito assume, do caminho que percorre e da forma como age nos contextos sociais.

Sara se vê nesse processo: nasceu na Guiana, chegou ao Brasil com doze anos, foi registrada como brasileira aos treze, aprendeu português porque precisou trabalhar como doméstica e fez da Língua Portuguesa um uso constante. Ao

conviver com outras mulheres, em um espaço multilíngue, Sara assume sua identidade guianense por usar a língua materna e ajudar outra guianense.

Ao mesmo tempo em que se percebe pertencente à terra para a qual migrou, porque aqui constituiu sua família e os laços familiares são aspectos importantes na constituição identitária, ela também assume a outra identidade por ter ajudado alguém da Guiana no espaço hospitalar. É como diz Bauman (op.cit, p. 19): “as ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta”.

Desse modo, identidade e pertencimento são frutos da interação do sujeito com outros que o circundam. O relato de Sara fortalece a ideia de que o sentido de pertencer molda o agir do sujeito e influencia suas práticas de linguagem e de cultura.

Para Sara, ser brasileira e ser guianense significam estar junto; é se envolver nas práticas sociais; é se perceber híbrido, mutável, plural. É experimentar o desafio da alteridade, inserir-se em situações de reconhecimento de si e do outro.

Viver essas identidades no quarto de acolhimento é também sentir-se solidária; é poder ajudar a guianense que não dominava a Língua Portuguesa e mediar a interação de Helena, Isabel com as outras.

Assim sendo, as práticas de linguagem de Sara no espaço hospitalar se desenvolvem em um contexto sócio-histórico e culturalmente delineado, no qual são criadas condições propícias para o surgimento de processos de reinvenção de si, uma vez que a convivência com outros levou à fragmentação, à ruptura de identidades.

Penso poder dizer que as posições identitárias de Sara são naturalmente perpassadas pela linguagem estabelecida pelos outros no processo sócio-histórico vivenciado no quarto de acolhimento. Na verdade, Sara ao assumir uma ou outra identidade, mostra que esse processo é fruto da dinâmica social da qual experienciou e afirma que o sujeito se constitui sempre e continuamente por ser instável e incompleto.

Em Isabel continuo a análise de como as práticas de linguagem e de cultura realizadas no quarto de acolhimento evidenciam as experiências e constituem as identidades dos sujeitos que lá viveram e vivem. Tomo, dessa maneira, a seguinte narrativa:

“Quando eu fiquei lá foi difícil. Eu saí da minha comunidade, mas foi bom. Meu marido ia me visitar todo dia dez hora. Era diferente da comunidade, mas eu me senti igual. Eu aprendi muito. Só não era muito de conversar. Não falei Wapixana, porque não vi necessidade, mas ficava prestando atenção nas outras menina”.

Para Isabel as práticas no quarto de acolhimento estabelecem uma relação entre o que se vive naquele espaço e o que representa sua comunidade. Em toda narrativa ela faz referência ao seu lugar, ao mesmo tempo em que se localiza e se encontra em outro, porque o ambiente no qual está vivendo uma nova experiência traz algo de estranho, de diferente e faz com que sua identidade escape, se desequilibre.

A reflexão que faço dessa situação é a de que Isabel se reconhece parte de um grupo, mas estando inserida em outro se identifica nessa relação. Mais uma vez acredito que a permanente relação de ambivalência, de contradições, enfim de diferenças, faz o sujeito se fragmentar e perceber que sua identidade é construída fora de uma instabilidade constitutiva, fora da não-unidade. Entendo, dessa forma, que ser indígena para Isabel não significa “firmar” um padrão, uma marca inviolável. Há outros pontos que precisam ser revelados sobre sua identidade. Também não é a língua que marca seu processo identitário, uma vez que teve oportunidade de falar Wapixana no quarto de acolhimento, mas não o fez por uma simples razão, como mesma diz: *“...não vi necessidade”*.

Acredito que a complexidade encontrada para analisar a narrativa de Isabel torna-se mais clara se compreendermos a subjetividade de seu discurso, ou seja, se descobrirmos o que está no entremeio. Vejo, assim, que Isabel se constrói no próprio discurso e a compreensão desse sentimento de identidade pode ser relacionada às ideias de Freitas (2003, p.97) quando discute o que é “ser Makuxi”. A autora, em sua Tese de Doutorado, diz: “(...) não é só na língua que se é capaz de alcançar a indianidade, pois é no discurso, e não na língua em si mesma, que o ‘ser Makuxi’ é construído ou partilhado”.

A questão da identidade indígena discutida acima é análoga ao que ocorre com Isabel sobre o “ser Wapixana”. A sua indianidade não está na língua, não está no jeito de ser, mas em que Isabel permite dizer-se; relatar em suas narrativas. É o

seu discurso que aponta a sua identidade. São os seus dizeres que intensificam o que sente e evidenciam as relações de encontro e desencontro no quarto de acolhimento.

Isabel vivencia um processo de construção e (re) construção; uma relação entre o que se é em um determinado grupo e o não sentir-se diferente em outro. Isso só foi possível pelas práticas de linguagem e de cultura realizadas por ela e pelas outras mulheres no espaço hospitalar. O trânsito da linguagem leva Isabel a compreender que pertencer a uma comunidade e estar inserida em outra não a faz “menos indígena”. Percebo isso quando diz antagonicamente: *“Era diferente da comunidade, mas eu me senti igual”*.

Quero retomar o ponto da narrativa de Isabel em que diz que não falou Wapixana no quarto de acolhimento porque não viu necessidade. Percebo que essa justificativa não mudou sua visão de mundo sobre “ser Wapixana”. Proponho a dizer que, para ela, o ser indígena ou não é um processo de construção da linguagem materializada em suas narrativas.

Entre palavras e silêncios intuo que Isabel desconstrói a ideia naturalizada de que para pertencer a uma comunidade, a uma etnia é necessário falar a língua do seu povo. Isabel, em sua narrativa, racha com o discurso de que a língua marca essencialmente a construção identitária de um povo indígena. Mesmo não falando Wapixana no quarto de acolhimento, não deixou de sentir-se como tal.

Pela linguagem, Isabel se constitui, constitui o outro e rememora a experiência de contato. Esse processo contínuo é revelado quando diz: *“mas ficava prestando atenção nas outras menina”*. Reflito, nesse trecho, que as práticas de linguagem e de cultura estabelecidas no quarto de acolhimento afloram a relação identidade e diferença. Quero dizer que o sentido de identidade em Isabel surge pela relação com o outro, pela diferença. O eu só pode ser instituído mediante o que se observa no outro e se reconhece naquilo que não é. Afinal, como afirma Bhabha (1998, p. 65): “Nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma” e isso implica reafirmar que a identidade é dinâmica; é constituída pela diferença e pela relação inescapável e necessária com a alteridade.

Amplio essa narrativa, rememorando tantas outras que foram transcritas nos capítulos anteriores. Isabel, em quase todos os seus relatos, sempre justifica que mesmo não sendo de conversar muito está em interação, olhando, observando o outro.

Analiso, dessa forma, que a identidade de Isabel remete a um processo, a uma construção que leva em conta a alteridade; que se estabelece no olhar o outro e “no reflexo de si no olhar do outro, como uma pessoa inteira, e busca através desse mecanismo estabelecer relações” (FREITAS, 2003, p. 98). Nesse sentido, Isabel vê a si e aos outros como sujeitos continuamente construídos pelas relações. Mesmo tendo uma referência de lugar como a sua comunidade, ela aponta que as práticas vivenciadas no quarto de acolhimento foram um aprendizado: *“Eu aprendi muito”*.

Todo processo de aprendizagem perpassa por mudanças, não se limita a estabilidade. O ato de aprender é uma relação contínua com o outro, caracterizando a perspectiva do movimento. Essa dinamicidade acontece pelas ações dos sujeitos que estão em constante interação num mundo em que as referências são cada vez mais cambiantes e no qual os modelos fixos e imutáveis deixaram de existir. É essa mobilidade que potencializa os fluxos de linguagem e cultura e permite que os sujeitos vivenciem a experiência da fragmentação, do deslocamento e da (re) constituição de si.

Uma relação de aprendizagem altera quem somos, reelabora nossa identidade. Sustento, porquanto, a ideia de que nesse diálogo constante de olhar o outro, de perceber quem é esse outro para compreender a si, Isabel percorre um caminho para novas construções, um outro vir a ser.

Da mesma forma, Sara e Helena ajudam-me a refletir que viver e conviver por meses em um espaço hospitalar multilíngue, com mulheres de línguas e culturas diferentes é a possibilidade de encontrar a si mesmo e o outro cotidianamente; é considerar a pluralidade desse lugar e redescrevê-lo a partir das memórias de quem lá viveu.

Ao tratar da questão da identidade no quarto de acolhimento, considero que as mulheres que lá viveram e vivem tecem suas redes simbólicas, seus processos discursivos mediados pela linguagem; se reconduzem como sujeitos sócio-historicamente constituídos; se reconstroem por meio da interação que estabelecem com os outros frente a certa realidade.

Portanto, acredito que todos nós podemos, a partir dessa perspectiva, sempre conferir novos sentidos, ressignificar quem somos e a maneira como damos sentido ao que fazemos. Em outras palavras, como aponto no final do poema que abre este capítulo: *O outro.../É ele que completa o que falta em meu olhar...*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O PONTO DE PARTIDA PARA OUTRAS TRAJETÓRIAS: NOVOS PASSOS... NOVOS CAMINHOS A TRILHAR

Talvez seja preciso aprender a viver com arte; enfrentar os obstáculos e recuperar os tempos mais intensos e entusiasmantes. O desafio de cada um talvez seja o de ampliar sua alma, enriquecer sua espiritualidade, para que tudo siga valendo a pena. E especialmente aprender a diminuir o peso da existência, valorizando o bom humor e sendo um pouco artista, exagerado e excitado com o desafio cotidiano da criatividade. (SLAVUTZKY, 2009, p.56)

A elaboração desta parte do trabalho leva-me a um sentimento de incompletude; a uma sensação de que eu preciso encontrar o caminho mais rápido e, conseqüentemente, o mais curto para traçar os passos dados nesta longa trajetória. Vejo, assim, que o subtítulo justifica minha primeira conclusão: a de que, a partir daqui, considero o meu ponto de partida para outras caminhadas; para o encontro de outros dizeres.

Mas eu preciso agora atribuir sentidos para esta trajetória que percorri. É o momento que, tentando dar algumas respostas, mesmo que provisórias, sou guiada para outras perguntas. Acredito que as pesquisas devem terminar com esse sentimento de começo; de que há muito a ser descoberto.

Quero começar esse “final temporário”, em breves palavras, revisitando os aspectos centrais desta dissertação. Ao retomá-los tenho a intenção de inserir e nortear o leitor do meu trabalho na fase de reflexão e ponto de chegada desse longo percurso.

Reafirmo que esta pesquisa surgiu de uma inquietação, de uma experiência pessoal, levando-me a perceber que são muitos os contextos sociolinguisticamente complexos ainda não explorados, como o contexto hospitalar. Por esse motivo, iniciei a minha escrita traçando de forma bem sucinta uma discussão teórica sobre linguagem e identidade: dois construtos que foram entrelaçados a outros e sustentaram as análises desenvolvidas.

Foi fundamental esse debate porque acredito que as construções identitárias são sempre processadas como uma ação linguística e simbólica dos sujeitos em suas práticas sociais. A compreensão dessa ideia fez-me desenvolver uma reflexão sobre os contextos multilíngues, tentando traçar um olhar macro até focar o contexto no qual os agentes pensantes vivenciaram uma situação de contato. Foi nesse ponto da escrita que apresentei e discuti sobre o caráter múltiplo do espaço denominado quarto de acolhimento.

A triangulação dos dados advindos das entrevistas com Helena, Isabel e Sara – três mulheres de perfil linguístico e cultural diversificado – bem como as entrevistas com funcionários, direção do hospital e leitura de documentos dispostos pela instituição, contribuiu favoravelmente para as análises apresentadas neste trabalho.

Desse modo foi possível, por exemplo, confirmar o aspecto multilíngue do quarto de acolhimento, trazer um croqui representando o espaço vivido por Helena, Isabel e Sara em 2009, assim como mostrar que as práticas de linguagem e de cultura desenvolvidas e narradas por essas mulheres despertaram a necessidade de problematizar e visibilizar os processos de constituição de identidades em contextos sociolinguisticamente complexos.

Após essa etapa de exploração do tema e dos agentes pensantes, iniciei a reflexão sobre os sentidos das práticas de linguagem no cotidiano hospitalar e inferi que as narrativas das ex-parturientes, as entrevistas com a direção e funcionários apontam para uma multiplicidade de práticas estabelecidas no quarto de acolhimento e podem ter um lugar relevante no cotidiano institucional. Destaquei, também, nessa discussão, as ideias traçadas pelo Manual do PNHAH sobre as questões de linguagem e cultura no ambiente hospitalar.

As etapas seguintes priorizaram as narrativas de Helena, Isabel e Sara e me fizeram divagar pela minha trajetória de vida. Foi a fase do trabalho que me fez chorar, me perder e me encontrar nas teorias e, principalmente, nas vozes dessas mulheres que não narraram somente sobre suas práticas de linguagem e de cultura. Desvelaram, também, seus sentimentos mais íntimos. Falaram sobre os momentos de sofrimento e dor que refletiam em suas práticas sociais no quarto de acolhimento.

Não havia como romper essas narrativas. Eu não queria e nem podia fazê-lo. Se o fizesse estaria firmando uma neutralidade e até mesmo invisibilizando questões também importantes no campo científico. Dessa maneira, temas como dor

e sofrimento não foram abordados aqui pela dimensão e necessidade de contemplar áreas, como a Psicologia Social, que pudessem construir uma discussão madura e adequada.

Foi nesse momento que tracei mais um ponto de partida para uma posterior pesquisa, pois acredito que passar meses em um quarto de hospital, como foi a situação vivida por essas mulheres, tornar-se uma experiência que se leva para sempre.

Gostaria de ressaltar, também, que permitir a essas mulheres que falassem sobre os momentos de dor e sofrimento causou em mim uma cumplicidade, uma responsabilidade de escuta, um ponto de intersecção entre duas subjetividades: a delas e a minha, as suas visões culturais e as minhas, as suas memórias e as minhas perguntas, a sua percepção de si e a minha própria, as suas hesitações e as minhas palavras ou gestos de estímulo.

Percebi em muitos relatos que não aparecem neste trabalho, que se relacionar com o outro no momento de dor foi uma forma de identificação no contexto das práticas de linguagem de cada uma delas, pois a vida cotidiana no quarto de acolhimento era tracejada pelas visitas de parentes e da assistente social quando tinha o papel de informar algum óbito ocorrido na UTI neonatal.

Realmente não pude distanciar-me dessas narrativas, foi preciso também escutar e dar atenção a essas vozes trêmulas, presas talvez a um choro antigo e de alívio. Uma ex-parturiente narrando suas práticas de linguagem em um quarto de hospital está, em certo sentido, extrapolando os eixos temáticos da pesquisa. Ela quer também oferecer o seu eu para o exame dela mesma e da pesquisadora, para poder (re) encontrar-se e encontrar o outro.

Talvez esteja nessa tentativa de reencontro que as análises focadas nas representações de Isabel, Sara e Helena desvelaram práticas de silêncio, de solidariedade, de sentir-se estrangeira em um ambiente que predominantemente sua língua e cultura eram a maioria. Quero dizer que essas reflexões foram os momentos mais empolgantes da escrita. A cada escuta das entrevistas que eu fazia, muitas vezes durante a madrugada, quando o silêncio vociferava as ideias, me levava ainda mais para o comprometimento e para a seriedade dos valores implícitos que reforçavam as minhas inferências.

Mais ainda, defendo a ideia de que as narrativas dessas mulheres podem permitir que as interpretações sejam realizadas através de suas práticas de

linguagem e de cultura. Penso convidar o leitor do meu trabalho para, junto comigo, construir uma provisória consideração: as práticas estabelecidas no quarto de acolhimento traçam seu caráter multilíngue e intercultural. Nele, línguas e culturas atravessam-se, chocam-se e ressignificam-se. Mas vejo que há uma inquietação que preciso externalizar e para apresentá-la revisito Cavalcanti e Bortoni-Ricardo (2007, p. 10) quando afirmam que “os processos de interação são potencialmente fatores de risco que podem evoluir de simples divisas para verdadeiras barreiras sociais”.

As palavras das autoras ajudam a justificar minha preocupação. Em contextos sociolinguisticamente complexos, como o quarto de acolhimento, que projetam a relação identidade e diferença podem se instalar o preconceito e a estigmatização disfarçados no aspecto da diversidade como uma posição “politicamente correta”, sob a ideia de respeito e tolerância diante da diferença, persistindo, ainda, o olhar de forma homogênea e naturalizada.

Dessa maneira, compreendo que ações institucionais nas quais abarquem, de fato, a humanização no ambiente hospitalar, considerando a diferença linguística e cultural e não a diversidade podem, por conseguinte, efetivar o diálogo intercultural.

Sobre o processo identitário de Helena, Isabel e Sara, revelo que a experiência de contato com línguas e culturas diferentes possibilitou-lhes ressignificar a si e aos outros. Ao rememorar e narrar suas práticas, as ex-parturientes apontaram que as identidades são múltiplas e a interação social confirmou a fragmentação dos sujeitos. Mas outros aspectos surgiram nesses relatos e confirmam que essa pesquisa não acaba aqui. Há muitas questões que ainda preciso percorrer. Uma delas é sobre a constituição identitária enquanto mulher e mãe em um contexto intercultural. São inquietações que precisam de outro espaço de discussão e que vão continuar me acompanhando.

Vejo que depois de percorrer as práticas de linguagem dessas mulheres por meio de suas narrativas, chego a outro ponto de partida: o debate precisa continuar e, assim, gostaria de chamar o leitor do meu trabalho para compreender e aceitar o que estou chamando de “final temporário”. Chamo-o dessa maneira porque a ideia de conclusão, fechamento, término é totalizadora.

Há muito por fazer, por construir, por descobrir e por dizer à medida que eu avançar nas questões que não foram abordadas nesta dissertação. E ainda, sei que preciso corrigir as falhas ou incompletudes que deixei no percurso dessa trajetória.

Em contrapartida, sinto orgulho de perceber que nesse “final provisório” não concluí alguma coisa, que ainda existe algo inacabado, mas quero acreditar que consegui levar o meu leitor por essa caminhada e ter despertado seu desejo de viajante, aquele que busca novas trajetórias... novos passos... novos caminhos a trilhar.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 3 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010. p.11-21.

ALBERTI, Verena. Além das versões: possibilidades da narrativa em entrevistas de história oral. In: _____. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 77-90.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: _____. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 09-28.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1995. 196 p.

_____. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 415 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005. 110 p.

BERENBLUM, Andrea. Língua nacional: comentários acerca da produção de estrangeiros. In: **Anais do 17º COLE**, Campinas, SP. ISSN: 2175-0939 Disponível em http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/pdf. Acesso em 18/11/2011.

BERTAUX, Daniel. Da narrativa de vida. In: _____. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Tradução de Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. Natal, RN: EDUFRN: São Paulo: Paulus, 2010. p. 44-61.

BHABHA, Homi K. The Third Space. Interview with Homi Bhabha. In: RUTHEFORD, J. **Identity: Community, culture, difference**. London: Lowrence & Wishart, 1990. p. 207-221.

_____. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 395 p.

BOHN, Hilário I. As exigências da pós-modernidade sobre a pesquisa em lingüística aplicada no Brasil. In: FREIRE, Maximina M; ABRAHÃO, Maria Helena Vieira; BARCELOS, Ana Maria Ferreira (Org.). **Lingüística Aplicada e contemporaneidade**. São Paulo: ALAB; Campinas, SP: Pontes Editores, 2005. p.11-23.

BOLOGNINI, Carmen Zink; PAYER, Maria Onice. Línguas de imigrantes. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 57, n. 2, abr/jun 2005. ISSN/ISBN: 00096725. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200020&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15/10/2011.

BORTONI-RICARDO, Stella M. A pesquisa científica. In: _____. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 09-64.

BOSI, Eclea. Memória-sonho e memória-trabalho. In: _____. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 43-70.

_____. Sob o signo de Bérqson. In: _____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 36-48.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual do Programa Nacional de Humanização de Assistência Hospitalar**. Brasília, 2000. 20 p.

BRAZ, Evódia de Souza. **Línguas e identidades em contexto de fronteira Brasil/Venezuela**. 2010. 120 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, São Paulo, 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Definir o lugar? In: _____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. p. 12-20.

CARNEIRO, João Paulo Jeannine Andrade. **A morada dos Wapixana: Atlas Toponímico da região indígena da Serra da Lua – RR**. 2008. 190p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 126-140.

CAVALCANTI, Marilda do Couto. Estudos sobre educação bilíngüe e escola em contextos de minorias lingüísticas no Brasil. **DELTA**, São Paulo, vol. 15, ISBN, 1999 (385-417). Disponível em: http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300015&lng=en&nrm=iso. Acesso em 03/10/2011.

_____. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em lingüística aplicada: implicações éticas e políticas. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma lingüística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 233-252.

CAVALCANTI, Marilda do Couto; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (Org.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2007. p. 07-19.

CÉSAR, América Lúcia; CAVALCANTI, Marilda do Couto. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: CAVALCANTI, Marilda do Couto; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (Org.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2007. p. 45-65.

CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia. CODO, Wanderley (Org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 58-75.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade. In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (Org.). **Identidade e Discurso: (des) construindo subjetividades**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003. p.139-159.

COX, Julie Wolfram; HASSARD, John. **Triangulation in Organizational Research: a Representation en Organization**. AB/INFORM Global, 2005. p. 109-133.

COX, Maria Inês Pagliani; ASSIS-PERTERSON, Ana Antonia de. Transculturalidade e transglossia: para compreender o fenômeno das fricções lingüístico-culturais em sociedades contemporâneas sem nostalgia. In: CAVALCANTI, Marilda do Couto; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (Org.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 23-43.

CUCHE, Denys. Cultura e identidade. In: _____. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002. p.175-199.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte da memória? In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 3 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010. p. 23-37.

DINIZ, Alexandre M. A. SANTOS, Reinaldo Onofre dos. Fluxos migratórios e formação da rede urbana de Roraima. **ABEP**, São Paulo: UNICAMP, 2006.

Disponível em
http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_345.pdf.
 Acesso em: 30/08/2011.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Lingüística Aplicada como espaço de desaprendizagem. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Por uma Lingüística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.45-65.

FABRÍCIO, Branca Falabella; BASTOS, Liliana Cabral. Narrativas e identidade de grupo: a memória como garantia do “nós” perante o “outro”. In: PEREIRA, Maria das Graças; BASTOS, Clarissa Rollin Pinheiro; PEREIRA, Tânia Conceição (Org.). **Discursos sócio-culturais em interação: interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 39-66.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 316 p.

FOCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008. 79 p.

FREITAS, Déborah de Brito Albuquerque Pontes. **Escola Makuxi: identidades em construção**. 2003. 234p. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.

_____. A construção do sujeito nas narrativas orais. **Clio Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, n. 25-2, 2007. p. 92-112.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2002. 233 p.

GIL, Antonio Carlos. Entrevista. In: _____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999. p. 117-127.

GRUPO DE TRABALHO DA DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA DO BRASIL. **Relatório**. Brasília, 2006/2007. Relatório. Pdf.

HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. Traducido por Elías Sevilla Casas en:

<http://socioeconomia.univalle.edu.co/profesores/docuestu/download/pdf/EltrabajodelaR.Stuarth.PDF>. London, Sage Publications, 1997. p. 13-74.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p.

_____. Quem precisa de identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 103-133.

HOUAISS, Antonio. VILLAR, Mauro de Sales. FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Moderna, 2008. 917 p.

Hughes, Ian. **How to keep a research diary**. Disponível em: <http://casino.cchs.usyd.edu.au/arow/ar/report>. Acesso em 10/09/2011.

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. **Ser professor sendo índio: questões de língua(gem) e identidade**. 1996. 261p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996. p. 01-12.

_____. Sendo índio em português. In: SIGNORINI, Inês (Org.) **Língua(gem) e identidade: elementos para um discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras, FAPESP, 1998. p. 115-138.

_____. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, Marilda do Couto; BORTONI-RICARDO, Stella Maris. (Org.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 67-93.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 09-21.

MEY, Jacob L. Etnia, identidade e língua. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras, FAPESP, 1998. p. 69-88.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2 ed. SP: HUCITEC/ RJ: ABRASCO, 2004. p. 95-110.

MORIN, Edgar. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, Dora Fried (Org.). **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p.45-55.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, B; LIMA, C. DANTAS, M. T. (Org.). **Narrativa, identidade e clínica**. Rio de Janeiro: Ed. IPUD-CUCA, 2001. p. 56-71.

_____. Narrativa como processo de construção da identidade social de raça. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p. 57-88.

_____. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguísta aplicado. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 13-42.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 2 ed. Campinas: Pontes, 2000. p.16-22.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. 181 p.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 3 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010. p. 49-56.

PINHEIRO, Petrilson A. A narrativa autobiográfica num programa televisivo religioso: um meio de (re) construção sócio-discursiva de gênero e masculinidades. In: **Revista Entrelinhas**, São Leopoldo (RS). Ano III, nº 2, jul/dez 2006. Disponível em <http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=5&s=9&a=3>. Acesso em 29/10/2011.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. vol. 2. n. 3. 1989. p. 03-15.

PORTELLI, Alessandro. A lógica das narrativas e a aprendizagem da diferença na pesquisa de campo. In: WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta; VÊLOSO, Thelma Maria Grisi (Org.). **Oralidade e subjetividade: os meandros da memória**. Campina Grande: EDUEP, 2005. p. 43-54.

RAMPTON, Ben. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em lingüística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 109-128.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. Tradução de Silvana Serrani-Infante. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras, FAPESP, 1998. p. 213-230.

SANTAMARÍA, Enrique. Do conhecimento de próprios e estranhos (disquisições sociológicas). In: LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pérez de (Org.). **Imagens do outro**. Tradução de Celso Márcio Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 47-151.

SANTOS, Manoel Gomes dos. **Uma gramática dos Wapixana (Aruák): aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe**. 2006. 299p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006. p. 07-13.

SANTOS, Maria Elena Pires dos. **O cenário multilíngue/multidialeto/multicultural de fronteira e o processo identitário “brasiguai” na escola e no entorno social**. 2004. 253p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004. p.13-22.

SERRANI-INFANTE, Silvana. Identidades e segundas línguas: as identificações no discurso. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras, FAPESP, 1998. p. 231-261.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda do Couto. **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 89-98.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 110-140.

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro, 2009. p. 73-102.

SLAVUTZKY, Abrão. **Quem pensas tu que eu sou?** São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2010. 140 p.

SOUZA, Carla Monteiro de. Os ecos da modernidade no norte do Brasil: Boa Vista/RR na década de 1950. In: **Anais do X Encontro Nacional de História Oral Testemunhos: História e Política**, Recife: UFPE, 2010. ISSN/ISBN: 978-85-7315-769-7. Disponível em http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1269154660_ARQUIVO_TextocompletoCarlaMonteirodeSouza.pdf. Acesso em 03/10/2011.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma discussão teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 07-72.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TCLE (TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Em duas vias, firmado por cada participante da pesquisa e pelo pesquisador)

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.” (Resolução. nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde)

Prezada Senhora

Eu, Silvia Helena Freitas Alencar, aluna do Mestrado em Letras da UFRR, venho através deste convidá-la a participar da pesquisa intitulada ***Práticas de linguagem e a constituição identitária em um espaço hospitalar multilíngue e intercultural***, a qual tem por objetivo investigar, a partir das narrativas de ex-parturientes, as práticas de linguagem e de cultura e a constituição de identidades no quarto de acolhimento do Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazaré. Sobre a pesquisa seguem as informações:

1. A participação é voluntária. Caso você aceite participar, você gravará entrevistas por meio de gravador digital sobre a sua estada no quarto de acolhimento do Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazaré, narrando seus contatos linguísticos e culturais.
2. Só a pesquisadora envolvida neste projeto terá acesso as essas informações. Quando for publicado, dados como nome, profissão, local de moradia, não serão divulgados. Os nomes dos entrevistados serão modificados, utilizando nomes fictícios. As perguntas que farei não pretendem trazer nenhum desconforto ou risco, já que são somente sobre suas experiências de linguagem e cultura vivenciadas no

quarto. Portanto, não há riscos e prejuízos de qualquer espécie em virtude de desconfortos, riscos morais e constrangimentos que poderiam ser provocados pela pesquisa. Dou a garantia de que o interesse é científico sem intenção de promover ou macular a imagem de quem quer que seja.

3. Não há nenhum fim lucrativo para a sua participação na pesquisa, tendo a pretensão maior dar voz as mulheres de línguas e culturas diferentes que viveram uma experiência de contato em um quarto de hospital. Sendo assim, sua participação será espontânea e gratuita. Informo, ainda, que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma. Pode, também, fazer qualquer pergunta sobre a pesquisa.

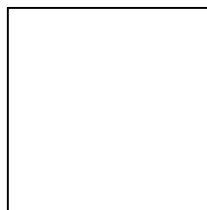
4. Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e aceitar participar do estudo, solicito a assinatura do mesmo em duas vias, ficando uma em seu poder. Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca deste estudo poderá ser obtido junto à aluna, pelo telefone _____ ou pelo endereço _____.

Eu discuti com a aluna Silvia Helena Freitas Alencar sobre a minha decisão em participar desse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação é isenta de quaisquer despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido. Declaro que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Boa Vista/RR, ____ de _____ de 2011.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador



Impressão dactiloscópica no caso de não saber escrever

APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO GRATUITA DE DIREITOS DE ENTREVISTA GRAVADA EM ÁUDIO E DE USO DE IMAGENS

Pelo presente termo particular de autorização de uso de imagem e voz,

Nome:

Nacionalidade:

Estado civil:

Profissão:

RG nº.

CPF nº.

Residente e domiciliado:

autoriza a senhora SILVIA HELENA FREITAS ALENCAR, aluna regularmente matriculada (matrícula nº. _____) no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRR – Nível Mestrado, inscrita no CPF sob nº _____, RG nº. _____, residente à _____, **o uso de sua imagem e voz**, em decorrência da participação na pesquisa de Mestrado intitulada: ***Práticas de linguagem e a constituição identitária em um espaço hospitalar multilíngue e intercultural.***

O presente instrumento particular de Autorização é celebrado a título gratuito, podendo ser utilizada, divulgada e publicada, para fins culturais e científicos, a mencionada entrevista e imagens no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir a terceiros o acesso à mesma para fins idênticos, com a ressalva de preservar a integridade e a indicação de fonte.

O presente instrumento particular de Autorização é celebrado em caráter definitivo, irretratável e irrevogável, obrigando as partes por si e por seus sucessores a qualquer título, a respeitarem integralmente os termos e condições estipuladas no presente instrumento.



Boa Vista, RR, _____ de _____ de 2011.

Impressão dactiloscópica no caso de não saber escrever

Participante

APÊNDICE C – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM AS EX-PARTURIENTES

- 1- Gostaria que falasse sobre você: onde e quando nasceu; se tem filhos; onde mora; profissão; local de trabalho; sua escolaridade.
- 2- Então, gostaria que você me contasse porque foi para o quarto de acolhimento da maternidade.
- 3- Conte para mim em que dia, mês e ano você foi para o quarto de acolhimento e quanto tempo você ficou lá.
- 4- Foi explicado para você o que seria o quarto de acolhimento? Conte para mim como foi sua reação?
- 5- Você poderia me contar como foi sua chegada ao quarto de acolhimento?
- 6- Quantas mulheres havia no quarto? Você se lembra de onde elas eram?
- 7- Havia alguma que falava outra língua que não fosse a sua? Que línguas eram?
- 8- Em que momento essas mulheres usavam a sua própria língua? Você poderia me contar como acontecia?
- 9- Como você se sentiu em relação à língua do outro no quarto de acolhimento?
- 10- Você teve dificuldade de interagir com mulheres que falavam outras línguas? Como você agia?
- 11- Como você se sentia em relação a sua língua e a língua do outro no quarto de acolhimento?
- 12- Havia alguém no quarto de acolhimento que ajudava você e outras mulheres a interagirem mesmo em línguas diferentes? Como era essa ajuda?
- 13- Alguém acolheu você com mais atenção? Você poderia contar como foi?
- 14- Você poderia me contar como era o dia-a-dia no quarto de acolhimento?
- 15- Gostaria que você relatasse como eram os hábitos das mulheres no quarto de acolhimento?
- 16- Em sua opinião em que momento as mulheres no quarto de acolhimento se sentiam diferentes uma das outras e se afastavam? Você poderia descrever algum momento conflituoso que explique esse afastamento?
- 17- Gostaria que você descrevesse em que momentos as mulheres se percebiam iguais, aproximando-se uma das outras?
- 18- O que significou para você falar/ouvir várias línguas no quarto de acolhimento?

19- O que foi mais marcante no relacionamento com as outras mulheres no período em que você ficou no quarto de acolhimento?

20- Até que ponto falar uma língua diferente, ser diferente definiu a experiência vivida no período que você passou no quarto de acolhimento e como hoje, tempos depois, você se vê narrando suas práticas sociais realizadas naquele espaço?

APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM DIREÇÃO E FUNCIONÁRIOS DO HMINSN

- 1- Gostaria que você me falasse a respeito da finalidade do quarto de acolhimento.
- 2- Como surgiu a ideia de implantar esse espaço?
- 3- Há um período específico de permanência das mulheres no quarto de acolhimento?
- 4- Há uma nomenclatura oficial para o quarto de acolhimento? Qual?
- 5- Qual a composição do quarto em relação à origem das mulheres que nele convivem?
- 6- Você acha que o perfil linguístico e cultural diverso do quarto de acolhimento dificulta a interação entre as mulheres?
- 7- E como você vê a interação funcionários e hóspedes no quarto de acolhimento?
- 8- Houve alguma vez uma situação conflituosa no quarto de acolhimento devido a diversidade de línguas e culturas? Se houve conte-me como foi.
- 9- Como você vê esse espaço? O que pensa dele?
- 10- Em relação às pacientes estrangeiras e indígenas há pessoas na instituição para fazer a mediação de contato?

ANEXOS

ANEXO A – HISTÓRICO DO HOSPITAL MATERNO INFANTIL NOSSA SENHORA DE NAZARETH

HISTÓRICO - HMINSN

O *Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth* é um Hospital Público conveniado ao SUS – Sistema Único de Saúde, sendo uma unidade especializada e referência no Estado de Roraima, atendendo além da população local, os países vizinhos, como: Venezuela e Guiana Inglesa.

O Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth (HMI) ou Maternidade como é mais conhecido, foi inaugurado no dia 05 de novembro de 1982 pelo então Governador Ottomar de Souza Pinto e recebeu a visita em 12 de agosto de 1982 pelo então Presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo.

A atual gestão do HMINSN tem como objetivo, desde o princípio, manter a ética e a responsabilidade, buscando a excelência na qualidade dos seus serviços.

O HMINSN é um hospital referência no Estado, que prima pelo serviço que realiza e busca constantemente implementar ações de melhoria, envolvendo todos os seus servidores e colaboradores para um atendimento de qualidade à saúde da mulher e do neonato.

Destacamos a importância da elaboração de ferramentas fundamentais de gerenciamento como o Regimento Interno e o Procedimento Operacional Padrão-POP, que a partir de então, norteiam o funcionamento administrativo e assistencial desta unidade.

OFERTA DE SERVIÇOS

Capacidade Operacional Instalada:

Internação Hospitalar

- Clínica Médica
- Clínica Cirúrgica
- Clínica Obstétrica
- Clínica Neonatal
- UTI Neonatal
- Médio Risco Neonatal

Serviços de Apoio Diagnóstico e Terapêutico:

- Análise Clínica
- Diagnóstico por imagem(Raios-X E Ultra-som)
- Eletrocardiograma

Capacidade Operacional

Clínicas:

- Médica
- Neonatal
- Obstétrica
- Cirúrgica

34 811 331 / 0001 - 23
 HOSPITAL MATERNO INFANTIL
 NOSSA SENHORA DE NAZARETH
 Av. Costa e Silva, 1100 - S. Feo.
 CEP 69306-030
 Boa Vista - Roraima

1 - LEITOS	
1.1. Nº de Leitos do HMINSN	210
1.2. Nº de Leitos na Ala das Pedras Preciosas	34
1.3. Nº de enfermarias no berçário	6
>>> Berçário Médio Risco	7
>>> Berçário Externo	7
>>> UTI Neonatal 1	4
>>> UTI Neonatal 2	4
>>> Mãe Canguru	6
>>> Isolamento Berçário	2
>>> Mães c/ RN's internados no berçário	4
1.4. Nº de Leitos na Ala dos Girassóis	42
1.5. Nº de enfermarias na Ala dos Girassóis	7
>>> Alto Risco	42
1.6. Nº de Leitos na Ala das Rosas	64
1.7. Nº de enfermarias na Ala das Rosas	10
>>> Puérpera	60
>>> Mães c/ RN's internados no Berçário	4
1.8. Nº de Leitos na Ala das Orquídeas	20
1.9. Nº de enfermarias na Ala das Orquídeas	12
>>> Alto Risco para Parto Normal (individual)	1
>>> Parto Normal (individual)	9
>>> Pré-parto (coletivo)	10
1.10. Nº de Leitos na Ala das Margaridas	38
1.11. Nº de enfermarias na Ala das Margaridas	7
>>> Eletiva e Curetagem	38
1.12. Ala das Violetas	12
1.13. Nº de salas cirúrgicas	6
C/ seis vagas p/ pacientes	6
Vagas na RPA	6

Em: 12/05/2010

34 811 331 / 0001 - 23
 HOSPITAL MATERNO INFANTIL
 MOSSA SENHORA d. NAZARETH
 Av. Costa e Silva, 1100 - S.Fco.
 CEP 69306-030
 Boa Vista - Roraima

**ANEXO B – PLANILHA DE ATENDIMENTOS ÀS MULHERES
ESTRANGEIRAS NO HMINSN (MARÇO A JUNHO DE 2009)**



Da: Coordenação do Same

Boa Vista 01 de julho de 2011

Para: Direção Geral

Informo a vossa senhoria que os totais de atendimentos de estrangeiros no período de março a junho de 2009 foram:

- ✓ Guiana – 11 atendimento
- ✓ Venezuela – 26 atendimentos

Atenciosamente

R/p Maria da Paz Doute
Francisco Gírlene Alves

Francisco Gírlene Alves
Coordenador do Same HMI

**ANEXO C – MAPA DE ATENDIMENTOS ÀS MULHERES INDÍGENAS
(COORDENAÇÃO INDÍGENA/HMINSN – MARÇO A JUNHO DE 2009)**



Hospital Materno Infantil
Nossa Senhora de Nazaré

MAPA	COORDENAÇÃO INDÍGENA											REF.: COORDENAÇÃO INDÍGENA		
	HOSPITAL MATERNO INFANTIL NOSSA SENHORA DE NAZARETH											MARÇO		
12	MACUXI	WAPIXANA	INGARICÓ	WAI-WAI	TAUREPANG	PATANONA	YEKUANNA	SANUMA	YANOMAMI	MAYONGONG	XIRIANA	XIRIXANA	OBSERVAÇÃO	TOTAL
ATENDIMENTOS														
ACOMPANHAMENTO DE INTERPRETE	97	30	13	5	2	5	5	9	29		9	2		206
BIOPSIA								1	2					3
COLPOSCOPIA								2	3					5
CONSULTAS NO AMBULATORIO DO CRSM	3	1							5		1			10
EMERGÊNCIA	6	1	2			1	2	1	4		3	1		21
EXAME LABORATORIAL	4		1			1		2	2			1		11
INTERNAÇÃO E ALTA	35	12	5	1	2	1	2	1	5		3			67
PRÉ E PÓS OPERATÓRIO														0
TESTE DO PEZINHO	12	7	1	2			1		2		2			27
TESTE DA ORELHINHA	15	5	3	1										24
ULTRA-SONOGRAFIA	19	3	1	1		2		1	6					33
PLANEJAMENTO FAMILIAR NO CRSM	3	1												4
TOTAL	194	60	26	10	4	10	10	17	58	0	18	4		411

folha → 1061



Hospital Materno Infantil
Nossa Senhora de Nazaré

MAPA	HOSPITAL MATERNO INFANTIL NOSSA SENHORA DE NAZARETH											REF.: COORDENAÇÃO		
	COORDENAÇÃO INDIGENA											INDIGENA		
12	MACUXI	WAPIXANA	INGARICÓ	WAI-WAI	TAUREPANG	PATANONA	YEKUANA	SANUMA	YANOMAMI	MAYONGONG	XIRIANA	XIRIXANA	OBSERVAÇÃO	TOTAL
ACOMPANHAMENTO DE INTERPRETE	114	33	3	3	8	3		15	31		8	6		224
BIOPSIA	1							2	3					6
COLPOSCOPIA	3							3	4					10
CONSULTAS NO AMBULATORIO DO CRSM	4	2				1		3	4					14
EMERGÊNCIA	5	1	1		2			1	2		1			13
EXAME LABORATORIAL	9	2												11
INTERNAÇÃO E ALTA	55	19	2	1	3	1		1	3		1	1		87
PRÉ E PÓS OPERATÓRIO														0
TESTE DO PEZINHO	15	6		1					2			1		25
ULTRA-SONOGRAFIA	18	2		1	1	1		3	3		2	3		34
PLANEJAMENTO FAMILIAR NO CRSM	2											1		3
PLANEJAMENTO FAMILIAR NO CRSM	2	1			2			2	10		4			21
TOTAL	228	66	6	6	16	6	0	30	62	0	16	12		448



Hospital Materno Infantil
Nossa Senhora de Nazareth

MAPA	HOSPITAL MATERNO INFANTIL NOSSA SENHORA DE NAZARETH										REF.: COORDENAÇÃO INDIGENA		OBSERVAÇÃO	TOTAL	
	COORDENAÇÃO INDIGENA														
12	MACUXI	WAPIXANA	INGARICÓ	WAI-WAI	TAUREPANG	PATANONA	YEQUANA	SANUMÃ	YANOMAMI	MAYONGONG	XIRIANA	XIRIXANA	INDIGENA		
ATENDIMENTOS	ACOMPANHAMENTO DE INTERPRETE	115	37	2	2	9	4	3	8	20	1				201
	BIOPSIA							1	1						2
	COLPOSCOPIA							2	2						4
	CONSULTAS NO AMBULATORIO DO CRSM	3						2	7						12
	EMERGÊNCIA	12	1	1					2						16
	EXAME LABORATORIAL	9	2		2		1								14
	INTERNAÇÃO E ALTA	58	22	1	2	4	3	1	4						95
	PRÉ E PÓS OPERATÓRIO							1	1						2
	TESTE DO PEZINHO	12	8			3									23
	TESTE DO ORELHINHA														0
	ULTRA-SONOGRAFIA	18	2				1	2	1	3		1			28
	PLANEJAMENTO FAMILIAR NO CRSM	3	2												5
	PRÉ NATAL DE ALTO RISCO														0
	TOTAL	230	74	4	4	18	8	6	16	40	0	2	0		402



Hospital Materno Infantil
Nossa Senhora de Nazaré

MAPA	HOSPITAL MATERNO INFANTIL NOSSA SENHORA DE NAZARETH												REF.: COORDENAÇÃO INDIGENA		OBSERVAÇÃO	TOTAL	
	COORDENAÇÃO INDIGENA																
12	MACUXI	WAPIXANA	INGARICO	WAI-WAI	TAUREPANG	PATANONA	YEKUANA	SANUMÃ	YANOMAMI	MAYONGONG	XIRIANA	XIRIXANA	INDIGENA				
ATENDIMENTOS																	
ACOMPANHAMENTO DE INTERPRETE	115	37	2	2	9	4	3	8	20		1						201
BIOPSIA								1	1								2
COLPOSCOPIA								2	2								4
CONSULTAS NO AMBULATORIO DO CRSM	3							2	7								12
EMERGÊNCIA	12	1	1						2								16
EXAME LABORATORIAL	9	2			2		1										14
INTERNAÇÃO E ALTA	58	22	1	2	4	3		1	4								95
PRÉ E PÓS OPERATÓRIO								1	1								2
TESTE DO PEZINHO	12	8			3												23
TESTE DO ORELHINHA																	0
ULTRA-SONOGRAFIA	18	2				1	2	1	3		1						28
PLANEJAMENTO FAMILIAR NO CRSM	3	2															5
PRÉ NATAL DE ALTO RISCO																	0
TOTAL	230	74	4	4	18	8	6	16	40	0	2	0					402